UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

IARA RIBEIRO PAIXÃO

**PESQUISA-AÇÃO EMANCIPATÓRIA PARA CONSTRUÇÃO DE
MATERIAL DE APOIO A ATIVIDADES EDUCATIVAS SOBRE
DROGAS**

SÃO PAULO
2016

IARA RIBEIRO PAIXÃO

**PESQUISA-AÇÃO EMANCIPATÓRIA PARA CONSTRUÇÃO DE
MATERIAL DE APOIO A ATIVIDADES EDUCATIVAS SOBRE
DROGAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Enfermagem na Atenção Primária em Saúde no Sistema Único de Saúde da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do Título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Cuidados em Saúde

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cassia Baldini Soares

**SÃO PAULO
2016**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Catálogo na Publicação (CIP)
Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Paixão, Iara Ribeiro
Pesquisa-ação emancipatória para construção de material de apoio a atividades educativas sobre drogas / Iara Ribeiro Paixão. São Paulo, 2016.
130 p.

Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cássia Baldini Soares
Área de concentração: Cuidados em Saúde

1. Usuários de drogas. 2. Educação em saúde. 3. Jovens. 4. Enfermagem. 5. Pesquisa-ação. I. Título.

Nome: Iara Ribeiro Paixão

Título: Pesquisa-ação emancipatória para construção de material de apoio a atividades educativas sobre drogas.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Enfermagem na Atenção Primária em Saúde no Sistema Único de Saúde da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra em Ciências.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

À juventude, em especial negra e pobre, que mais sofre com a política de guerra às drogas.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que mesmo com as adversidades da vida desempenharam um papel imprescindível na minha formação pessoal e profissional.

À professora Cassia Baldini Soares, por toda a paciência na orientação e por ter ampliado a minha visão de mundo.

À minha irmã Manoela, que sempre foi minha parceira no trabalho, nos estudos e na vida.

Ao Noel, companheiro que sempre esteve ao meu lado e acreditando que tudo daria certo.

À SUVIS Itaim Paulista/Curuça, em **especial a Eunice e Isabel**, pela solidariedade e compreensão nos momentos em que precisei me ausentar.

Ao grupo de pesquisa, que acreditou no desafio proposto e fez com que eu não me sentisse sozinha durante o processo. **Em especial, Alva, Elda e Luiza**, pelas contribuições na finalização do trabalho.

À Aline, que me amparou nos momentos de angústia e acompanha o meu percurso na vida acadêmica.

À minha prima Irisângela, que mesmo longe está sempre presente e atenta a tudo que acontece.

Ao pessoal da Maria Augusta, pela torcida, **em especial a Elizete**, pelo carinho e o apoio nos momentos difíceis.

À minha prima Regiane, tia Ione e meu irmão Aurélio, que estiveram comigo no momento que mais precisei.

À Adriane, que contribuiu significativamente no desenvolvimento do meu autoconhecimento, tornando a vida mais leve.

À Renata, que desde a infância acompanha a minha trajetória e suportou a minha ausência.

EPÍGRAFE

*Um dia me disseram
Quem eram os donos da
situação
Sem querer eles me deram
As chaves que abrem esta prisão
E tudo ficou tão claro
O que era raro ficou comum
Como um dia depois do outro
Como um dia, um dia comum*

*A vida imita o vídeo
Garotos inventam um novo
inglês
Vivendo num país sedento
Um momento de embriaguez*

*Somos quem podemos ser
Sonhos que podemos ter*

Somos quem podemos ser

Engenheiros do Hawaií

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Artigos selecionados de acordo com as fontes de dados.....	26
Quadro 2 – Caracterização dos participantes da pesquisa	48
Quadro 3 – Temas das oficinas e textos de apoio.....	52

LISTA DE SIGLAS

AB	Atenção Básica
AIDS	Síndrome da imunodeficiência adquirida
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CAPS/AD	Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas
CPTM	Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ESF	Estratégia Saúde da Família
FHC	Fernando Henrique Cardoso
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
PA	Pesquisa-Ação
PAE	Pesquisa Ação Emancipatória
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
PME	Pesquisa Mensal de Emprego
PME	Pesquisa Mensal de Emprego
PSE	Programa Saúde na Escola
RD	Redução de Danos
SMS	Secretaria Municipal da Saúde
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNDOC	Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime

PAIXÃO RI. Pesquisa-ação emancipatória para construção de material de apoio a atividades educativas sobre drogas [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2016.

RESUMO

Introdução: O objeto desta investigação são os materiais educativos de apoio a atividades educativas, com jovens. Historicamente as políticas públicas no campo das drogas estão alicerçadas no paradigma proibicionista, o que tem conduzido práticas educativas prescritivas e de caráter amedrontador. Parte expressiva dos materiais educativos e de divulgação sobre drogas apresenta conteúdo e forma questionáveis, uma vez que o jovem é tomado como vulnerável ou em risco para a dependência de drogas, e que as mensagens falseiam a verdade sobre o consumo, sendo baseadas em perspectiva moralista e funcionalista. O presente estudo parte da perspectiva da Saúde Coletiva que compreende o consumo de drogas como questão social e a juventude como categoria referida à história e à condição de classe, o que significa dizer que os indivíduos que compõem as classes sociais relacionam-se de maneiras particulares com as drogas, apresentando também problemas diferentes em função dessa relação. **Objetivo:** construir material educativo de apoio sobre drogas para trabalhadores de saúde, educação, serviço social, entre outros, que lidam com jovens, a partir dos fundamentos da Saúde Coletiva e da educação emancipatória. **Método:** trata-se de pesquisa qualitativa desenvolvida com a metodologia da pesquisa-ação na modalidade emancipatória, com a participação de pesquisadores integrantes do grupo de pesquisa “Fortalecimento e desgaste no trabalho e na vida: bases para a intervenção em Saúde Coletiva”, da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, com interesse e experiência na área. O processo de elaboração foi realizado através de oficinas emancipatórias, que foram sendo pautadas de acordo com o desenvolvimento da discussão do grupo. **Resultados:** O material foi construído em 14 oficinas, que versaram sobre os seguintes temas: sociedade capitalista e estrutura de classes; valores sociais e ideologia; juventude; consumo problemático de drogas; processo saúde-doença e reprodução social; e educação emancipatória. Construiu-se o Caderno de educação sobre drogas: como trabalhar com jovens, organizado em 03 eixos: 1) dimensão estrutural, que discute a estrutura da sociedade atual; dimensão superestrutural, que discute ideologia e valores na sociedade contemporânea e relação com o consumo de drogas, e 3) respostas sociais da juventude frente às contradições sociais, com discussão sobre o fortalecimento dos jovens em suas possibilidades de organização política. Os eixos são compostos pelos seguintes elementos: um texto base; para saber mais, com indicação de filmes e outros textos; questões para discussão, com perguntas norteadoras que podem apoiar pedagogicamente o processo de discussão do texto com jovens; estratégias pedagógicas, com sugestões de atividades educativas, a serem realizadas com os jovens. **Conclusão:** O material educativo elaborado partiu de conhecimentos científicos e críticos sobre o consumo de drogas na atualidade e nesse sentido apresenta potencial para desmistificar esse consumo e expor suas contradições; o material seguiu os princípios da educação emancipatória, o que o coloca em situação favorável à aproximação com os jovens em diferentes áreas de atuação e ao encaminhamento de discussão crítica sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em saúde; Materiais educativos e de divulgação; Jovem; Usuário de drogas; Pesquisa-ação; Enfermagem.

PAIXÃO RI. Emancipatory action research for building material to support educational activities regarding drugs. [dissertation]. São Paulo (SP), Brasil: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2016.

ABSTRACT

Introduction: The object/subject matter of this research is the educational material to support educational activities related to drugs and carried out with young people. Historically, the public policies in the field of drug consumption are grounded in the prohibitionist paradigm, which has led to prescriptive and frightening educational practices. A significant portion of educational and media materials on drugs present questionable contents and forms as youth is taken as vulnerable or at risk for drug addiction, and the messages distort the truth about the consume, as they are based on moralistic and functionalist perspectives. This study is grounded on the Collective Health perspective, which posits that drug consume is a social issue and youth is a category referred to history and social class. This means that individuals who compose the social classes develop particular relationships with drugs and present different problems due to this relationship. **Objective:** based on the Collective Health and Emancipatory Education underpinnings, the aim of this investigation is to build an educational support material about drugs for workers dealing with young people in the health, education, and social service, among others fields. **Method:** it a qualitative research developed from an emancipatory approach to action research. Participants were researchers and health workers, with interest and experience in this field, and members of the research group "Strengthening and weakening in work and life: basis for intervention in collective health" from The School of Nursing of The University of São Paulo. The drafting process was conducted through emancipatory workshops, and therefore the themes were selected according to the development of the discussions. **Results:** The material was built in 14 workshops, involving discussions mainly about the following topics: capitalist society and class structure; social reproduction; social values and ideology; emancipatory education; youth and contemporary problems; problematic drug consumption and health-disease process. We created the Drug education workbook: how to working with young people, organized in three axes: 1) structural dimension which discusses the capitalist structure of current society, 2) superstructural dimension which discusses ideology and values in contemporary society and its relationship with drug consumption, 3) social responses of youth to social contradictions which discusses how to strengthen young people for political organization. The axes are made up as follows: a supporting text about the central subject of the axe; a to learn more section, indicating films and other supporting texts; a guiding questions section, to didactically support the process of discussion with young people; a pedagogical strategy section, with suggestions of activities to be developed with young people during educational processes. **Conclusion:** The educational material was elaborated based on scientific and critical knowledge of existing forms of drug consumption which permit to demystify the problematic consumption of drugs and expose its social contradictions; the material followed the principles of emancipatory education, which places it in a favorable situation to approaching young people in different areas and addressing critical discussion on the topic.

Keywords: Health Education; Educational and Promocional Materials; Youth; Drug Users; Action-Research; Nursing.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1 INTRODUÇÃO.....	16
2 REVISÃO DA LITERATURA	25
2.1 COMO SE APRESENTAM NA LITERATURA CIENTÍFICA OS MATERIAIS EDUCATIVOS.....	25
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	36
3.1 A SAÚDE COLETIVA.....	36
3.2 A COMUNICAÇÃO IMPRESSA COMO INSTRUMENTO EDUCATIVO	37
3.2.1 <i>A droga como mercadoria</i>	39
3.2.2 <i>Juventude</i>	41
4 PRESSUPOSTOS, OBJETIVOS E FINALIDADES	44
4.1 PRESSUPOSTOS.....	44
4.2 OBJETIVO GERAL	44
4.2.1 <i>Objetivos específicos</i>	44
4.3 FINALIDADE	44
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	46
5.1 TIPO DE PESQUISA.....	46
5.2 CAMPO DE ESTUDO	46
5.2.1 <i>O local do estudo</i>	46
5.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA	47
5.4 ENCAMINHAMENTO DAS ETAPAS	48
5.5 ASPECTOS ÉTICOS.....	50
6 RESULTADOS	52
7 CONCLUSÃO: IMPLICAÇÕES PARA AS PRÁTICAS	87
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E REVISÃO DA LITERATURA	90
8.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90
8.2 REFERÊNCIAS: Revisão da Literatura.....	93
APÊNDICES.....	96
ANEXO.....	99

Apresentação

APRESENTAÇÃO

Aos 19 anos comecei a trabalhar na área da saúde como auxiliar de enfermagem. A prática dos trabalhadores da saúde me incomodava e eu não conseguia elaborar o que causava incômodo. Essa angústia não me incentivava a fazer o curso de graduação em enfermagem.

Anos depois, observei um professor universitário acompanhando alunos de graduação em enfermagem em uma enfermaria de saúde mental. Este professor fazia questionamentos importantes para os alunos sobre o processo de trabalho em saúde. Os questionamentos do professor me levaram a compreender que existiam outras perspectivas em relação ao trabalho em saúde que eu desconhecia. A partir dessa compreensão decidi prestar vestibular para a Graduação em Enfermagem.

Durante a graduação, na Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo – EEUSP, participei de discussões sobre políticas de saúde a fim de compreender as questões que giram em torno do trabalho em saúde. Na sequência, minha pesquisa para a conclusão do curso foi supervisionada pela Prof^a Cássia Baldini Soares que investiga a determinação social do processo saúde-doença. Nessa pesquisa¹ foram analisados materiais educativos impressos sobre drogas de diversas instituições brasileiras. A aproximação com o referencial teórico da Saúde Coletiva permitiu entender minha própria história. Isto é, jovem que pertencia a um determinado grupo social, vivendo na periferia, e se deparando com as dificuldades de inserção no mercado de trabalho e na vida acadêmica.

Minha primeira experiência profissional como enfermeira ocorreu na Estratégia Saúde da Família do município de São Paulo e o referencial teórico da Saúde Coletiva me permitiu realizar discussões com os profissionais sobre o processo de trabalho em saúde, especialmente, com o objetivo de diminuir o caráter autoritário e prescritivo das práticas de saúde.

¹ Cardoso BS, Paixão IR, Soares CB, Coelho HV. Materiais Educativos sobre drogas: uma análise qualitativa. *Saúde e Trasn Soc.* 2013; 4(2): 149-56.

Atualmente, trabalho na vigilância epidemiológica, como interlocutora do programa de tuberculose com as Unidades Básicas de Saúde (UBS), oferecendo apoio técnico em saúde.

1. Introdução

1 INTRODUÇÃO

O objeto desta investigação são os materiais educativos de apoio a atividades educativas sobre drogas, com jovens.

O começo do século XX instaurou um período histórico de notável intolerância ao uso de drogas, denominado de proibicionismo (Santos, 2008). Essa intolerância vem gerando diversas políticas estatais de saúde e social, que têm em comum o fim do consumo de drogas ilícitas (Alves, 2009).

A política de guerra às drogas parte da ideia de que é possível existir uma sociedade livre de drogas, negligenciando as dimensões históricas, sociais, culturais e individuais envolvidas em seu consumo. Apesar de haver programas de prevenção predominantemente baseados na abordagem da guerra às drogas, críticas vêm se acumulando a este modelo de atenção à saúde para os consumidores de drogas (Soares, Jacobi, 2000).

A Política de Redução de Danos (RD) advém, a partir da década de 1980, da descoberta e do aumento de casos da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), quando se tornou problema de Saúde Pública. No início desenvolveram-se estratégias de RD para o consumo de droga injetável (Santos, 2008), que estaria diretamente relacionada à transmissão do HIV (Soares, Jacobi, 2000).

“Em função da implantação de vários programas e suas inovações, bem como dos resultados obtidos, principalmente no campo da AIDS, a RD tornou-se uma Estratégia de Saúde Pública em países da Europa, América do Norte e do Sul e Oceania.” (Santos, 2008, p. 22).

No Brasil, no ano de 2003, a estratégia de RD foi introduzida oficialmente na política do Ministério da Saúde para Atenção Integral aos Usuários de Álcool e Outras Drogas. Essa política incentiva o protagonismo dos consumidores de drogas na construção de políticas públicas e a elaboração de materiais educativos como uma das estratégias de comunicação em saúde (Brasil, 2004).

Em contrapartida, em 2005, foi publicada a Política Nacional sobre Drogas proveniente do Gabinete de Segurança Institucional (Brasil, 2005), cujo conteúdo está identificado com a política de “guerra às drogas” (Coelho et al., 2012; Kantorski, Souza, 2007). Compreende-se que as duas concepções políticas -guerra às drogas

ou redução de danos - norteiam as ações em educação/prevenção sobre drogas no Brasil (Soares, Jacobi, 2000).

Desde 2005, momento histórico da publicação da Política Nacional sobre Drogas no Brasil, os jovens constituem a maior população carcerária e parte significativa dos crimes está relacionada com o tráfico de drogas (Brasil, 2015). As estatísticas também são alarmantes quando se compara a relação de vítimas por arma de fogo entre a população jovem (15 a 29 anos) e não jovem (população com menos de 15 anos e com 30 ou mais anos). No Brasil em 2012, morreram 285% mais jovens do que não jovens (Waiselfisz, 2015). É importante ressaltar que a faixa etária de 15 a 29 anos representava 26,9 % do total da população em 2010².

Segundo Boiteux (2015), o tráfico de drogas recruta jovens da periferia que, geralmente, não estão inseridos no mercado formal de trabalho e oferece rendimentos que aumentam consideravelmente o poder de consumo. O resultado do trabalho dos jovens no tráfico de drogas é a violência por parte da polícia com o aval do Estado, como por exemplo, no município do Rio de Janeiro (RJ), a polícia tem o poder de matar quem é considerado traficante, criminalizando principalmente negros e pardos que residem nos bairros pobres.

Portanto, a abordagem de guerra às drogas tem resultados perversos para a juventude (Boiteux, 2015), pois é uma política de controle social que impõe principalmente às populações pobres o sistema de “recuperação” prisional ou de tratamento com o objetivo de cessar o uso de drogas na sociedade (Soares, 2007).

As políticas públicas brasileiras para os adolescentes e jovens

Em primeiro lugar é preciso posicionar-se quanto aos termos adolescência e juventude. Observa-se que as expressões adolescência e juventude têm sido empregadas como sinônimos. O termo adolescência tem sido utilizado pela área da saúde, a partir do referencial biomédico, que tem como objeto a puberdade, etapa do ciclo vital. A clínica é o principal instrumento de trabalho para cuidar dos

²Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [internet]. Brasil; 2010. [atualizado 2010; citado 2015 set. 27]. Disponível em: http://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php

problemas de saúde provenientes dessa transformação biológica. Existe uma delimitação rígida por faixa etária, de forma que a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera adolescência o período de 10 a 19 anos e juventude o de 15 a 24 anos.

Neste trabalho iremos considerar juventude como categoria social (Soares, 2009), conforme discutiremos no capítulo teórico. Trata-se socialmente de uma etapa da vida intermediária entre a vivência da infância e a da adultez, que assume características de transição para o mundo do trabalho no modo de produção capitalista. Nesse sentido, se deve buscar compreender a importância da família e também da escola na socialização dos jovens. O lugar social da escola “[...] está ligado ao processo de formação da força de trabalho e de preparação do indivíduo para as responsabilidades sociais (civis, políticas, etc.) (Viana, 2012, p.173)”. Esse processo será diferenciado dependendo da classe social a que o jovem pertence. Com a atual precarização do trabalho e o crescente desemprego, os grupos sociais que pertencem a frações instáveis da classe trabalhadora apresentam dificuldade maior na inserção do mercado de trabalho. Em função da dificuldade do jovem de se inserir na vida adulta através do emprego formal, vem se ampliando o tempo de escolarização em grupos sociais que podem arcar com a redistribuição da renda no núcleo familiar, de forma que viver a juventude está na dependência das condições de vida (Viana, 2012).

Amarante e Soares (2009) se apoiaram em Sposito e Carrano (2003) para definirem políticas sociais públicas:

As políticas sociais públicas são instrumentos de natureza jurídica que funcionam por meio de um conjunto de ações articuladas pelo Estado com a finalidade de cumprir um objetivo de interesse público e que, na prática, resultam em disputas sociais entre os interessados. Por isso têm caráter histórico e dependem da correlação de forças no interior da sociedade. Elas enquadram ações de governo tanto na prestação direta de serviços pelo Estado quanto no monitoramento de programas por outros agentes da sociedade civil (Amarante, Soares, 2009, p 43).

Sposito e Carrano (2003) avaliaram as políticas públicas brasileiras relacionadas à juventude durante o período de 1995 até 2002. A partir da década de 1990, consideram que o aumento das redes de narcotráfico e das mortes violentas na população jovem, ora como vítima ora como protagonista orienta a construção das políticas públicas de combate à criminalidade.

Na esteira dos indicadores sociais e no clamor público do combate à violência, no segundo mandato consecutivo de FHC, se desenham ações

que teriam a pretensão de se constituírem em instâncias coordenadoras de políticas de juventude. Sob a égide da segurança pública foi criado o Programa do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, sob o controle de um general do exército, num claro simbolismo da “guerra” que deveria se travar pela salvação da juventude das garras do crime, do tráfico e da violência (Sposito, Carrano, 2003, p. 30).

Nesse mesmo contexto havia mobilizações sociais que almejavam políticas públicas estruturadas no direito e na cidadania, principalmente após a construção do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990, que ampliou os direitos sociais dos adolescentes na faixa etária dos 12 aos 18 anos, quando se compara com o Código de Menores, “[...] que se referia especificamente a menores em situação irregular” (Amarante e Soares, 2009, p. 45).

A promulgação do ECA, em 1990, foi o principal indutor de políticas sociais destinadas a crianças e adolescentes, sobretudo na Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça. Programas e ações foram criados, não mais com base na ideologia do menor em situação irregular, mas na doutrina cidadã de proteção integral aos adolescentes em conflito com a lei (Sposito e Carrano, 2003, pg. 30).

A avaliação das políticas públicas de Sposito e Carrano (2003) revelou diferentes concepções sobre os jovens, que estavam em disputa na construção das políticas: o jovem era o problema ou os problemas vivenciados pelos jovens é que deveriam ser superados, como o desemprego, a violência e o narcotráfico?

O desemprego se mantém significativamente maior entre a população jovem de 15 a 24 anos quando se compara com a faixa etária de 25 a 65 anos. Acompanhando a série histórica de janeiro de 2006 até dezembro de 2012 da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), a taxa de desemprego dos jovens era de 16%, enquanto para a população não jovem era de 5% (Reis, 2015). Quando ocupam os postos de trabalho, parte significativa se concentra na informalidade. Em 2013, 60% dos jovens entre 15 e 17 anos que estavam trabalhando não chegavam a receber um salário mínimo por mês (Silva, Oliveira, 2015).

Silva e Oliveira (2015) mostram esse quadro de desproteção da juventude, mas o que estava em discussão no congresso era a proposta de emenda à Constituição (PEC 171/1993), que prevê alteração no artigo 228 da Constituição Federal de 1988, reduzindo a maioria penal de 18 para 16 anos. A Câmara dos Deputados aprovou, em 30 de junho de 2015, em primeiro turno a PEC 171/1993 e foi encaminhada ao senado³, que engavetou o projeto, mas aprovou, em 14 de julho

³Supremo Tribunal Federal [Internet]. Brasília; 2015; [citado 2015 set.20]. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=29537>

de 2015, a lei nº 333/2015, que aumenta o limite do tempo de internação do jovem infrator que era de três anos para dez anos. A lei foi encaminhada, em 04 de agosto de 2015, para a câmara dos deputados e aguarda aprovação⁴.

“[...] dos 21 milhões de adolescentes que vivem no Brasil, menos de meio por cento (0,013%) cometeu atos contra a vida, isto é, cumpriam medidas sócio educativas de privação de liberdade por atos análogos a homicídio, latrocínio, estupro e lesão corporal. Apesar de alguns adolescentes estarem cometendo atos reprováveis, a maioria das informações disponíveis dão conta de que um conjunto expressivo dos jovens estão desprotegidos das políticas públicas e dos direitos sociais básicos e são, ainda, vítimas de violência, e não autores, conforme grande parte da sociedade acredita (Silva, Oliveira, 2015, p.12).

A experiência do município de São Paulo em relação aos programas de saúde voltados ao consumo de drogas

A criação do Sistema Único de Saúde⁵ (SUS) foi um marco importante na história das políticas públicas direcionadas ao grupo jovem, pois ampliou o direito à saúde a todos os cidadãos. Entre 1996 e 2000, São Paulo não implementou o SUS, o que causou desarticulação entre os entes federativos, trazendo repercussões sobre as políticas públicas voltadas para os adolescentes e jovens (Amarante, Soares, 2009, p.50).

Com a mudança de gestão, em 2001, o município de São Paulo apresentou compromisso maior com as políticas públicas voltadas à juventude. Estabeleceu-se que a Unidade Básica de Saúde (UBS) seria a principal porta de entrada dessa população no sistema de saúde. O objetivo era garantir o acesso aos serviços de saúde, conforme os princípios e diretrizes do SUS, mas até recentemente ainda se

⁴ Senado Federal. Projeto de Lei do Senado nº 333, de 2015 [Internet]. Brasília; 2015 [citado 2016 out. 16]. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/121572>

⁵O Sistema Único de Saúde (SUS) foi criado pela Constituição Federal de 1988 e regulamentado pelas Leis n. 8.080/90 e n. 8.142/90, com a finalidade de alterar a situação de desigualdade na assistência à saúde no Brasil, tornando obrigatório o atendimento público a qualquer cidadão, não cabendo cobrança pelo atendimento em nenhuma situação ou sob qualquer pretexto. Com ele se previa a superação dos insuficientes sistemas de proteção social anteriores e respostas mais amplas às necessidades de saúde. É assim que tanto a Constituição Federal quanto as Leis orgânicas da Saúde estabelecem que saúde é direito de todos e dever do Estado, e suas ações e serviços devem ser organizados com a participação da população (Amarante e Soares, 2009, p. 45).

restringia a responder a demandas espontâneas, como, as relacionadas à saúde reprodutiva dos jovens (Amarante, Soares, 2009).

Em 2004, a Portaria n.527/2004 - SMS⁶ determinou o direito a atenção integral à saúde entre jovens de 10 a 24 anos. Esta portaria ampliou a faixa etária garantida pelo ECA. Entretanto, em 2006 com a mudança de gestão, uma nova portaria n.1448/06-SMS⁷ direcionou a atenção à saúde do adolescente à faixa etária de 10 a 19 anos, divergindo da portaria anterior e limitando a idade da população a receber atenção integral (Amarante, Soares, 2009).

A cidade de São Paulo vem aderindo aos programas provenientes da esfera federal. Em 2007, o Ministério da Saúde (MS) publicou o decreto n. 6.286/2007, que instituiu o Programa Saúde na Escola (PSE), cuja finalidade é fortalecer a formação integral dos alunos matriculados da rede pública da educação básica. Uns dos objetivos é a formação de um sistema de atenção direcionado à promoção da cidadania e aos direitos humanos. Ademais, visa proporcionar maior participação da população nas políticas de educação básica e de saúde. A estratégia proposta para alcançar tais objetivos é a articulação entre as redes públicas de ensino e de saúde. Assim sendo, a prevenção e redução do consumo de álcool e drogas são ações a ser efetivadas através do PSE. Os contextos escolar e social são considerados importantes para o planejamento das ações do PSE (Brasil, 2007). O município de São Paulo aderiu ao PSE em 2013⁸, programa que entende que as ações de prevenção/educação de drogas são essenciais.

⁶São Paulo. Prefeitura Municipal de São Paulo. Portaria SMS. G n. 527, de 20 de agosto de 2004. [Internet]. São Paulo; [citado 2015 jun.24]. Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/legislacao/index.php?p=6291>

⁷São Paulo. Portaria SMS-SP nº 1448/06. Programa de Atenção a Saúde do Adolescente [Internet]. São Paulo; 2006 [citado 2015 jun. 24]. Disponível em <http://www.cremesp.org.br/?siteAcao=LegislacaoBusca¬a=352>

⁸São Paulo. Escola Municipal de Saúde [Internet]. São Paulo; [citado 2015 jun. 24]. Disponível em: [\[http://intranet.saude.prefeitura.sp.gov.br/areas/crsleste/assessoria-tecnica-1/saude-na-escola\]](http://intranet.saude.prefeitura.sp.gov.br/areas/crsleste/assessoria-tecnica-1/saude-na-escola)

Ainda em 2013, na rede da Escola Municipal de Saúde⁹, aparece o projeto “Rede Sampa- Saúde Mental Paulistana – Educação Permanente em Saúde: Ações para o Fortalecimento da Rede de Atenção Psicossocial”. A Escola Municipal de Saúde ofereceu um curso aos profissionais de saúde no qual estava incluída a história e a epidemiologia do consumo de drogas e a estratégia de atenção aos consumidores de drogas assentada nas estratégias de RD. São destacadas neste curso que a identificação de situações de risco e o atendimento familiar são estratégias importantes para o atendimento do adolescente.

Em 2014, o município de São Paulo, através do decreto n. 55067/2014, regulamentou o programa “De Braços Abertos”, com o apoio do Ministério da Saúde. Este programa faz parte do programa de combate às drogas: “*Crack, é possível vencer*”¹⁰, de 2012. O objetivo do Programa “De Braços Abertos” (PDBA) é promover a reabilitação psicossocial da população que faz uso prejudicial de drogas (São Paulo, 2014). De acordo com análise de Cavalcanti, Cordeiro e Soares (2015), embora o PDBA humanize as relações sociais com indivíduos marginalizados, estes continuam na dependência de políticas reparadoras instáveis e que se limitam a prover o mínimo, sem que se transformem as condições de vida que determinam a marginalidade e o consequente contato com as drogas.

Em 2014, o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNDOC) e o MS, por meio da coordenação geral de saúde mental, realizaram oficinas com os profissionais de saúde e da educação para expandir o Programa -#Tamojunto¹¹ -, que tem como objetivo a prevenção do consumo de drogas por meio de ações intersetoriais no âmbito da educação e da saúde. A estratégia do programa “#Tamojunto” é incentivar o debate a respeito do consumo de drogas entre alunos de 10 a 14 anos de idade, de forma que a linguagem seja mais próxima do contexto do jovem.

Os vários programas de saúde relacionados com o tema drogas evidenciam necessidade de ações intersetoriais, com articulação entre as secretarias municipais

⁹Escola Municipal de Saúde [internet]. São Paulo; [citado 2015 jun. 19]. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/escolamunicipaldesaude/projeto-rede-sampa-sade-mental-paulistana-roda-conversa-infancia>

¹⁰Brasil. Cidadania e Justiça. Crack é possível vencer [internet]. 2011; [citado 28 jun. 2015]. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/crack-e-possivel-vencer>

¹¹Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime [internet]. [citado 2015 jun. 15]. Disponível: <http://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2014/08/21-unodc-e-ministerio-da-saude-expandem-versao-brasileira-de-programa-de-prevencao-ao-uso-de-drogas-nas-escolas.html>

de educação, assistência social e saúde (principalmente os profissionais da Atenção Básica¹² (AB)).

Coelho (2012) discutiu as práticas desenvolvidas nos serviços de saúde da AB para pessoas que fazem uso de drogas de forma prejudicial, o estudo ocorreu em UBS do município de São Paulo. O estudo denunciou como as práticas de saúde relacionadas ao consumidor de drogas se mostram frágeis, fragmentadas; e a existência de valorização do instrumento da clínica como forma principal de abordar a problemática. Apesar da AB ser considerada a coordenadora do cuidado de determinado território, as ações programáticas provenientes do MS determinam as atividades para certos grupos prioritários e certos resultados esperados, dificultando que os trabalhadores e usuários dos serviços possam compreender as necessidades da realidade local.

Até o presente, portanto, não há acúmulo histórico em relação à atenção a usuários de drogas na AB, o que vem situando os trabalhadores dessa área na periferia do debate sobre o cuidado com esse grupo. A análise da bibliografia na área permite perceber a escassez e/ou ausência de práticas direcionadas aos usuários de drogas na AB. Esse âmbito de atenção não é historicamente considerado na atenção aos usuários de drogas, identificados como doentes/dependentes; quando demandam a AB são tradicionalmente encaminhados a serviços especializados, como o Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD) ou de internação (Coelho, Soares, 2014, p. 112).

¹²A Atenção Básica caracteriza-se por um conjunto de ações de saúde, no âmbito individual e coletivo, que abrangem a promoção e a proteção da saúde, a prevenção de agravos, o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação e a manutenção da saúde. É desenvolvida por meio do exercício de práticas gerenciais e sanitárias democráticas e participativas, sob forma de trabalho em equipe, dirigidas a populações de territórios bem delimitados, pelas quais assume a responsabilidade sanitária, considerando a dinamicidade existente no território em que vivem essas populações. Utiliza tecnologias de elevada complexidade e baixa densidade, que devem resolver os problemas de saúde de maior frequência e relevância em seu território. É o contato preferencial dos usuários com os sistemas de saúde. Orienta-se pelos princípios da universalidade, da acessibilidade e da coordenação do cuidado, do vínculo e continuidade, da integralidade, da responsabilização, da humanização, da equidade e da participação social (Brasil, 2006, p.10).

2. Revisão da Literatura

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 COMO SE APRESENTAM NA LITERATURA CIENTÍFICA OS MATERIAIS EDUCATIVOS

O levantamento bibliográfico buscou apreender os estudos que abordavam os materiais educativos, ainda que não dissessem respeito à juventude e drogas. As buscas foram realizadas nas seguintes fontes de informações: LILACS, SCIELO e Google Acadêmico. Não houve limitação de data e de idioma. As estratégias para as buscas foram realizadas de acordo com cada fonte de informações.

A primeira busca na base de dados LILACS ocorreu em 15/02/2015. Foram utilizados os descritores materiais educativos e divulgação. Os critérios de inclusão dos textos para leitura na íntegra foram: artigos de análise de material educativo, processo de construção ou utilização de material educativo como instrumento para a prática educativa. Na primeira busca foram encontrados 46 trabalhos, e foram selecionados 21. Uma nova busca foi realizada em 22/02/2015 com os seguintes descritores: comunicação e drogas de abuso. Foram encontrados três trabalhos e selecionado apenas um.

No portal SCIELO a primeira busca ocorreu em 01/03/2015. Foram utilizados os seguintes índices e operador booleano: linguagem and drogas. Foram encontrados 15 artigos e selecionados dois. A segunda busca ocorreu em 20/03/2015 e foram utilizados os seguintes assuntos e operador booleano: mídia and drogas, sendo encontrados dois artigos que foram incluídos na revisão.

Na literatura cinzenta GOOGLE ACADÊMICO a busca ocorreu em 30/03/2015. Foi utilizada a seguinte expressão entre aspas: “materiais educativos e de divulgação”. Foram encontrados 65 artigos e selecionado um, pois era o único que relacionou o tema drogas com materiais educativos.

Acrescentou-se um artigo na literatura cinzenta de membros do grupo de pesquisa “Fortalecimento e desgaste no trabalho e na vida: bases para a intervenção em Saúde Coletiva”. O estudo foi realizado por Lopez, Soares, Oliveira (2014), que realizou revisão narrativa da literatura sobre a participação de jovens na elaboração e desenvolvimento de programas de educação sobre drogas.

O quadro 01 mostra o número de publicações selecionadas para leitura na íntegra, provenientes de cada fonte de informações.

Quadro 1 - Artigos selecionados de acordo com as fontes de dados

FONTE DE DADOS	ARTIGOS INCLUÍDOS
LILACS	22
SCIELO	04
GOOGLE ACADÊMICO	02
TOTAL DE ARTIGOS	28

Dessa forma, 28 artigos foram incluídos e analisados.

Análise dos artigos encontrados na base de dados LILACS

Os artigos encontrados na base de dados LILACS basicamente abordavam dois tipos de materiais educativos: os materiais impressos e as multimídias, que são sistemas que combinam “som imagens estáticas, animação, vídeo e textos, com funções educativas, entre outras” (Michaelis, 2008)”.

Os autores consideram que os materiais educativos, impressos ou em multimídia, servem de instrumentos para a ação educativa. Estes materiais podem ser utilizados tanto por profissionais de saúde, como por educadores (Assis, Schall, Pimenta, 2013; Oliveira, 2012; Nespoli, Ribeiro, 2011; Fracolli, Chiesa, 2010; Freitas, Cabral, 2008; Pimenta, 2008). Tais materiais buscam proporcionar diálogo mais próximo entre educadores e educandos (Fracolli, Chiesa, 2010; Nogueira et al., 2011; Xavier et al., 2011).

Um estudo destacou a utilização da multimídia, neste caso o CD-ROM, tendo como recurso principal o computador. O material educativo tinha por tema a dengue. O material foi desenvolvido para os profissionais de saúde se atualizarem sobre o tema. O CD-ROM, além de possibilitar o armazenamento de grande quantidade de informação, proporciona a interação com o leitor. A autora salienta a vantagem do material educativo não precisar de acesso à internet, visto que este acesso ainda é limitado por parte expressiva da população no Brasil (Pimenta, 2008).

Outros estudos destacaram a importância da interação dos jovens com os materiais educativos, desde sua construção, como a construção de um jogo

educativo realizado de forma compartilhada com adolescentes de uma comunidade de Belo Horizonte (Nogueira et al., 2011). A utilização de um software como apoio para realizar uma exposição dialogada, em uma sala de espera de um ambulatório de ginecologia foi considerada importante para promover a participação das mulheres na compreensão da doença que as acometia (Oliveira, 2011). Os filmes foram destacados como instrumentos que podem abordar diversos temas, iniciando o debate sobre os problemas de saúde (Xavier et al., 2011).

Dentre os trabalhos encontrados, há predomínio das análises de materiais impressos, tais como: folder, cartilhas, cartazes e folhetos, quando comparados com os demais tipos de materiais educativos. Isso se justifica porque historicamente os materiais impressos são utilizados em grande quantidade (Fernandez, Manrique, Saavedra, 2010). Para compreender o que está sendo construído e divulgado em relação à educação em saúde, aponta-se para a necessidade de avaliação (Assis, Schall, Pimenta, 2013).

A seguir, são descritos os principais pontos salientados pelos pesquisadores para serem considerados na elaboração/construção de materiais educativos.

- Na elaboração do material educativo sobre quaisquer temas deve-se levar em consideração o conhecimento e as experiências da população com quem se deseja dialogar.

Na elaboração do material educativo deve ser levado em consideração o conhecimento anterior do educando (Silva, 2012; Nogueira et al., 2011; Oliveira, 2011; Freitas, Rezende, 2011). Para tanto, deve-se realizar uma investigação prévia do conhecimento dos educandos sobre o tema a ser abordado (Silva, 2012; Cabello, Moraes, 2010).

Na construção do material educativo deve-se investigar com os educandos sua realidade social e suas representações sobre os temas a serem abordados no material educativo (Nogueira et al., 2011). Ignorar a realidade local e os conhecimentos anteriores dos indivíduos sobre o tema tem consequência decisiva na seleção de conteúdo do material. Caso tais ações não sejam realizadas, o material será construído com base no julgamento dos profissionais, ou seja, os mesmos imaginam as questões que seriam pertinentes aos educandos (Freitas, Rezende, 2011).

Os materiais educativos de instituições públicas são construídos provavelmente por agências de publicidade, que não utilizam consultoria

especializada, o que pode deixar os conteúdos dos materiais distantes da realidade dos educandos (Nogueira, 2008).

- É de importância fundamental a participação dos educandos na elaboração do material educativo.

Ainda que a participação dos educandos na construção dos materiais educativos seja considerada como ponto de partida primordial para dialogar com os indivíduos (Mialhe, Silva, 2008; Nogueira et al., 2011; Oliveira et al., 2007; Silva, 2012;), tal participação, raramente, é encontrada nos materiais educativos impressos, como foi evidenciando em uma pesquisa de revisão bibliográfica (Freitas, Rezende, 2011).

Nogueira et al. (2011) enfatizam a importância da comunicação e da reflexão entre os profissionais de saúde com os jovens sobre o tema a ser estudado, pois permite que o material não tenha função meramente informativa.

Salienta-se ainda o estudo de Pimenta (2008), que descreveu a adaptação de material educativo proveniente de outro país para a realidade brasileira. O estudo buscou ressaltar a importância da escrita conjunta com diversos profissionais, com o propósito de aproximar o conteúdo do material à realidade brasileira.

- Faz-se necessário levar em consideração a linguagem da população com quem deseja dialogar.

A preocupação com a linguagem é recorrente na análise dos materiais impressos (Freitas, Cabral, 2008; Mialhe, Silva, 2008). Uma das recomendações é a que a linguagem dever ser de fácil compreensão para o grupo ao qual o material se dirige (Freitas, Cabral, 2008). Freitas e Rezende (2011) realizaram uma revisão bibliográfica e problematizaram a linguagem. Os autores pontuaram que adequar a linguagem aos grupos para aos quais estão se dirigindo não significa transformar o conteúdo científico em algo simples e direcionado apenas para o aspecto cognitivo do leitor. Os autores descrevem a presença marcante de discursos impessoais e a utilização de frases na forma imperativa nos materiais analisados. Essa forma de discurso está relacionada com a transmissão de conteúdos, ou seja, mensagens do tipo prescritivas. As mensagens prescritivas foram encontradas em grande parte dos materiais educativos que os autores analisaram (Freitas, Rezende, 2011; Nogueira et al., 2011; Oliveira, 2012; Pimenta, 2008; Santos, Monteiro, Ribeiro; 2010).

- As imagens utilizadas devem estar de acordo com o tema proposto na educação.

As imagens estáticas ou em movimento, isto é, as ilustrações presentes nos materiais educativos são objetos de análise. As ilustrações possibilitam compreender as representações construídas em torno do tema. Geralmente, as imagens nos textos educativos são utilizadas acriticamente (Assis, Schall, Pimenta, 2013). A utilização de imagens aumentou consideravelmente nos materiais impressos devido à utilização das novas tecnologias as quais facilitam sua produção e distribuição. As imagens são consideradas uma preocupação recente dado o significado das leituras das imagens (Souza, Rego, Gouveia, 2010).

As imagens devem estar relacionadas com o tema e comprometidas com o conteúdo científico, elas não podem ser simplesmente ilustrações (Oliveira, 2012; Pimenta, 2008;), como: os materiais educativos sobre dengue possuem imagens impressas que apresentam o vetor *Aedes Aegypti* como causa principal da doença, apresentando um exagero no tamanho da imagem e com a ausência da informação sobre a escala da ilustração realizada (Assis, Schall, Pimenta, 2013). Além disso, as imagens do vetor se apresentam em caricatura (Assis, Schall, Pimenta, 2013; Oliveira, 2012; Pimenta 2008;). Esse contexto de responsabilização do vetor pela ocorrência da doença dificulta a problematização em relação à precariedade dos territórios, o que poderia incentivar ações no âmbito coletivo (Assis, Schall, Pimenta, 2013; Oliveira, 2012). Essa questão também estava presente na análise das imagens de vídeos educativos sobre leishmanioses, sendo encontradas representações estereotipadas e culpabilização do doente, o que dificulta a crítica social sobre a doença (Pimenta, Leandro, Schall, 2007).

- É de importância fundamental a avaliação do material educativo elaborado.

Freitas e Rezende (2011) realizaram uma revisão bibliográfica sobre materiais educativos impressos mostrando que estes raramente são avaliados pelos profissionais que o elaboram. Quando ocorre avaliação ela “[...] se apresenta de forma inconsistente, assistemática e com pequena participação dos sujeitos receptores” (Freitas, Rezende, 2011, p.10). Aponta-se que deve haver mais pesquisas sobre a avaliação da qualidade dos materiais educativos a fim de investigar se os mesmos conseguem atingir os objetivos propostos (Nogueira et al.,

2011; Santos, Rozemberg, 2005). Essas avaliações podem ser realizadas durante a construção do material (Freitas, Rezende, 2011) ou com este já em uso (Fernandez, Manrique, Bautista, 2010; Freitas, Rezende, 2011; Nogueira et al., 2011; Pimenta, 2008).

Fracolli e Chiesa (2010) realizaram a avaliação de uma cartilha sobre desenvolvimento infantil, após aproximadamente dois anos de uso. As autoras utilizaram um questionário com perguntas abertas e fechadas para avaliar a percepção dos familiares sobre a forma e o conteúdo do material.

Pimenta (2008) realizou dois tipos de avaliação antes de finalizar a elaboração de material educativo. A primeira avaliação foi realizada com especialistas em multimídia, para verificar possíveis problemas que poderiam dificultar o bom desempenho do material. A segunda avaliação foi realizada com dez profissionais representativos do grupo que o material educativo propunha alcançar, por meio de uma entrevista semiestruturada, após terem utilizado o material. O objetivo era corrigir possíveis dificuldades de interação com o material.

Outro tipo de avaliação encontrada é a mensuração do índice de legibilidade¹³ do impresso. Em uma pesquisa, que avaliou materiais educativos para idosos, utilizando o índice de legibilidade, verificou-se que 48% dos materiais educativos apresentavam leitura difícil ou muito difícil, parte significativa proveniente do Ministério da Saúde (MS) (Moreira, Silva, 2005).

- Identificar as concepções presentes no material educativo sobre determinado fenômeno.

Há a necessidade de estudar os materiais produzidos pelas campanhas de prevenção do consumo de drogas. Esses materiais, geralmente, são produtos de política de comunicação do Estado ou de outras instituições e revelam o posicionamento do Estado para com um determinado fenômeno (Marinho, 2005).

As campanhas de prevenção governamentais e não governamentais relacionadas ao tema drogas, no Brasil, acabam em grande parte disseminando preconceito e exclusão em relação ao consumidor de drogas. Um dos principais problemas nas campanhas de prevenção do consumo de drogas é a não contextualização do fenômeno – consumo de drogas no contexto histórico (Marinho,

¹³A mensuração do índice de legibilidade do impresso está associada aos anos de escolaridade necessários para o leitor compreender o texto (Fernandez, Manrique, Bautista, 2010; Moreira, Silva, 2005).

2005). Os textos das campanhas de educação sobre consumo de drogas geralmente são carregados de:

Ameaças e acusações, *slogans* de alerta e imagens aterrorizantes são elementos característicos das campanhas de prevenção ao uso de drogas ilícitas produzidas e veiculadas nos últimos anos. Faz-se uma ressalva à campanha que vem tentando, de forma simplista e estereotipada, propor a prevenção, abordando o consumidor como o culpado da violência gerada pelo tráfico de drogas. Essa questão é um excelente exemplo de como a questão das drogas no Brasil vem sendo tratada de forma a não se olhar uma questão crucial, que é a de como historicamente a proibição perpetuou o crime organizado e gerou violência. (Marinho, 2005, p. 4).

Nespoli e Ribeiro (2011) analisaram o material educativo do curso de formação de facilitador de educação permanente em saúde proveniente do MS. O estudo revela que o material apresenta conceitos e ideias provenientes de diferentes campos. As autoras referem que é importante identificar essas concepções, pois as mesmas são difundidas e elaboram formas de ver o mundo.

Análise dos artigos encontrados no portal SCIELO

O objetivo das próximas revisões bibliográficas foi encontrar especificamente estudos relacionados ao tema drogas, como conteúdo de materiais educativos, em especial os impressos. No portal SCIELO foram encontrados quatro estudos. Um estudo analisou os livros didáticos nos âmbitos fundamental e médio (Cotrim, Rosenberg, 1991), o outro se apoiou nesse estudo para discutir a ética em prevenção relacionada ao tema drogas. E dois estudos analisaram o que diz a mídia em relação ao consumo de drogas. A seguir a descrição dos principais pontos destacados pelos pesquisadores nos artigos.

- Nos livros didáticos, de ensino fundamental e médio, a dependência é destacada como único desfecho para os jovens consumidores de drogas.

Cotrim e Rosenberg (1991) estudaram os textos sobre consumo de drogas presentes nos livros didáticos de ensino fundamental e médio. Os autores constataram que os discursos enfatizavam a dependência como único caminho a ser percorrido pelo indivíduo que consome drogas. Há nos textos didáticos direcionados aos jovens informações, muitas vezes, sem fundamento científico. Usa-se nos textos

dos materiais a “pedagogia de amedrontamento”. Ademais, as imagens utilizadas estavam associadas aos textos, ou seja, imagens de amedrontamento.

O tema predominante nas ilustrações é a morte: caveiras, esqueletos (parciais ou completos) e túmulos. Mesmo quando a morte está ausente, o clima da ilustração é sombrio e desolador. Homens com barba por fazer, correntes que os atrelam, labirintos e fundos escuros conferem, juntamente com a morte, o clima de degradação social e moral que se quer associar ao uso de drogas (Cotrim, Rosenberg, 1991, p.303).

É digno de nota que o texto de Cotrim e Rosenberg (1991) foi escrito na década de 1990, época em que as políticas atuais de atenção aos usuários de álcool e outras drogas não estavam em vigor. Nota-se nestes materiais o predomínio da ideologia de guerra às drogas.

Bucher (1994) procurou analisar a questão ética na prevenção do consumo de drogas. No resultado das análises, Bucher salienta que as verdadeiras finalidades da prevenção do uso de drogas podem estar ocultas nos elementos ideológicos. Segundo essa investigação, para que a prevenção não se constitua como ética perversa, deve-se evitar as generalizações e contextualizar o uso de droga na sociedade.

[...] o jovem tem direito a saber a verdade sobre as drogas, sem falsidade ideológica, sem mentiras, sem demagogia e sem terror. As informações, pois, devem ser objetivas e fidedignas, usadas para veicular valores que tocam o aluno, o despertam, o interessam. Assim, não procede focalizar a droga como simplesmente “ruim” ou “perigosa”, mas sim, situar a questão do consumo de drogas dentro do contexto social amplo: ele é em primeiro lugar uma realidade, a ser encarado como um sintoma – dentre uma série de outros – de um mal-estar, de um disfuncionamento social, vinculado a fatores como a injustiça social, as crises econômicas, políticas e de valores existenciais que marcam as sociedades mais avançadas (Bucher, 2007, p. 121).

■ A educação sobre drogas direcionada aos jovens pela mídia

Os textos publicados sobre drogas no período de 1990 a 1997 consideravam os jovens leitores como frágeis e incapazes de problematizar as informações recebidas, o que significa que a função do jovem era receber a informação passivamente. As informações transmitidas nos textos seguiam o discurso moralista e a ideologia de combate às drogas (Ribeiro, 1998). Importante salientar que somente no Brasil, no ano de 2003, a estratégia de RD foi introduzida oficialmente na Política do MS para Atenção Integral aos Usuários de Álcool e outras Drogas, o que pode justificar a estratégia proibicionista presente nas publicações desse período.

Rozaniet al. (2009) analisaram a mídia impressa sobre o tema drogas entre o período de 1999 até 2003. O resultado da pesquisa salientou as diversas substâncias psicoativas apresentadas na mídia. Embora os levantamentos epidemiológicos mostrem que o álcool e os solventes são as drogas mais consumidas, a cocaína e a maconha são as substâncias mais divulgadas pela mídia.

Análise dos artigos encontrados na literatura cinzenta - Google Acadêmico

Na literatura cinzenta, GOOGLE ACADÊMICO, dois estudos foram analisados. Um estudo tratou da análise dos materiais educativos impressos (Cardoso et al., 2013) e um de revisão narrativa da literatura (Lopez, Soares, Oliveira, 2014). A seguir os principais pontos salientados pelos pesquisadores.

- Nos materiais educativos impressos, geralmente a droga é considerada como entidade do mal, e os consumidores desconsiderados como sujeitos de direitos sociais.

Cardoso et al. (2013) analisaram os materiais impressos, folders e cartilhas, de instituições governamentais e não governamentais. Os pesquisadores utilizaram duas categorias para análise do material encontrado: a concepção sobre drogas e o consumidor de drogas. Nos resultados, os pesquisadores destacam que a droga é vista como uma entidade do mal. Em relação às instituições que realizaram os impressos educativos, raramente se problematizou a relação do consumo de drogas com o modo de produção capitalista. Os resultados trouxeram à luz que o consumidor de drogas, poucas vezes, é considerado como um sujeito de direitos. Segundo os pesquisadores, uma parte significativa dos materiais analisados tem identificação com a política de guerra às drogas.

- Não há evidências de participação dos jovens na construção de programas educativos sobre drogas, pela mídia.

Lopez, Soares e Oliveira (2014) realizaram uma revisão narrativa da literatura com o objetivo de identificar se havia a participação de jovens na construção de programas educativos sobre drogas midiaticizados. As autoras encontraram 33 estudos. Os estudos foram agrupados em três grupos: 1- jovens participantes da elaboração e implementação de programas de prevenção ao uso de álcool, tabaco e outras drogas; 2 – jovens multiplicadores dos programas de prevenção ao consumo

de álcool, tabaco e outras drogas; 3 - jovens como sujeitos de pesquisa a respeito dos programas de prevenção ao uso de álcool, tabaco e outras drogas. Os resultados encontrados salientaram a exclusão dos jovens do processo de planejamento e implementação de programas educativos sobre drogas. Os profissionais elaboram os programas educativos ora tendo os jovens como tema de investigação, com o papel de responder aos instrumentos sobre suas opiniões acerca das drogas e de sua oferta, ora como multiplicadores de programas por eles elaborados. Estes resultados mostram que os programas são elaborados partindo da perspectiva dos pesquisadores, e não da realidade social dos jovens.

Após a revisão da literatura, foram elaborados os seguintes questionamentos:

1. Qual o conteúdo que deve estar presente em material educativo de apoio para que o educador reflita com os jovens sobre as raízes dos problemas do consumo de drogas?
2. Como construir material não prescritivo?
3. Qual o conteúdo que deve estar presente para incentivar o educador a realizar atividades educativas que proporcionem o diálogo com o jovem e reflexão que vá além do senso comum?
4. O material irá conter indicações de referências para subsidiar a compreensão do educador sobre o consumo de drogas e a construção de atividades educativas participativas? Se houver, qual o tipo de referência?

3. Referencial Teórico

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A SAÚDE COLETIVA

A Saúde Coletiva compreende o processo saúde-doença como determinado socialmente. As inserções dos grupos sociais no trabalho determinarão seus modos de vida, o acesso à habitação, educação, saúde, cultura e proteção social. O processo saúde-doença constitui nessa relação expressão do embate entre os *potenciais de fortalecimento e desgaste*¹⁴ no modo de produção (Almeida, Trapé, Soares, 2013)

A constituição da Saúde Coletiva como campo de saberes e práticas foi iniciada a partir das críticas ao modelo hegemônico de Saúde Pública, que tem como corrente teórica o funcionalismo que:

[...] compreende a sociedade como um sistema rígido por normas, os problemas sociais são compreendidos como desvio das normas. Assim, os usuários de drogas ilícitas, por exemplo, seriam “desviantes”, já que a norma é usar somente as lícitas (Viana, Soares e Campos, 2013, p.107).

As principais intervenções realizadas pela Saúde Pública são baseadas na mudança de comportamento e na clínica, que utiliza principalmente o uso de medicamentos como forma de ação (Viana, Soares, Campos, 2013).

A redução de danos (RD), na proposta da Saúde Pública, tem fundamento na relação custo-benefício, com o objetivo de diminuir os problemas que poderiam ocorrer em decorrência do consumo de drogas. Nesse contexto, a prevenção é classificada de acordo com o avanço dos danos, ou seja, prevenção primária, secundária e terciária (Soares, Campos, 2009).

A Saúde Coletiva propõe a ampliação do conceito de RD, entendendo que a classe trabalhadora¹⁵ está submetida a um sistema de exploração, o que não lhe

¹⁴A denominação de potenciais de fortalecimento e de desgaste adotadas pela Profas. Vilma M. Queiroz e Maria Josefina (Suzy) L. Salum (1997) configurou a tentativa de decodificar os processos mediadores entre trabalho/vida e saúde/doença (Soares, 2007, p.48).

¹⁵Um conjunto de indivíduos que compartilham o mesmo modo de vida, interesses e oposição a outras classes sociais, aspectos derivados da atividade fixada pela divisão social do trabalho, que, por sua vez, é determinada pelas relações de produção dominantes. No caso do capitalismo, as diversas classes sociais existentes estão intimamente ligadas ao processo de divisão social do trabalho gerado pelas relações de produção capitalistas (Viana, 2012, p.145).

permite se apropriar dos bens que produzem. Compreender as diferenças de classe e de acesso aos bens possibilita a denúncia das raízes dos problemas advindos do consumo de drogas e o desenvolvimento de práticas que considerem o consumidor de drogas como um sujeito de direitos e que consiga realizar mudanças sociais com o objetivo da igualdade (Soares, Campos, 2009).

3.2 A COMUNICAÇÃO IMPRESSA COMO INSTRUMENTO EDUCATIVO

A educação em saúde constitui um processo de trabalho específico e também um instrumento de trabalho a compor o processo de produção do setor saúde. Diversos estudos revelam que as práticas educativas predominantemente desenvolvidas pelos profissionais de saúde reiteram ações de caráter prescritivo, cujos objetivos se restringem às mudanças de comportamento de indivíduos e grupos populacionais, a fim de alcançar um determinado padrão de normalidade sanitária, sujeitando-os nesses processos (Almeida, Trapé, Soares, 2013).

Em cada momento histórico, em face das necessidades de produção e, por vezes também em resposta às necessidades e reivindicações, a sociedade organiza instituições voltadas para a assistência à saúde. A educação em saúde articula-se com as instituições de saúde, subordina-se aos seus objetivos sociais e técnicos, assim como ao ideário técnico e científico de cada período. É possível identificar as mudanças dessas práticas ao longo do tempo, inicialmente autoritárias, sustentadas por dogmas e pelos conhecimentos da microbiologia, denominadas “higienistas”.

No Brasil, as práticas higienistas organizadas pela Saúde Pública tiveram início voltadas para os ambientes físico, social, familiar e do trabalho, afim de sanear os portos e permitir o escoamento dos produtos, com regras ditadas pela economia agro-exportadora. Posteriormente, frente ao processo de industrialização e organização dos grandes centros urbanos, as ações educativas *sanitárias* desenvolviam um mecanismo *regulador e reprodutor da ordem social e econômica*, com vistas à preservação da saúde e pronta recuperação dos trabalhadores para o processo produtivo. Com a ampliação da rede hospitalar, da indústria farmacêutica e do atendimento médico individualizado, as práticas se sustentaram no paradigma

preventivo, com ênfase no controle dos fatores de risco e na mudança comportamental que, em última instância, responsabilizava os sujeitos pelos eventos *desviantes* da normalidade (Almeida, 2009).

Essas práticas explicitam aspectos de um projeto *político-ideológico conservador* sustentado por concepções de saúde, de educação e de educação em saúde de perspectiva instrumental, descontextualizada, a favor da neutralidade que oculta o significado político do ato educativo, o que configura dessa forma a finalidade de adaptação social (Gonzaga, 1992, apud Almeida, 2009, p.46).

No final da década de 1970, as discussões no campo da educação tornaram-se relevantes em resposta aos movimentos internos do setor que clamavam pela adoção de práticas educativas contempladas pela dimensão política do processo ensino-aprendizagem, concebendo-as como instrumento necessário e mediador dos demais processos de transformação da sociedade. Dentre os ativistas da corrente revolucionária e crítica, destaca-se Dermeval Saviani¹⁶, protagonista brasileiro da pedagogia *histórico-crítica*, fortemente influenciada por teóricos marxistas (Almeida, Trapé, Soares, 2013).

No mesmo período no campo da saúde a concepção do processo saúde-doença como um fenômeno social surge no cenário latino-americano, fundamentando o campo da Saúde Coletiva. Outros movimentos sociais e de intelectuais afinados com essas visões influenciaram mudanças nos processos de trabalho, de pesquisa e de formação de profissionais. Assim, na área de enfermagem em Saúde Coletiva, se propuseram novos referenciais e novas práticas comprometidas com mudanças na produção de serviços de saúde, adotando a concepção de educação crítica como um instrumento comprometido com os interesses populares (Viana, Soares, Campos, 2013).

Saviani (2003) compreende a educação como mediadora da transformação social e propõe o processo educativo segundo as seguintes etapas: 1) reconhecimento de uma dada prática social na qual o educador e educando estão inseridos, com diferentes conhecimentos; 2) problematização da realidade visando

¹⁶Dermeval Saviani formulou a pedagogia histórico-crítica que foi introduzida no país a partir de 1979. A sua formulação pressupõe o empenho em compreender a questão educacional com base no desenvolvimento histórico objetivo, na concepção do materialismo histórico, a partir da determinação das condições materiais da existência humana e da concepção dialética da história, cujo compromisso seja a transformação da sociedade (Saviani, 2003).

identificar os principais problemas desse contexto; 3) instrumentalização dos sujeitos envolvidos a fim de que possam (re) interpretar a realidade, a partir da disponibilização de todo o conhecimento produzido; 4) catarse – a incorporação do conhecimento; 5) elaboração e desenvolvimento de novas práticas sociais.

Essa perspectiva é coerente com a perspectiva da Saúde Coletiva, que considera o processo educativo como processo de trabalho que visa compreender a determinação social dos problemas de saúde.

O processo de trabalho educativo nessa abordagem objetiva instrumentalizar os grupos e as classes sociais para compreender os determinantes do processo saúde – doença, bem como apoiar o movimento social no processo de interpelação do Estado por melhores condições de trabalho e vida e por alocação adequada de serviços de saúde (Almeida, Trapé, Soares, 2013, p. 311).

O conteúdo de um impresso com uma abordagem emancipatória teria como um dos objetivos expor as contradições da sociedade, além de esclarecer como o modo de produção determina os potenciais de desgaste e fortalecimento dos diferentes grupos sociais. Segundo Soares (2009), as ações devem buscar aperfeiçoar os potenciais de fortalecimento dos grupos sociais.

Percebe-se que o desenvolvimento de crítica descupabiliza os sujeitos acerca de suas condições de saúde e das exigências cruéis, nunca cumpridas, do trabalho. A desalienação traz alívio de sentimentos como angústia, estresse, insegurança e impotência, permitindo que os sujeitos compreendam suas situações de trabalho e vida como manifestações compartilhadas já que socialmente determinadas e passem a desenvolver práxis que incidam nos determinantes sociais e exigir a presença do Estado nos territórios de ação (Soares, Cordeiro, Campos, 2013, p. A176).

3.2.1 A droga como mercadoria

A droga sempre esteve presente na humanidade. É no sistema capitalista que são atribuídas às drogas as características de mercadoria (Soares, 2007), sendo o acesso a elas relacionado às condições sociais.

O tipo de trabalho possibilita consumir determinados produtos disponíveis no mercado e condiciona o modo de vida (Trapé, 2011; Viana, Soares, Campos, 2013). No capitalismo esses dois momentos, trabalho e vida, possuem relações contraditórias (Viana, Soares, Campos, 2013).

As dificuldades de reprodução do capitalismo, conhecidas como crises, levam a dificuldades de reprodução social. A crise da década de 70, que vigora até os

nossos dias, vem produzindo desempregados; os vínculos empregatícios tornaram-se precários, o mercado de trabalho ficou cada vez mais competitivo estimulando valores de cunho individual, ficando o sucesso profissional na responsabilidade exclusivamente individual (Soares, Campos, 2009).

Considerando que as classes sociais apresentam capacidades de reprodução social diferentes, responsabilizar o sucesso profissional com questão individual é cruel para os indivíduos de classe sociais que apresentam maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho (Soares, Campos, 2009).

Nesse contexto, a droga apresenta-se como uma mercadoria potente para responder a essas necessidades de valorização do fugaz e de enaltecimento do prazer imediato. Não é à toa que ela vem se colocando como uma opção de consumo importante para mitigar os desgastes advindos do desemprego e da flexibilização do trabalho, da desproteção social e da substituição dos laços de solidariedade pelas armadilhas da competição (Soares, Campos, 2009, p.448).

Para compreender o consumo de drogas através da perspectiva da Saúde Coletiva é necessário entender como indivíduos produzem e reproduzem sua existência na sociedade capitalista, pois, dependendo da reprodução das classes sociais em que estão inseridos os indivíduos, têm-se os diferentes desfechos do consumo de drogas (Soares, 2007).

Significa, então, compreender como a dimensão de determinação, que se refere à totalidade da vida social, se expressará diversamente entre os jovens, na relação que vão estabelecendo com a exposição às drogas, a depender das diferentes formas de reprodução social das suas famílias. Significa demonstrar que os diferentes desfechos, também eles, serão mediados por valores estruturados e incorporados diversamente a depender das diferentes formas de reprodução social das famílias: o resultado denotar-se-ia na expressão diferenciada do consumo de drogas entre os jovens, dos prejuízos advindos desse consumo e da maneira como os jovens e suas famílias acessariam recursos para lidar com o problema (Soares, 2007, p. 43).

A pesquisa de Santos (2013), no município de Santo André (SP), identificou como os valores em relação ao consumo de drogas estão incorporados de forma diferente nos diversos grupos sociais. O grupo de jovens cujas famílias mostram capacidade de reprodução social mais estável compreendeu o consumo de drogas de forma natural e não problematizou o consumo. Esses jovens atribuem ao consumo de drogas o elo para a socialização. Já os jovens cujas famílias apresentavam condições instáveis de reprodução social ressaltaram os aspectos problemáticos do consumo de drogas, principalmente das ilícitas.

Cordeiro (2013) deu destaque à relação entre a reprodução social de jovens pobres e sua cooptação pelo tráfico de drogas, como possibilidade de trabalho. Ao

mesmo tempo em que essa inserção representa parte insignificante do volume de capital circulante, a consequência da forte repressão sobre os jovens resulta, com muita frequência, nos citados desfechos desfavoráveis explicitados pelo envolvimento com a criminalidade, as mortes violentas e precoces ou o encarceramento.

Entender a questão do consumo de drogas levando em consideração a reprodução social das classes a que os jovens pertencem é fundamental para compreender a determinação desse problema social. Nesse sentido, o campo teórico da Saúde Coletiva propicia apreender os principais problemas que estão na base do consumo de drogas pelos jovens, na sociedade capitalista.

3.2.2 Juventude

Na perspectiva da Saúde Coletiva, o termo juventude é uma categoria social alicerçada no conceito de classe social e o de conflito geracional. Tal se contrapõe à Saúde Pública, que utiliza o termo adolescência com a concepção baseada na questão cronológica e naturalizando os conflitos como parte do desenvolvimento pessoal, assim desconsidera a condição de classe que o adolescente está submetido (Soares, 2009).

No modo de produção capitalista a diferença das duas principais classes sociais é determinada pela posse ou não dos meios de produção. A classe que comanda o processo de produção explora a classe que tem apenas a força de trabalho para ser vendida (Viana, Soares, Campos, 2013).

O lugar que a classe ocupa no processo de produção determina sua condição de vida. A classe trabalhadora não é homogênea, pois o desenvolvimento das forças produtivas complexificou a divisão do trabalho e os assalariados ocupam os mais variados ramos da economia (Soares, 2009). “Recorre-se, portanto, à categoria classe social para evidenciar a existência de diferentes maneiras de viver a juventude – tantas quantas são as diferenças de inserção dos jovens e de suas famílias” (Soares, 2009, p.7).

O processo de industrialização que ocorreu no século XX gerou necessidades de qualificação para o trabalho, o que refletiu no aumento da escolaridade e inclusão de grupos que não estavam na escola (Soares, 2009). A

escola e as universidades assumem um papel fundamental no processo de ressocialização da juventude, principalmente na preparação e reprodução da força de trabalho. Na organização das sociedades anteriores, existe apenas o processo de socialização, ou seja, a passagem direta da infância para a vida adulta. Portanto, a necessidade de uma nova socialização para entrar no mundo adulto é uma construção da sociedade capitalista (Viana, 2015).

[...] é possível afirmar então que a constituição da adolescência se estabeleceu diante de uma contradição, sendo ao mesmo tempo produto e foco de questionamento da sociedade de mercado. Porém, à medida que formaram um grupo, os adolescentes passaram a desenvolver interesses comuns, provocando inquietações em uma juventude que passou a perceber as incongruências do mundo adulto, expressando-as em movimentos de desacordo com ele. Parece ser esse o mecanismo que deu visibilidade à juventude como uma categoria social na sociedade moderna (Soares, 2009, p.12).

Soares (2009) e Viana (2015), apoiados na concepção de Karl Mannheim, retomam o conceito de geração como um grupo de pessoas que podem estar geograficamente afastados, mas estão inseridos em um mesmo processo histórico-social e participam de um destino comum. Dentro de uma mesma geração podem existir grupos que respondam de formas diferentes às contradições da sociedade. O conflito geracional está presente quando a nova geração contesta os valores e os comportamentos da vida adulta, dificultando a relação entre as gerações e construindo resistências para assumir o modo adulto de ser.

O movimento estudantil de 1960 recusou os padrões da sociedade de mercado e apresentou força política que influenciou mudanças sociais na época. Esse movimento era predominantemente composto pela classe média intelectualizada, o que não quer dizer que jovens de outras frações da classe trabalhadora, com condições de vida mais precarizadas, não possam denunciar as contradições da sociedade de diferentes formas, o que na atualidade pode ser visto através do hip hop, funk, grafite, rap, torcidas jovens, entre outras manifestações juvenis (Soares, 2009).

De qualquer maneira, ambas as formas de encarar a questão permitem afirmar sem questionamento que a juventude constitui uma categoria social, que deposita na vida social um sujeito histórico capaz de oferecer respostas coletivas diferentes daquelas formatadas pelos padrões sociais dominantes, que valorizam a *performance* individual" (Soares, 2009, p.14).

4. Pressupostos, Objetivos e Finalidades

4 PRESSUPOSTOS, OBJETIVOS E FINALIDADES

4.1 PRESSUPOSTOS

O grupo de pesquisa vinha problematizando a necessidade de contar com material de apoio para atividades educativas e extensionistas alinhado ao referencial da Saúde Coletiva. Partiu-se então neste estudo do pressuposto de que a experiência dos trabalhadores e pesquisadores da área de educação em saúde, drogas e juventude, fundamentada no referencial teórico da Saúde Coletiva, seria potente para a elaboração do material educativo impresso a respeito do consumo de drogas na perspectiva emancipatória.

4.2 OBJETIVO GERAL

Construir material educativo impresso de apoio a atividades educativas, direcionadas a jovens, relacionadas ao consumo prejudicial de drogas.

4.2.1 Objetivos específicos

1. Discutir os temas a serem incorporados no material.
2. Delinear a forma que o conteúdo será apresentado no material.
3. Elaborar o material.

4.3 FINALIDADE

Pretende-se apoiar trabalhadores da saúde, educação, serviço social entre outros, que têm contato com a população jovem, para o desenvolvimento da educação emancipatória em relação ao consumo prejudicial de drogas.

5. Procedimientos Metodológicos

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

5.1 TIPO DE PESQUISA

Trata-se de pesquisa qualitativa que foi desenvolvida com a metodologia da pesquisa-ação (PA). A PA é utilizada por diversas áreas do conhecimento e apresenta várias perspectivas desde a positivista e interpretativa até a crítica (Soares, Cordeiros, Campos, 2013). Neste estudo seguimos a metodologia da pesquisa-ação emancipatória (PAE), coerente com o materialismo histórico e dialético e com a Saúde Coletiva que o adota como abordagem de pesquisa, o que é o caso deste trabalho.

5.2 CAMPO DE ESTUDO

5.2.1 O local do estudo

O estudo foi realizado na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, junto ao grupo de pesquisa “Fortalecimento e Desgaste no Trabalho e na Vida: Bases para a Intervenção em Saúde Coletiva”, do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva.

O grupo foi criado em 2004, sob a liderança das professoras Cassia Baldini Soares e Célia Maria Sivalli Campos, com o objetivo de construir conhecimentos direcionados às formas de fortalecimento e desgaste a que os grupos ou classes sociais estão submetidos. Compreender a complexidade do modo de reprodução social e a determinação social do processo saúde-doença abre caminhos para a produção de estratégias ou mecanismos no âmbito coletivo para aperfeiçoar os potenciais de fortalecimento e reduzir os potenciais de desgaste¹⁷.

¹⁷ Universidade de São Paulo [internet]. [citado 2015 jun. 28]. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/tycho/gruposPesquisaObter?codigoGrupoPesquisa=0067404PFS9HCV>

O grupo está aberto à participação de quem busca aprofundar o conhecimento sobre temas que se relacionam ao fortalecimento e desgaste das classes sociais e em particular de jovens, na perspectiva da Saúde Coletiva. Atualmente os encontros fixos são realizados com periodicidade mensal, com cerca de 30 participantes, entre estudantes de graduação, pós-graduação e trabalhadores da saúde de diferentes áreas, como enfermagem, terapia ocupacional, medicina, serviço social, psicologia, educação física¹⁸.

5.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os convidados que participaram da pesquisa eram pesquisadores, profissionais e estudantes que participam do grupo de pesquisa “Fortalecimento e Desgaste no Trabalho e na Vida: Bases para a Intervenção em Saúde Coletiva” e que se interessam pelo campo da educação em saúde, principalmente, sobre a educação relacionada ao consumo de drogas por jovens.

A pesquisa envolveu 17 membros do grupo, mas apenas 09 participaram frequentemente das oficinas, sendo considerados participantes (P1 a P9). Os demais, que participaram com menos frequência, em uma ou duas oficinas apenas, tiveram suas falas consideradas nos resultados como participantes ocasionais (PO).

Dois membros participaram como convidados em três oficinas, em função de sua experiência e conhecimento em temas levantados pelo grupo de participantes e foram identificados nos resultados como participantes convidados (PC 1 e PC 2). A pesquisadora foi identificada da seguinte maneira: PQ

O Quadro 02 mostra a caracterização dos participantes (P e PC), que responderam a um questionário (Apêndice B); estes apresentam formação complementar relacionada aos temas de Educação em Saúde, Saúde Coletiva, Drogas e Juventude.

¹⁸ O endereço do site com outras informações sobre o grupo é <http://fortalecimentoedesgaste.com.br/>

Quadro 2 – Caracterização dos participantes da pesquisa. São Paulo, 2016.

Participante	Sexo	Área de formação	Tempo de formação	Formação complementar	Tempo de participação no grupo	Principal atividade profissional
P1	F	Enfermagem	36 anos	Especialização, mestrado e doutorado em saúde coletiva, na interface com a educação	11 anos	Educação permanente para profissionais da saúde
P2	F	Terapeuta ocupacional	10 anos	Aprimoramento, mestrado com o tema de educação sobre drogas e doutorado em andamento com o tema de pesquisa-ação	5 anos	Assistencial em CAPS/AD e docente
P3	F	Enfermagem	3 anos	Especialização em Saúde Pública	4 anos	Assistencial
P4	F	Terapia ocupacional	8 anos	Especialização e mestrado com tema relacionado à atenção a usuários de drogas	4 anos	Assistencial em CAPS/AD e formação de trabalhadores
P5	F	Enfermagem	14 anos	Especialização, mestrado com tema de educação em saúde, e doutorado e pós-doutorado em saúde coletiva	11 anos	Assistencial (ESF) e docente
P6	M	Psicologia	5 anos	Aprimoramento na área de álcool e drogas	1 ano	Assistencial em CAPS/AD e ONG
P7	F	Psicologia	8 anos	Especialização em gestão de projetos sociais e dependência química	1 ano	Coordenação de unidade de acolhimento de álcool e outras drogas
P8	F	Medicina	36 anos	Especialização em pediatria e hebiatra	4 anos	Assistencial na Atenção Básica e atendimento a crianças e adolescentes com HIV/AIDS
P9	F	Enfermagem	3 anos	Especialização na área de políticas de drogas	1 ano	Educação Permanente
PC 1	F	Enfermagem	37 anos	Mestrado, doutorado e livre docência na temática de educação sobre drogas e juventude	11 anos	Pesquisadora e docente
PC 2	M	Psicologia	24 anos	Especialização, mestrado e doutorado na área de redução de danos e juventude.	10 anos	Gerente de CAPS A/D

5.4 ENCAMINHAMENTO DAS ETAPAS

O planejamento da pesquisa-ação é flexível, havendo diversos caminhos para sua organização e execução (Thiollent, 2011). Neste estudo os dados foram coletados através de sucessivas oficinas de trabalho. No total foram realizadas 14 oficinas com o propósito de construir material coletivo sólido, representativo da

síntese do grupo sobre a temática abordada. Os encontros tiveram duração média de 3 horas, com periodicidade de duas vezes por semana. Todas as oficinas foram gravadas e transcritas, para permitir múltiplas avaliações dos dados coletados.

As oficinas denominadas de emancipatórias são um tipo de construção do conhecimento em grupo que vem sendo utilizado em pesquisas, ensino e extensão pelo grupo de pesquisa “Fortalecimento e Desgaste no Trabalho e na Vida: Bases para a Intervenção em Saúde Coletiva”.

Soares, Cordeiro e Campos (2013) discutem a PAE apartir da articulação que propõem entre as etapas da PA com a pedagogia histórico-crítica (Saviani, 2003). A primeira etapa é o encontro entre o pesquisador e o participante da pesquisa, neste momento o que deve ser considerado é que o pesquisador apresenta uma síntese precária sobre a realidade a ser compreendida. O participante apresenta compreensão particular à sua experiência e conhecimento. A segunda etapa é a problematização que identifica os principais problemas vivenciados na prática social e que motivaram a realização do encontro.

Na terceira etapa, o pesquisador responsável pela mediação entre os participantes provê as ferramentas necessárias à instrumentalização de forma a efetivação da prática social emancipatória. Na quarta etapa se propõe a organização das conclusões, elaborando-se um nova síntese (Soares, Cordeiro, Campos, 2013).

A PAE foi desenvolvida tomando por base outras experiências desenvolvidas anteriormente pelo grupo de pesquisa (Cordeiro, Soares, Campos, 2013; Oliveira, Soares, Silva, 2016) em que oficinas emancipatórias são definidas como: “instrumento que proporciona um espaço de reflexão sobre a práxis, em que os sujeitos - agentes e coprodutores do processo educativo - participam com a finalidade de transformar a práxis reiterativa em práxis criativa” (Soares, Campos, Leite, Souza, 2009).

Os temas das oficinas foram selecionados, a partir da avaliação do pesquisador e dos participantes sobre as necessidades teórico-práticas presentes em cada oficina. A roda de conversa foi a estratégia utilizada em todas as oficinas. O objetivo de cada oficina foi discutido em grupo e a seleção de textos subsidiou a discussão.

O material foi sendo construído de maneira gradual, de acordo com o andamento das oficinas, com pequenos grupos encarregados de finalizar os textos

de base; ao final todo o grupo de participantes teve possibilidade de rever todo o material editado e fazer outras sugestões.

5.5 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da USP sob número 1291596. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) disponível no Apêndice A.

6. Resultados

6 RESULTADOS

O Quadro 03 mostra as oficinas, os temas e os textos de apoio que subsidiaram as discussões.

Quadro 3 - Temas das oficinas emancipatórias e textos de apoio. São Paulo, 2016.

Oficina	Tema	Texto de apoio
01	Materiais educativos sobre drogas.	Cardoso BS, Paixão IR, Soares CB, Coelho HV. Materiais Educativos sobre drogas: uma análise qualitativa. Saúde e Transf Soc. 2013;4(2):149-56.
02	Sociedade	Viana N, Soares CB, Campos CMS. Reprodução social e processo saúde doença: para compreender o objeto da Saúde Coletiva. In: Soares CB, Campos CMS, organizadores. Fundamentos de Saúde Coletiva e o cuidado de enfermagem. São Paulo: Manole; 2013.
03	Desproteção social	Soares CB. Consumo contemporâneo de drogas e juventude: A construção do objeto na perspectiva da Saúde Coletiva [tese livre-docência]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2007.
04	Juventude	Viana N. Juventude, trabalho e educação durante o regime de acumulação integral. Estácio de Sá. 2012a;02(07):166-79. Viana N. Juventude, trabalho e educação durante o regime de acumulação integral. Estácio de Sá – Ciências Humanas. Revista da Faculdade Estácio de Sá. Goiânia SESES-Go. 2012b;02(07):166-79
05	Educação	Soares CB. Consumo contemporâneo de drogas e juventude: A construção do objeto na perspectiva da Saúde Coletiva [tese livre-docência]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2007.
06	A droga como uma mercadoria	Santos VE. Valores sociais e valores associados ao consumo de drogas entre jovens de diferentes grupos sociais na cidade de Santo André – São Paulo: Uma análise de representações cotidianas [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2013. Santos VE, Soares CB. O consumo de substâncias psicoativas na perspectiva da Saúde Coletiva: uma reflexão sobre valores sociais e fetichismo. Saúde e Transf. Soc. 2013;4(2):38-54.
07	Síntese parcial	
08	Valores	Viana N. Os valores na sociedade moderna. Brasília: Thesaurus; 2007. Santos VE, Soares CB. O consumo de substâncias psicoativas na perspectiva da Saúde Coletiva: uma reflexão sobre valores sociais e fetichismo. Saúde e Transf. Soc. 2013;4(2):38-54.
09-13	Estrutura do material educativo: como fazer? Estrutura do material educativo: contradições da sociedade Estrutura do material educativo: o que diferencia os grupos sociais Estrutura do material educativo: estratégias que problematizem o conteúdo Estrutura do material educativo: ilustrações e forma do material educativo	
14	Estrutura do material educativo: as respostas sociais da juventude	Latchim SAF, Soares CB. Valores atribuídos ao trabalho e expectativa de futuro: como os jovens se posicionam? Trab Educ Saúde. 2011;9(2):277-93. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tes/v9n2/07.pdf

A seguir se apresentará a análise dos resultados de acordo com o desenvolvimento das oficinas e com a bibliografia de apoio discutida.

A **primeira oficina** iniciou-se com a apresentação dos participantes, a seguir a pesquisadora expôs o resultado da revisão de literatura que norteou os questionamentos desta investigação. Nessa revisão nenhum dos materiais educativos encontrados apresentou como tema a questão do consumo de drogas, o que restringiu a análise dos estudos primários encontrados à verificação da forma de construção dos materiais educativos. Uma das questões apontadas diz respeito à predominância da comunicação prescritiva e na forma imperativa. As questões de saúde apresentadas dificilmente consideraram a macroestrutura social no processo saúde-doença, permanecendo majoritariamente discursos vinculados à mudança de comportamento, em âmbito individual.

A literatura que de fato apoiou a discussão foi uma análise de materiais educativos sobre drogas, desenvolvida anteriormente por integrantes do grupo de pesquisa. Os materiais educativos analisados, encontrados nos serviços de saúde e outras organizações da sociedade, serviram como exemplos concretos para discutir: a disputa entre as duas principais políticas de drogas (guerra às drogas e redução de danos), a adesão ao modelo de guerra às drogas, que apresenta conteúdos de culpabilização e o estigma do consumidor e objetiva a mudança de comportamento das pessoas. Apenas alguns dos materiais educativos analisados procuraram problematizar o consumo de drogas por referência à estrutura do modo de produção vigente.

Os primeiros questionamentos a partir dessa discussão foram: como construir materiais educativos que não se aproximem da lógica da prevenção do consumo, de riscos e agravos, proposta pela guerra às drogas e adotada pela Saúde Pública? Como ir além da crítica aos materiais educativos e construir materiais educativos emancipatórios, que traduzam os fundamentos e práticas da vertente da redução de danos emancipatória, defendida pela Saúde Coletiva? Quem seriam os trabalhadores que iriam se sensibilizar e utilizar esse material?

PQ: “Quais são os elementos que devem constituir esse material e que possam apoiar os trabalhadores para a construção de atividade educativa emancipatória?”

Começava a se delinear a tarefa do grupo de construção de material educativo a partir da crítica aos existentes. Apesar de se destacar no grupo que o

material não deveria se destinar apenas a professores, o grupo apresentou preocupação recorrente relacionada à sensibilização de professores para a temática de álcool e drogas, dada a experiência de vários integrantes com a rigidez e o conservadorismo de professores.

Nessa oportunidade, o grupo passou a discutir também dificuldades de outros trabalhadores, inclusive de serviços de saúde, de mudarem suas rotinas de trabalho e introduzirem novas abordagens e práticas. Um dos motivos apresentados foi o de cobrança de metas quantitativas que são estipuladas, sem a participação dos trabalhadores.

P8: “[...] o que está sendo exigido nas unidades de saúde são as metas e os papéis preenchidos, não é essa mudança [...]. E às vezes a pessoa se contenta em ter preenchido parte daquela meta.”

Outro ponto problematizado no grupo em relação ao material que se propunha a construir estava relacionado à apresentação dos conteúdos e se teria uma forma autoexplicativa. Essa questão acabou sendo vista pelo grupo como falsa, dado que se desejava partir de outra referência e a categoria autoexplicativa pouco acrescentava à discussão.

P1: “A priori a gente não quer cair nesse erro, então não é autoexplicativo [...] o que a gente tem é a educação emancipatória, a partir deste referencial como é que a gente vai trabalhar nas oficinas para dar conta de instrumentalizar o sujeito que vai fazer a ação educativa? Entendendo que não é fornecer uma receita.”

Dessa forma, se colocaram os primeiros delineamentos: o educador que irá realizar a atividade educativa deverá conhecer o território e o grupo social do jovem para o qual o trabalho se destina:

P5: “O que a gente vai querer é que os trabalhadores consigam apreender as características do grupo social no qual eles trabalham: características de território, características de origem daquele bairro. [...] como apreender que o profissional consiga fazer um perfil do seu jovem e com esse perfil ele consiga planejar o processo educativo.”

P5: “É como se fosse um roteiro na verdade ou uma matriz que deve estar contido em um material educativo, de forma que cada trabalhador na saúde no seu contexto de trabalho, na sua realidade, produza um material educativo para aquela especificidade daquele jovem.”

Mas não só, será preciso que o educador compreenda a sociedade em que vive. Dessa forma, a oficina finalizou com a proposta de discutir o texto, que traz os elementos necessários à compreensão da estrutura social.

A **segunda oficina** teve como objetivo discutir as características da sociedade capitalista e sua relação com o consumo de drogas, para situar os participantes no contexto de estrutura social.

Partiu-se do questionamento sobre qual educação está se falando, trata-se apenas da educação formal ou de toda forma de educação.

P1: [...] se eu entender [a educação] como função social, a discussão é de papel social. Todos nós somos educadores, a gente faz um trabalho com a família, com os filhos, a gente tem essa função.

Também se ponderou a respeito do pertencimento de classe do educador. Discutiu-se a partir do texto base que:

“Cada classe social ocupa uma posição no conjunto da divisão social geral do trabalho. As classes fundamentais são a classe produtora/explorada e a classe dominante/exploradora, que só existem nas suas relações mútuas. [...] A classe produtora é a que executa o trabalho produtivo, realiza o processo de produção de bens materiais necessários para a sobrevivência da sociedade, trabalho que é apropriado pela classe dominante; já a classe dominante/ exploradora é a que realiza a exploração da classe produtora e comanda o processo de produção e distribuição de bens na sociedade. Na sociedade capitalista, são respectivamente (classe operária) e a burguesia [classe capitalista] (Viana, Soares, Campos, 2013, p.127).

Ponderou-se que o educador deve ter claro o objeto que deseja transformar com a educação e a finalidade que deseja alcançar, e que com isso será capaz de escolher os meios e os instrumentos para alcançar sua finalidade. Dessa perspectiva, os participantes consideraram que atualmente os trabalhadores da educação formal, os professores, reproduzem função normativa na vida dos jovens, pois os mesmos devem seguir determinado padrão que se adapte à sociedade atual, portanto a finalidade do trabalho educativo não é a transformação da sociedade, mas a adaptação.

Novamente recorre-se ao texto base para trazer à tona que também os professores fazem parte das classes auxiliares das classes dominantes.

As classes auxiliares da classe dominante são aquelas que executam o trabalho de reprodução das relações de produção dominantes, por meio da direção, normatização, repressão e legitimação. Exemplos dessa classe são os inseridos em atividades de burocracia e da intelectualidade na sociedade moderna, que executam a ação de direção e legitimação no sentido de reproduzir as relações de produção capitalistas (Viana, Soares, Campos, 2013, p.128).

Há dificuldade do educador de ter clareza do que quer transformar, submetido à escola, instituição do Estado capitalista que visa à socialização das crianças e jovens.

Além das classes auxiliares, destacaram-se na discussão, os grupos sociais marginalizados, que compõem o lumpemproletariado, e que também têm função na dinâmica capitalista. De acordo com a literatura de apoio:

Há também a classe social dos desligados da divisão geral do trabalho, ou que participam temporariamente ou marginalmente dele, as classes marginais. Essa classe é composta pelo lumpemproletariado no capitalismo, que compõe o exército industrial de reserva (i.e., desempregados ou empregados temporários), vivendo sob variadas formas e utilizando distintas estratégias de sobrevivência (mendicância, prostituição, subemprego, criminalidade, entre outros) (Viana, Soares, Campos, 2013, p.128).

O grupo amplia a discussão para o âmbito do consumo também, dada a relevância na prática dos integrantes, socialmente disseminada da necessidade dos jovens consumirem mercadorias/produtos, que estão para além de suas possibilidades financeiras. O grupo atribui esse comportamento de consumo dos jovens à necessidade de sentir-se participante da sociedade. Discutem-se as diferenças de consumo entre as classes sociais, como os diferentes hábitos alimentares, roupas entre outros bens materiais que dizem respeito às formas de reprodução social do grupo social a que as famílias pertencem. Releva-se, portanto que a sociabilidade dos jovens decorre da inserção na produção de suas famílias.

De um lado, os participantes expõem que a reprodução social dos jovens das classes populares muitas vezes leva os jovens ao caminho do tráfico e do roubo. Do outro lado, os participantes salientam que não se pode ter um discurso determinista em relação à pobreza, como um raciocínio de causa e consequência. Dessa reflexão saiu um questionamento: o que leva os jovens de uma mesma classe social a escolher diferentes caminhos em relação ao consumo de drogas. Isto é, alguns jovens entram para consumo de drogas e outros não. Ou seja, vai se colocando em discussão o papel das mediações, como formação/educação e valores, que entrariam na rede de questões que envolvem o consumo prejudicial de drogas.

Dessa forma, o grupo projeta a necessidades de discutir o regime de acumulação atual, na tentativa de compreender como essas mediações se apresentam no capitalismo atual.

P4: “Então é relevante estudar um pouco da reestruturação produtiva, porque ela determina a forma do modo de produção atual. Esse processo de transformação nas empresas, de desregulamentação e flexibilização do trabalho. Qual a saída do capital? Flexibilizar o trabalho, dizer que você é mais autônomo, isso são manifestações dessa reestruturação produtiva e faz a gente acreditar que as coisas mudaram.”

Assim, o grupo discute o perfil ideal de trabalhador que está disponível a realizar diversas tarefas, pois será mais valorizado por ter múltiplas habilidades.

P2: “Como o trabalhador do CAPS, [...] que atende ao telefone, vai à visita, atende paciente, carrega maca, faz qualquer coisa [...]. Porque o modo de produção capitalista está seguindo este modelo, isso vai determinando as formas de consumo... vai determinar inclusive como a gente consome drogas, [...]eu preciso ser eficiente.”

O consumo de drogas pode estar relacionado à competitividade do mercado de trabalho e à necessidade do jovem de dar conta dessa demanda. Expõe-se outra contradição, pois existem jovens que não têm sequer perspectiva de emprego.

P8: “[...] este jovem que está no mercado e que sofre pressão, parece que não é o jovem que tá lá (na periferia). Ele não está no mercado de trabalho. É tudo tão longe, uma falta de perspectiva total, parece que a gente está falando de duas populações de jovens diferentes.”

Mas pondera-se que os jovens das classes populares, em geral moradores da periferia, não são os jovens desse mercado de trabalho fluido, veloz e eficiente do momento atual que a reestruturação produtiva solicita. Esses jovens em geral estão mais motivados a discutir o consumo.

P8: “[...] e a gente pergunta o porquê de ele roubar, é porque quer andar bem arrumado, então se precisa disso vai roubar.”

A resposta imediata pelo consumo alienado é também uma manifestação do neoliberalismo.

Argumenta-se que mães adolescentes das classes populares, da periferia, se inserem no mercado de trabalho como empregadas domésticas. A formação escolar não está conseguindo aumentar as possibilidades de emprego.

O grupo concorda que precisa aprofundar a discussão sobre modo de produção com ênfase no neoliberalismo, sendo indicada nova leitura sobre essa temática.

A **terceira oficina** teve como objetivo compreender a relação da estrutura capitalista e das mediações com o consumo de drogas. Várias ponderações foram feitas pelos participantes do grupo com relação às repercussões da dinâmica capitalista atual sobre o cotidiano.

PC1: “As pessoas no dia a dia e no cotidiano, não trabalham com a macroestrutura, [...] para resgatar ela, tem que pegar uma coisa mais próxima, que esteja ali mexendo, motivando. Essa discussão de macroestrutura, tanto é (ignorada) que as pessoas estão super alienadas de reconhecer como seu dia a dia está travado. Sempre elas estão se auto culpabilizando ou culpabilizando o pai ou a mãe ou o vizinho. Porque ela não tem essa dimensão geral para poder explicar, então quanto mais

próximo a gente estiver dessas mediações, mais o caminho fica legal para chegar à macroestrutura.”

P5: “A gente precisa ver como se dá essa relação com o indivíduo e essa relação macro. Eu acho que a gente alcança isso pela discussão de valores. O indivíduo está remetido ao grupo social, por isso o valor explica essa relação, essa relação entre o individual e o todo.”

PC1: “[...] e o valor talvez esteja mais próximo do cotidiano, quando você diz assim, ‘o que você valoriza?’, ‘ah bom um bom papo’, ‘uma boa amizade’, ele já está dizendo qual é o valor, mas se ele diz ‘um bom tênis’ por exemplo, já vai para o lado do consumo, você já tem uma categoria como ideologia que é importante [...]. A ideia é trazer bem para próximo da realidade [...] fazer o caminho das mediações, ideologia e valores [...] da mais proximidade.”

PC1: “Quanto custa o tênis Nike? E quanto custa o feijão? Como você compara uma coisa à outra? Quanto trabalho tem por trás do feijão e quanto trabalho tem por trás do tênis Nike? Quantos trabalhadores fizeram aquele? Qual é o lucro que tem? Com isso você está fazendo uma discussão que determina a estrutura social, mas você está partindo do tênis.”

Pondera-se que para subsidiar o educador, a discussão sobre estrutura social deve partir de práticas concretas e próximas. Uma estratégia apontada é a de fazer o mapeamento do bairro em que o educador trabalha com os jovens comparando-o com bairros próximos em que vivem jovens de outras classes sociais, em função de experiências anteriores:

PC1: “No bairro bom eles puseram vários recursos, no bairro ‘ruim’ não tinha nada, nenhuma árvore, lazer, nada. Então ele põe aquele cartaz [...] aqui mora a “ricada” que tem acesso a tudo isso, aqui mora a gente (bairro ruim), então é uma coisa bem concreta. É um recurso interessante para mostrar as diferença.”

Observa-se também que é importante partir da representação cotidiana, o que depende da sua sociabilidade, pois se sua representação é muito empobrecida, isso pode estar associado com os recursos disponíveis. O grupo foi fornecendo exemplos: a escola em condições precárias, a dificuldade de certos grupos sociais de terem uma mobilidade dentro da própria cidade acesso apenas a um determinado tipo de mídia, que muitas vezes reproduz discursos para a manutenção do status quo (dominante).

Outras sugestões foram consideradas boas para disparar discussões sobre o consumo entre os que usarão o material educativo, como a de evidenciar as compras realizadas durante o dia através de fotografia, a de discutir o uso do celular como possibilidade de abstrair por instantes da realidade.

O grupo pondera que o consumo depende do acesso que as pessoas têm das diferentes mercadorias e que o valor do acúmulo está presente nos diferentes grupos sociais, mas as mercadorias são diferentes.

Discutiu-se na sequência o valor da criança na sociedade atual que vai sofrendo esse processo de desvalorização que está associado com o aumento do desemprego, ou seja, ao excesso de mão de obra. O tempo para se dedicar ao cuidado de uma criança acaba ficando secundário quando se tem tantas demandas na sociedade atual (culto ao corpo, competição para se inserir ou permanecer no mercado de trabalho, etc.). Essa desvalorização da sociedade é sentida pelas crianças e os jovens, independente da relação familiar.

Nossos jovens, que estão sedimentando valores para constituírem a vida adulta, então assim submetidos à lógica da peregrinação sem fio, do instável, do volátil e do descartável, dos descompromissos e da desobrigação (Soares, 2007, p.102).

Em outras palavras, é possível que os jovens, de alguma forma mais afetados pelo impacto das transformações, sem espaços e possibilidades de reflexão e voz – condição de não sujeitos – não consigam produzir respostas organizadas e coletivas, tendo como projeto utópico o Bem-comum, sofrendo assim o impacto dessa crise (que também é uma crise de valores), individual e passivamente. Nessas circunstâncias, é possível que, como já ocorreu em outros momentos históricos, o consumo de drogas por jovens de determinadas classes simbolize repúdio ou minimamente discordância com valores dominantes – condição de sujeito (Soares, 2007, p.115).

Como uma das primeiras sínteses do grupo estabelece-se que deve estar claro no material educativo que o consumo prejudicial de drogas não é a causa dos problemas sociais, mas a consequência das formas de trabalhar e de viver da sociedade atual que tem um modo de produção a exploração de uma classe pela outra. E quando são anunciadas as crises econômicas, as classes menos favorecidas estão cada vez mais sujeitas ao empobrecimento.

No conteúdo do material deve estar presente também a questão da desproteção social, que pode se manifestar na insegurança em relação ao mercado de trabalho e na incerteza em relação à aposentadoria. Essa incerteza é cada vez pior para as gerações futuras. Isso acaba implicando o educador na leitura do material.

PC1: “Você procura se alienar, dói muito se sentir desprotegido [...], essa sensação de mal estar é concreta, não é só uma sensação. No dia seguinte talvez o salário não venha [...]. Essas coisas estão produzindo um mal-estar e isso combina com a droga, assim como os psicotrópicos [...]. A gente não aguenta essa solidão e isso combina com a droga, você toma duas taças de vinho e já fica bem.”

A educação apresenta papel político importante para a formulação de críticas sociais. A responsabilidade sobre a educação não deve estar associada apenas ao professor da educação formal, que na maioria das vezes pertence a

grupos sociais marginalizados pela sociedade e estão inseridos em escolas sucateadas. Apresentam muitas vezes dificuldades concretas e de compreensão das diferentes realidades social, semelhantes às dos jovens que educam.

PC1: É um ciclo vicioso, as suas representações da realidade são as condições possíveis que a sua vida social lhe dá [...], você é o que o seu meio lhe propicia, a gente é orgânico, é muito concreto.

A escola, muitas vezes, é considerada pelas famílias que compõem as frações mais pobres, como espaço protetor para crianças e jovens, pois diminui o tempo de permanência na rua; outras instituições também executam essa função, como ONGs, que têm como objetivo disciplinar a juventude para o mercado de trabalho e ocupar o tempo livre. A inserção precoce no mercado de trabalho, muitas vezes, é considerada também como fator de proteção para crianças e jovens, o que na verdade acaba prejudicando ainda mais a perspectiva de futuro.

O trabalho por eles realizado é valorizado pelas famílias, não somente por ajudar na renda familiar, mas também pelo potencial socializador que guardaria, uma vez que os mantém ocupados e apartados dos problemas dos bairros periféricos, como as drogas e a criminalidade (Zaluar, 2000 apud Soares, 2007, p.104).

Os participantes durante essa oficina foram estimulados a associarem o que estavam discutindo com a própria vivência e a sua condição atual. Esse processo é muito importante para compreender que o educador ao qual o material se dirige não precisa apenas ter uma crítica sobre a realidade, mas precisa se sentir fazendo parte dessa realidade. Existe algo de concreto que une educador e educando.

PC1: “Eu só me implico quando existe uma preocupação real ou concreta, o resto é abstração, estamos falando com pessoas concretas.”

A discussão avança para a questão dos valores, o quanto a competição está presente na vida das pessoas, sendo um dos motivos o desemprego e a precarização nas relações de trabalho, permanecendo em segundo plano os valores de solidariedade.

O grupo concorda que precisa aprofundar a discussão sobre valores e a relação com juventude e o modo de produção capitalista.

A **quarta oficina** teve como objetivo discutir a inserção da juventude no modo de produção capitalista. A discussão iniciou-se com a definição de juventude, que tem como elemento comum a ressocialização, comandada pela educação e trabalho. Após a revolução industrial as forças produtivas se tornaram complexas, o que exigiu especialização dos trabalhadores. Com isto a escola assumiu um papel

fundamental na qualificação destes jovens para o mercado de trabalho, o que acarretou na diminuição da influência familiar no processo de socialização.

O grupo ponderou que nos tempos atuais a precarização das escolas públicas dificultam a inserção das classes populares no mercado de trabalho, o que também pode estar relacionado com a evasão escolar. Discutiu-se que a causa do desemprego não é apenas a falta de mão de obra qualificada, mas a dinâmica estrutural da sociedade. Recorreu-se ao texto de apoio para ampliar a discussão:

Essa nova fase, que expressa um novo regime de acumulação, altera as relações de trabalho que, no entanto não significa uma superação do capitalismo, tal como colocam algumas ideologias e sim uma nova fase dele. Essa nova fase, que expressa um novo regime de acumulação, altera as relações de trabalho no sentido de garantir um processo de aumento da exploração visando combater a tendência declinante da taxa de lucro médio. Nesse contexto, o toyotismo se torna a forma dominante de organização do trabalho no processo produtivo e reorganiza um conjunto de elementos nas relações de trabalho que apontam para uma precarização crescente, e, ao mesmo tempo, produz um desemprego e subemprego em alta escala. Por outro lado, a educação formal também sofre diversas modificações neste contexto, não somente devido seu vínculo com as mudanças no processo de trabalho, mas também devido à própria lógica de políticas neoliberais (Viana, 2012b, p.175).

Além da escola e do trabalho, existem outras instituições de socialização, como os grandes oligopólios de comunicação.

O capital e os meios oligopolistas de comunicação buscam ampliar o consumo juvenil e para isso produzem novos produtos e reproduzem produtos antigos. Inclusive se busca dividir a juventude em nichos de mercado para venda de produtos, gerando um mercado consumidor “infantojuvenil”, vegetariano, homossexual, etc. A criação de identidades e movimentos sociais identitários reforça esse processo de constituição social de nichos de mercado, que atinge de forma mais poderosa a juventude (Viana, 2012a, p.63).

Assim sendo, podemos afirmar que os diferentes grupos sociais se comportam em relação a vivência da juventude de maneiras distintas. Grupos sociais privilegiados tendem a adiar a inserção no mercado de trabalho, estendendo assim o período da juventude, pois não precisam prover o sustento da família; as classes sociais não privilegiadas têm que trabalhar para ajudar no sustento da família, o que lhes impede de viver a juventude da forma como ela é vivenciada pelas classes privilegiadas. Novamente o texto de apoio ajuda na compreensão de que a juventude está inserida em diferentes grupos sociais que consequentemente produzem respostas diferenciadas:

Assim, a geração juvenil uniformizada do pós-1970 é um produto social e histórico específico, distinta das gerações anteriores e expressando as necessidades de reprodução do capitalismo na sua atual fase. A

conformidade geracional juvenil dominante, pragmática, hedonista, revela o caráter conservador da juventude atual. Em oposição a ela existe uma conformidade geracional juvenil dissidente, que resgata as tradições revolucionárias do passado (marxismo, anarquismo, lutas históricas, como as do maio de 1968, situacionismo, etc.), mas, no entanto, realiza uma mescla entre elas e os valores, representações, modismos e até mesmo elementos das ideologias dominantes em seu discurso e prática. Uma terceira conformidade geracional é a composta por jovens das classes desprivilegiadas e possui influências das demais, mas também possui especificidade se maior ligação com questões concretas e cotidianas, sem, no entanto, maior compreensão teórica das relações e lutas sociais. Em certos momentos, de mobilização e protestos, as duas últimas tendem a se influenciar reciprocamente (Viana, 2012a, p. 66).

Para explicar essas contradições sociais, o grupo recorre novamente às mazelas do regime de acumulação integral. A partir da década de 70, o modo de produção capitalista vai se reinventando para a manutenção dos lucros das grandes corporações, o que causa aumento do desemprego. Isso está relacionado ao investimento das empresas em tecnologias que substituem o trabalho humano, sendo notável a diminuição de renda das classes sociais que vivem do trabalho. Por outro lado, existe aumento da concentração de renda de um grupo, que tem como parte expressiva dos rendimentos o capital especulativo.

Neste contexto de empobrecimento de grande parte da população, a violência é um tema que desperta o interesse do grupo, sendo destacados os mais variados tipos de violência. A violência policial que reprime os grupos marginalizados, que estão principalmente na periferia, e que tem respaldo de parte da população e dos meios de comunicação. Outro tipo de violência é do jovem contra os professores e a da instituição escolar que no processo de ressocialização reprime as potencialidades da juventude.

O regime de acumulação integral caminha para o seu esgotamento e isso coloca um processo de ampliação dos conflitos sociais e da repressão estatal, ligado a um processo de ainda maior precarização, tal como se observa nas políticas de austeridade apresentadas como solução em países em crise (Grécia, Espanha, Portugal), ou ainda o retorno do fascismo (Viana, 2012b, p.181).

O grupo finaliza a oficina com uma visão pessimista em relação ao futuro da humanidade, mas por outro lado, acreditando que a juventude pode ter um papel fundamental na transformação da sociedade.

A **quinta oficina** teve como objetivo discutir o tema educação, iniciando-se com a definição da função da escola na sociedade atual. A escola, para classes populares, está desacreditada em relação à capacidade de inserção dos jovens no

mercado de trabalho, e estender os anos de estudo pode ser uma estratégia para mascarar o desemprego.

A precarização da educação formal está presente no ensino fundamental e estende-se até o ensino superior público e privado, o que muitas vezes pode desestimular o educador a construir práticas educativas relacionadas com a transformação social.

Levantou-se a necessidade de elaborar ferramentas que ajudem o educador a compreender qual é o objeto a ser transformado no processo educativo.

P4: “Como a agente ajuda o professor quando ele encontra uma realidade dessa e fica frustrado? É o que acontece muito nos CAPS. Ai o cara está com fome, fedido, como eu vou aplicar a minha psicanálise aqui, por que eu entendo que o meu objeto de trabalho não é o ser humano do jeito que ele está, mas a psique humana ou o consumo de drogas. E na educação a mesma coisa, eu não consigo ensinar por que esse cara não tem português, então eu pensei que em algum momento do material, pudesse pensar qual a função dele como educador quando ele encontra com um cenário desse, é lamentar ou isso faz parte do que ele precisa transformar como educador, isso deixa de ser um obstáculo e torna um objeto de trabalho [...]. Então, talvez uma parte do material seja para o cara entender que isso faz parte do trabalho dele e não obstáculo, se não a gente corre o risco dele achar que o material é só para aqueles que podem acessar que escrevem que refletem, por isso que a escola fica tão chata.”

As estratégias educativas podem estar relacionadas com as representações que o educador tem em relação ao educando. Estratégias educativas nas quais os alunos permanecem sentados em situação de inferioridade e recebem passivamente o conteúdo, ainda são muito utilizadas nas escolas.

A estratégia educativa é consequência dos conteúdos adotados que, por sua vez, decorrem da concepção de educação e juventude dos educadores. A educação tem se apresentado historicamente com disciplinas fragmentadas e conteúdos que obrigatoriamente necessitam ser ensinados. Geralmente, a concepção de jovem está associada à de período de transição, e os jargões podem ajudar a naturalização dessa concepção, por exemplo: fase intempestiva ou rebelde. Assim, o jovem permanece em uma situação de fragilidade como se não fosse um ser humano completo.

PC1: “[...] então a forma [da estratégia educativa] vem em função de uma percepção completamente equivocada desse ser que está na sua frente, ninguém fala em um tom humano igual, dialógico como dizia Freire. O princípio da dialogia é entender o outro como humano igual, não que sabe menos ou sabe mais [...], não se tem essa dialogia. Os conteúdos teóricos que amparam o trabalho estão completamente equivocados, como é que a gente muda isso? [...]”.

O grupo relaciona a discussão das estratégias educativas com as estratégias de redução de danos que em alguns momentos podem ser consideradas estratégias de baixa exigência para consumidores de drogas, em particular, para usuários de Crack.

P4: “Ai eu fiquei pensando o quanto que desde muito cedo se espera muito pouco de certos grupos sociais, ai quando o cara vira um “craqueiro” lá na frente, a gente pensa em estratégias de baixa exigência já que ele pode tão pouco, [...] ai a gente começou a pensar que eu não tava falando com a RD emancipatória de exigir pouco, porque eu acho que o cara ser capaz de ter critica sobre a própria vida e sua própria condição é exigir bastante e ele é capaz disso. E ai a gente começou a questionar esse termo assim da redução de danos, que é um dos jargões da redução de danos. Redução de danos: estratégia de baixa exigência para consumidor de drogas, pois você não exige abstinência e isso é exigir pouco. E ai fiquei pensando que mesmo depois de adulto, a gente acha que ele não pode entregar muito mesmo, então o que a gente pode exigir é que ele varra as ruas por uma hora, faça um cursinho e use sua droga em um canto, sem atrapalhar muito [...]”

Os relatos de experiências com professores que o grupo acumulou mostram que, ao entrar para um processo de discussão sobre a temática, a maioria dos educadores apresenta discursos que desqualificam os jovens e suas potencialidades. É no decorrer do processo e aprofundamento das discussões que os professores passam a compreender o seu trabalho como uma ocupação que não agrega valor à mercadoria, portanto sem valor no regime de acumulação integral. Entender essa questão estrutural é compreender o que está na base de insatisfação dos jovens e do educador.

PC1: “[...] o salário é uma porcaria, o que você faz é desvalorizado socialmente (...). Acho que tem uma coisa, de você estar em um lugar que não tem valor social nenhum, então você vai exercer seu pequeno poder em cima dos alunos, eu vejo que os professores tem raiva da sua condição, e são muito desvalorizados e eles estão em um lugar meio padrão, e os meninos se revoltam de uma maneira de tal forma, não tem nenhum respeito mesmo, xinga, grita, fala alto e tem essa coisa da pessoa não tem valor quem é o professor, é uma relação social com o professor que é bem complicada, e ao invés dele ir para a assembleia e para rua ...ele vai no menino, o menino ta na frente dele fazendo coisa estranha, porque ele não compreende a sua própria condição. “

PC1: “[...] quando que a gente percebeu nesse processo oficinairo que alguns professores falavam assim ‘esses meninos vagabundos, não sabem fazer nada, burro, esses meninos’ e ai vai [...], depois do processo oficinairo que você localiza o processo dele de trabalho na sociedade, porque que tem valor e porque não tem e qual a questão estrutural, ele fala assim: mandei os meninos escreverem uma redação sobre qual será o futuro deles, eu quero que eles reflitam a mesma coisa que eu to refletindo aqui, isso é quase instantâneo, essa questão é de 3 ou 4 oficinas, aonde nós estamos, qual é questão, porque as ocupações que não agregam valor de troca de mercadoria, não tem valor social nesse regime de acumulação. O cara fala “puts” eu to repassando para frente a mesma coisa que ta na base da minha angústia, e de vez de trabalhar com a angústia dele, ele passa

para frente com esses mecanismos aí de pequenos poderes e tal, e que é comum.”

PC1: “[...] as pessoas falam ao invés de eu entender a minha condição, opa, eu exerço sobre o outro a mesma opressão que eu to percebendo não tenho grandes experiências, mas a que eu tenho me fala nessa direção.”

O grupo finaliza a oficina com a proposta de construir um mapa conceitual com base no conteúdo das oficinas anteriores, para que se possa organizar as ideias e sintetizar o que já foi discutido. A utilização do mapa conceitual teve por objetivo subsidiar a construção do material educativo nas próximas oficinas.

A **sexta oficina** teve como objetivo discutir os valores que estão relacionados com o consumo de drogas.

Iniciou-se a discussão problematizando as diferenças de preço das mercadorias que tem o mesmo valor de uso, por exemplo, a diferença de preço entre as diversas marcas de sapatos. Para compreender o circuito da mercadoria é preciso entender porque as pessoas adquirem determinadas mercadorias. O consumo pode estar relacionado com as necessidades legítimas do ponto de vista do bem estar humano ou com as necessidades alienadas.

O sapato satisfaz a necessidade humana de proteger os pés, necessidade que também foi construída socialmente; além desse valor de uso, existe um valor de troca que também define o consumo da mercadoria. Outros motivos são apontados para a aquisição do sapato, como status e ficar feliz. A aquisição do sapato não está determinada somente pela necessidade de calçar, mas também por necessidade de ter variedade e quantidade. O celular também é um exemplo de como as necessidades de consumo são socialmente construídas.

PC2: “[...] se a gente fosse imaginar a época que não tinha celular, não faz muito tempo isso, se a gente for pensar: a gente tinha a necessidade de ter celular quando não tinha celular? Então nós fomos formados, você dificilmente vai ver alguém que não tenha celular.”

Outros motivos para a aquisição de sapatos são apontados, como o de uma participante, que relata a experiência de ocupar um cargo de diretoria próximo ao período de aposentadoria e relaciona a insegurança em relação à manutenção no cargo com o consumo de sapatos. A aquisição dessa mercadoria ajudava a dar uma sensação de segurança naquele contexto.

PO: “Nem sei como eu cheguei naquele ponto, mas foi assim passageiro, eu sentia que eu me sentia segura se eu tivesse daquela forma que eu desejasse, sabe uma coisa horrível, uma sensação horrível e quando você começa a falar isso parece me reportar aquele tempo que eu estava consumindo sapatos [...] é uma coisa muito alienada, não era o sapato, era

a minha competência, o meu trabalho, mas me fez pensar que o sapato iria me ajudar [...].”

PC2: “[...] não sei se alguém tem aqui a ilusão de que a gente vai escapar quando sair lá fora e não vai querer consumir algo.”

No circuito da mercadoria somente tem sentido produzir o que tem demanda. Essa demanda é construída socialmente, as pessoas são formadas para ter necessidades e conseqüentemente serem consumidoras destas mercadorias que irão suprir uma necessidade socialmente construída.

O que está oculto e não tem visibilidade de imediato na mercadoria é o trabalho humano contido no processo de construção da mercadoria. O trabalho humano produz algo para o capital que tem como objetivo produzir lucro.

PC2: “[...] então o nosso trabalho tem um objetivo de dar lucro, se a gente enquanto trabalhador não cumpre essa função no capitalismo a gente é descartado. Existe alguém em um certo lugar que não dá lucro em uma certa empresa?”

A aquisição de mercadorias torna o sentido da vida das pessoas. Realizar essa compreensão é perceber que o que faz bem para as pessoas está fora delas. O que importa é aparência e a inserção no mercado de trabalho, na maioria das vezes, tem como objetivo adquirir determinado padrão de consumo. O ideal de felicidade está subsidiado no consumo e pode se manifestar na compulsão por determinadas mercadorias.

Nesse contexto, existe um conflito entre os valores que tem conexão com a reprodução do capital e os que têm conexão com o humano genérico (liberdade, igualdade e solidariedade). A realização está sempre externa e adquirida através de ações individuais.

PC2: “[...] nós temos pouco tempo para nós mesmo, até nas nossas relações mais próximas, a impressão que eu tenho é que cada um está muito preso aos seus projetos pessoais. Então o projeto pessoal é o que realiza. Entender esse mecanismo de alienação, quando a gente vai perdendo um pouco o fio da meada do que nós somos enquanto sujeitos que estão no mundo e que valorizam determinadas coisas, que trabalham, que transformam, a gente vai caindo em um lugar que a realização está fora da gente, é essa a questão para o sistema da aparência, a realização sempre está fora da gente, não está conosco, nas nossas relações, na nossa subjetividade que a gente vai construindo.”

O valor do acúmulo está presente na sociedade e se manifesta no consumo das mais variadas mercadorias. As pessoas apresentam valores que reproduzem padrões dominantes e que sustentam a estrutura o modo de produção capitalista, mas também apresentam valores de resistência que tentam resgatar a sociabilidade entre as pessoas.

PC2: “No CAPS a gente percebe uma construção de uma sociabilidade que muitas vezes preenche e dá sentido a muitas coisas. Quando a gente vai fazendo uma redução de danos com essa vertente político-crítica, trabalhando essa questão das relações e os modelos de autossuficiência. Acho que esse conteúdo da discussão é um caminho de disparar outras coisas na relação, o próprio profissional vai descobrindo isso com o tempo, a pessoa que está sendo cuidada vai estabelecendo uma relação diferente.”

O consumo de mercadoria proporciona um sentimento de felicidade fugaz e o sentimento de tristeza está cada vez mais presente na vida das pessoas, nesse contexto, o consumo de antidepressivo serve para aliviar as depressões em massa. A droga também é uma mercadoria que como as outras têm a função de dar lucro, por isso o fracasso das políticas proibicionistas. Um bom exemplo para o consumo de substâncias psicoativas são os desgastes advindos do processo de trabalho.

PQ: “Essa alienação do processo de trabalho que não permite o desenvolvimento da potencialidade humana e a criatividade das pessoas. Vejo pela minha experiência nas equipes de estratégia saúde da família que eu passei. Em uma equipe de dez pessoas, somente um agente comunitário e eu que não usava antidepressivo. Um médico disse que não suportava mais continuar trabalhando na ESF e se ele continuasse iria precisar usar antidepressivo.”

De fato, a droga oferece uma experiência sensorial, mas a necessidade de consumo vai, além disso. São citados vários exemplos de como a droga é utilizada como estratégia para aumentar a potência física e suportar jornadas de trabalho exaustivas: o consumo de cocaína por bancários para aumentar a potência do corpo e suportar a jornada de trabalho noturna: o motorista que consome substâncias psicoativas para conseguir ficar acordado e entregar a carga no prazo estipulado. As mudanças na sociedade que trazem demandas para o corpo físico que é difícil suportar sem o consumo de substâncias.

A droga vai se encaixando em uma série de problemas da vida como forma de contê-los, o que justifica os diversos tipos de drogas (licitas ou ilícitas) para diferentes formas de uso: estimulantes, ansiolíticos, hipnóticos, estabilizadores de humor etc.

PC2: “Tem um jovem dependente de Ritalina que é um estimulante, ele acha que tudo que ele conseguiu foi através da Ritalina, isso foi construído na trajetória dele e encheu ele de potencialidade. A questão dele não é só a química, mas ele como identidade já se vê, por isso que é difícil a gente fazer as pessoas entenderem o que está na base de consumo, então a gente vai vendo que essas questões das necessidades alienadas trazem algumas formas de realização.”

Neste momento problematiza-se como seria um processo educativo emancipatório que supere a concepção do jovem como um sujeito frágil e que será dominado pelas substâncias psicoativas a qualquer momento

PC2: “[...] a pessoa está há 30 anos sem usar e refere que é um dependente químico, não tem química que dure tanto tempo, tem haver muito mais com o modelo mental do que a substância em si, como as pessoas fazem uso disso para não ver outras coisas. Que infelicidade é essa? Que mal estar é esse? É isso que a gente precisa entender e que atinge as pessoas em cheio e cada um vai tentar se virar de um jeito.”

P2: “Até porque, cartão de crédito não tem química.”

PC2: “Por que não problematizar com os jovens os valores que estão em jogo? Essa questão de adquirir um celular roubado é a necessidade de ter um celular, não importa se foi roubado. Isso também acontece com a droga lícita e ilícita. Alguém está preocupado se a droga é lícita ou ilícita?”

P2: “Tem grupo que não vai chegar em casa e usar cocaína ou maconha, mas vai chegar em casa e tomar uma dose de Uísque.”

A concepção do sujeito autossuficiente ou superpotente também deve ser superada no processo educativo. É necessário observar a condição de viver e trabalhar dos diferentes grupos sociais, a inserção no mercado de trabalho para determinados grupos sociais apresenta grande possibilidade de fracasso. Até mesmo os grupos com um alto padrão de consumo precisam manter esse status, pois estão envolvidos em uma pressão social.

PC2: “O que a gente precisa é de alguns instrumentos para ajudar a perceber o quanto a vida traz de dificuldade e sofrimento para não termos determinadas visões simplistas sobre as questões da vida e a questão da droga.”

PC2: “Que sofrimento está na base? Como eu vou resolver? [...] essa questão [...] da autossuficiência é uma prisão muito grande. [...] tem que fazer um esforço muito grande para não precisar do outro, é um ideal de sustentação. Isso certamente vai cair em um fracasso, por que a sociedade diz que você é livre, autônomo e que a trajetória é sua.”

A oficina é finalizada com a conclusão de que o consumo de substâncias psicoativas está relacionado com necessidades que são construídas e, portanto tem demanda, assim como o sapato que é produzido por existir demanda. Então não conseguimos prevenir o uso de sapatos, pois existe uma necessidade que foi construída historicamente. A droga é uma mercadoria que alivia o sofrimento das pessoas provenientes do desgaste da vida e para esconder as suas fragilidades. Não há como prevenir o seu uso.

O conteúdo do material educativo precisa superar a ideia de prevenção com a de educação e trazer elementos que ajudem a compreender o que está na base do consumo.

A **sétima oficina** teve como objetivo sintetizar as oficinas anteriores, usando como ferramenta didática o mapa conceitual que possibilita o agrupamento de ideias de forma que demonstre mais clareza sobre o tema, facilitando assim sua leitura e

compreensão. O conteúdo das oficinas anteriores foi transcrito e submetido à leitura exploratória, sendo selecionados os trechos que mais estabeleciam relação com os quatro temas principais: educação, juventude, drogas e forma do material.

Os participantes foram divididos em dois grupos, um grupo ficou responsável por elaborar os mapas correspondentes aos temas (Educação, Forma do material e Juventude) e o outro grupo ficou responsável pelo tema Drogas. No segundo momento houve a apresentação dos mapas conceituais para todos os participantes.

O primeiro mapa conceitual construído apresentou como tema a educação, sendo estruturado nos elementos do processo de trabalho educativo: objeto do processo de trabalho educativo, sujeito, meios/ instrumentos e finalidade.

A leitura deste mapa conceitual nos ajudou a perceber que o objeto do processo de trabalho foi pouco discutido nas oficinas anteriores, sendo este ponto fundamental para excussão do processo educativo. O educador deve estar consciente do que ele quer transformar e o grupo apresenta dúvida de qual seria o objeto da educação: transformar a realidade que o educador encontra ou transformar a consciência sobre essa realidade.

P1: “O objeto no processo de trabalho educativo é o conhecimento e os valores que as pessoas têm. O meu comportamento é resultado ou produto daquilo que eu conheço e valorizo, faço e ajo. Então não basta ter conhecimento para mudar a prática, se não eu deixaria de fumar, não basta ter o valor que diz que isso é ruim, porque em algum momento eu vou precisar daqui e não basta ter conhecimento.”

A consciência crítica sobre a realidade também foi considerada como um instrumento para alcançar a transformação social, mas também se faz necessária a ação.

A finalidade foi a parte do processo educativo mais discutida e relacionada com a desconstrução do modelo de felicidade vinculado ao consumo e status social, essa desconstrução pode ajudar os jovens a construírem respostas coletivas que direcionem para a transformação da sociedade.

P4: “Na verdade eu estava pensando em uma organização do pensamento na hora de construir o material, seguir esses elementos. Agora a gente vai discutir o que é fazer educação no nosso contexto; Para quem será que a gente está dando aula? Para que a gente está educando? Ai a gente usa esses elementos de finalidade: como e onde. Talvez isso possa dar suporte para a construção do material nessa lógica.”

P1: “Como você desenvolve uma ação educativa? Qual a concepção? É só informação? É só conteúdo? E para que? Basta saber que a droga faz um efeito danoso no organismo e isso já ajuda a combater o problema da drogadição? [...] Precisa conhecer qual finalidade tem esse trabalho.”

Os educandos e educadores foram considerados sujeitos do processo educativo, ponderando-se que o processo educativo não está presente apenas no ambiente da escola formal, mas também no trabalho, na igreja, família, etc.

P1: “Os sujeitos passaram pelas instituições escolares e cujos valores dominantes são transmitidos. Os valores serão reproduzidos em outros espaços como a família e a igreja. O ambiente de trabalho também tem ação educativa: olha como eu faço para você aprender.”

P1: “Às vezes é único lugar de socialização dele, apesar de não gostar. É neste lugar que ele vai encontrar os amigos, o menino vai flertar, não é para estudar, mas para a sociabilidade.”

A construção do segundo mapa conceitual teve como tema a juventude, sendo estruturado com os seguintes elementos: reprodução social, trabalho, valores e capitalismo.

A reprodução social foi associada com o modo de vida das diferentes classes sociais, o que acaba interferindo nas representações da realidade. Ponderando-se que apesar das representações estarem associadas à classe social, precisa considerar a singularidade do jovem.

P4: “A partir da realidade concreta, exemplo: jovem da periferia gosta de funk. A gente também colocou desconstruir preconceitos, pois tem juventudes e as juventudes não são iguais, mesmo na periferia existe uma heterogeneidade, não é todo jovem que gosta de funk, tem aqueles que querem se distanciar dessa imagem, pois não querem ser identificados como funkeiros, então é importante a gente ver as singularidades, pois nem todos gostam.”

P4: “E isso tem haver com valores. Para ocupar determinados espaços devem estar bem vestidos. Quem tem valor? E porque não tem? O modo de produção capitalista vende uma idéia de que o mercado se importa com você, mas se você tiver mérito, tem que merecer e isto também é um valor. [...] A gente vai caindo em um lugar que a realização está fora da gente, essa é a questão do sistema de aparência. Precisamos ressignificar a questão do consumo e da educação. Então são questões relacionadas aos valores nessa juventude. Daí a gente pensou que os jovens denunciam a crise de valores [...] e isso tem haver com o sofrimento contemporâneo e o uso problemático de droga.”

O terceiro mapa conceitual teve como tema a forma do material educativo, sendo estruturado em três elementos: finalidade do material, qualificação da finalidade, instrumentos da forma (perguntas importantes e filmes). O material educativo será um roteiro/guia que irá subsidiar o educador em um novo processo educativo. Na parte da qualificação do material a dúvida é referente em quais os elementos que devem estar no material e que ajudam a interpretar a realidade e desconstruir preconceito. No que se trata da forma do material são sugeridas a colocação de questões provocativas, textos em camadas, hipertexto, hiperlink, temas transversais e indicação de filmes.

P4: “Um material interativo, pensando nas características fluidas contemporâneas, como as pessoas hoje acessam e aprende a informação, essa coisa de camadas, hipertexto, hiperlink, [...] todos os temas, são transversais, das duas coisas [educação e drogas], primeiro que é um material de duas páginas, [...] aí do lado esquerdo, valores, do outro lado educação, quando azul é droga, quando é verde é educação, a transversalidade das coisas.”

O último mapa conceitual teve como tema: drogas. O grupo apresentou dificuldades para realizar essa discussão, sendo construído de forma linear ou de causa e efeito. Os subtemas selecionados para a construção do mapa foram valores, mercadorias e consumo.

P4: “Uma coisa que dá para fazer é ir juntando por categorias menores, um ou dois grupos de cada coisa e aí você vê como cada um vai se conversando, como cada um determina o outro e vai gerar um produto final, a ligação entre eles, de conflito e contradição ou de causa e efeito, que é outra forma de fazer, talvez tenha ficado linear demais e a coisa é muito mais complexa.”

P8: “Cada frase que a gente foi discutindo e percebendo que não estava legal, foi toda uma discussão. Até para a gente perceber que não é uma coisa tão fácil, é difícil mesmo.”

P4: “Vamos pensar na mercadoria que é uma coisa fácil. O processo de produção e fetichização da droga; a educação e a droga virando mercadoria. Eu compro o diploma, é mercadoria, eu consumo isso de maneira superficial para dar conta de necessidades superficiais também. A droga é bem parecida, o tanto que eu consumo, o tanto que eu gasto. Talvez tenha momentos que a gente estabeleça os paralelos, talvez tenha momentos que a gente não estabeleça os paralelos, “você já reparou que na página 15 tem uma coisa que conversa com a página 16”. “Faça essa reflexão, o que você acha que tem a ver, a página tal com a página tal”. A gente pode ir provocando.”

Ao logo desta oficina, todas as discussões geradas, dificuldades e apontamentos nos ajudaram a perceber que ainda faltam temas importantes que devem ser incluídos no material. Assim, chegamos à conclusão que o tema Valores deverá entrar novamente nas oficinas, pois se mostra um tema fundamental para subsidiar a construção do material educativo.

A **oitava** oficina teve como objetivo discutir novamente o tema valores com base na leitura dos textos de apoio. Inicialmente recorre-se aos textos para a definição de valores:

[...] o valor é algo significativo, importante, para um indivíduo ou grupo social. Os valores, por conseguinte, são o conjunto de “seres” (objetos, ações, ideias, pessoas, etc.) que possuem importância para os indivíduos ou grupos sociais. Portanto, se dissermos que algo é um valor, queremos simplesmente dizer que ele é significativo, importante (Viana, 2007, p.20).

Cabe em primeiro lugar distinguir valores e normas. Síntese de Soares, baseada em diversos autores, mostra que enquanto os valores são da esfera da ética, as regras dizem respeito mais propriamente à moral. Valores são definidos culturalmente a partir dos diversos interesses dos

grupos sociais existentes em um determinado tempo histórico e numa determinada formação social, servindo de diretriz para direcionar as escolhas dos homens na vida social. Já as normas se referem às formas de regulamentação, que impõem regras para a vida em sociedade, que definem e fixam os padrões de conduta, estabelecendo o que se considera conduta permitida ou proibida (Santos, Soares, 2013, p.44).

Os valores são mobilizadores para a atividade humana e influenciam as pessoas na tomada de decisões em suas vidas, sob a égide dos interesses da classe social a qual este indivíduo pertence. Algo que pode ilustrar essa questão é a valorização dos espaços privados em detrimento dos espaços públicos, o que exacerba ainda mais o sistema de aparência.

P6: “Para mim, o que é mais óbvio é o *Facebook*, a pessoa cria uma vida maravilhosa [...]. E você fica naquele mundinho e a pessoa acaba viciando naquilo [...].”

Mesmo os valores sendo algo considerado importante para o ser humano, podemos ressaltar conflitos entre os valores relacionados ao bem estar humano e os valores relacionados à reprodução do capital, segundo Viana (2007) esta é a contradição entre os valores autênticos e os inautênticos. Utilizamos os textos de apoio para subsidiar a conversa.

Isto significa que os valores autênticos manifestam a essência humana, ou seja, correspondem a ela. Valores como os de liberdade, igualdade, criatividade, cooperação, etc., são exemplos de valores autênticos, enquanto que valores como poder, riqueza material, status, dinheiro, competição, liderança, hierarquia, etc., são valores constituídos socialmente e em contradição com a natureza humana, sendo, portanto, valores inautênticos (Viana, 2007, p.27).

Atualmente observa-se algo chamado inversão de valores, quando a aquisição de mercadorias torna-se mais importante que as relações de afeto entre as pessoas, isso se manifesta, por exemplo, nos desejos das crianças e na objetificação das relações humanas.

P1: “Hoje a identidade daquela criança é a roupa, a mochila, o tênis, o *tablet*. Tanto um quanto o outro [grupo social] não valoriza o afeto que aquela figura [paterna ou materna] pode representar. Que importância tem aquela relação? Tem importância aquilo que você pode me dar, o carro, a viagem. E o outro [grupo social desfavorecido] pode não saber usar, mas ele acessou o bem que está na moda, que pode ser o último carro, o tênis ou o *tablet*, aí é o fetiche atingiu a todos independente de que condições.”

P1: “Isso é o que faz dar gancho para você discutir droga, se você não pertence aquele grupo social, você provavelmente irá censurar a conduta do menino que roubou o *tablet* ou o que compra o celular roubado [...]. Tenho que me colocar no lugar desse grupo social para entender quais são os valores que esse grupo tem.”

P6: “E mesmo a comercialização da droga que não entrou aí, pois está falando do consumo, mas está atrelado e se torna uma opção altamente

rentável de trabalho mesmo, e de acessar esses bens, como o modo de produção coloca.”

PQ: “Eu tenho a impressão que se você cutuca as pessoas, elas acabam falando muito sobre essa questão das relações e todo mundo está muito angustiado com isso. Eu to fazendo esse exercício, o motorista esses dias falou para mim: “poxa uma pessoa entrou aqui (no carro) e ficou no celular, não falou comigo”. Para a pessoa é natural, o cara é um objeto, ele é só um motorista que te leva para os lugares.”

Partindo da discussão de valor e consumo para suprir necessidades inautênticas, surge na oficina o debate sobre Mercadoria na sociedade contemporânea. Assim, recorreremos ao texto para nos auxiliar na compreensão.

Para Marx o valor (real) da *mercadoria* significa o trabalho humano incorporado, transformado e objetivado em sua forma final que se torna um objeto de consumo e que atende a *determinadas necessidades humanas*. No âmbito das relações sociais aquilo que é notado imediatamente pelos nossos sentidos e percepções é somente a aparência da mercadoria, ou seja, a sua expressão enquanto valor de troca e enquanto valor de uso. Assim o ser aparente das mercadorias esconde o seu real valor, que é o *dispêndio de energia humana pelo trabalho*, pois daí é que resulta o seu poder sobre o homem, a sua dimensão fetichista (Santos, Soares, 2013, p.39).

A mercadoria enquanto algo que satisfaz *necessidades humanas de toda espécie*, porém o seu valor está escondido, não aparece como tal. O trabalho humano se torna valor embutido no ser das mercadorias, o trabalho já capitalizado, alienado do seu criador, expropriado, tornado objeto do capital. O homem utiliza e troca o próprio trabalho *valorizado* no ser das mercadorias, sem o saber. Para Marx a essência do homem que é trabalho fica perdida do seu criador, expropriada, o trabalho fica alienado no sistema de produção, fica *estranhado*. O produto do trabalho não pertence mais ao homem livre já que a força de trabalho é usurpada pelo dono do capital o que o submete enquanto *mercadoria* para finalidades de multiplicação do capital e o aliena de si mesmo (Santos, Soares, 2013, p.39).

Com auxílio dos textos base e com a discussão gerada neste encontro chegamos ao consenso de que deve estar presente no conteúdo do material educativo a relação entre mercadoria e alienação para daí explicar o consumo de drogas.

P1: “No modo de produção capitalista, tudo vira mercadoria e aí enquanto valor [...] o quanto sentimos necessidade de consumir, é essa a construção teórica que a gente está fazendo. A droga é mais uma mercadoria que eu posso acessar para suprir as minhas necessidades.”

Recorre-se novamente ao texto para estabelecer a relação entre mercadoria e a consciência alienada.

Para Marx a consciência é sempre limitada pelas condições objetivas da reprodução da vida social. Ela está de certo modo submetida ao modo de produção e à reprodução das relações sociais. As relações sociais estão permeadas pela necessidade da propriedade (tendo como maior representante o dinheiro) e dificilmente se tem consciência do quanto o homem está subjugado pelo poder das mercadorias – As pessoas aqui só

existem, reciprocamente, como representantes de mercadorias e, por isso, como possuidores de mercadorias (Santos, Soares, 2013, p.41).

Assim a alienação para Marx significa a passagem do valor que é próprio do trabalho humano para os objetos de sua criação (religião, ídolos, mercadoria, etc). A consciência alienada é a impossibilidade de percepção da condição de assujeitamento do homem aos seus produtos criados (Santos, Soares, 2013, p.41).

O grupo finaliza esta oficina com a percepção da dificuldade em elencar quais as estratégias que serão utilizadas para traduzir esses conceitos no material educativo e relacionar com o consumo de drogas. As sugestões apontadas são filmes e perguntas que possam estar no material educativo e que irão ajudar o educador na compreensão do conteúdo e na construção de uma análise crítica.

P1: “Eu fiquei pensando que uma das coisas que a gente já pontuou é que quando a gente constrói um material didático, acho que a gente tem uma necessidade de dar uma sequência, uma linha, tem que ser meio coerente, tem que ter começo, meio e fim, você acaba nessa construção apresentando um manual para ser seguido [...] é um roteiro, isso é um guia, é um material que você vai lançar mão para planejar o seu trabalho, [...] eu acho que o material tem que ter diretriz, tem que apontar conteúdo, valorizar nessa perspectiva que não é neutra.”

A **nona oficina** teve como objetivo estruturar o material educativo que se pretende construir. O grupo considerou importante realizar mais quatro encontros para finalizar a tarefa.

Inicialmente foi sugerida a divisão do material educativo em quatro temas ou capítulos: consumo, drogas, valores e mercadorias. No decorrer da discussão os temas foram substituídos por: modo de produção, formas de viver e respostas sociais.

P4: “Que a gente espera que aconteça quando a pessoa se apropriar dessa primeira parte do material?”

PQ: “O que eu fiquei pensando é que quando você localiza a pessoa no modo de produção, ela vai pensar de outra forma: é um sistema de produção que vai gerar essa desigualdade mesmo e a violência não vai diminuir, pois os conflitos sociais vão aumentando com a reestruturação do capitalismo que vai cada vez mais retirando direitos sociais.”

P4: “Modo de produção capitalista: localizar o indivíduo e aí eu me localizo e entendo que as minhas questões tem haver com o grupo com o qual eu participo, as minhas questões e desse grupo são necessidades e para essas necessidades são oferecidas respostas, quem oferece é suficiente? Qual a minha parte na resposta da minha necessidade. E por último como eu penso respostas para as minhas necessidades. E que as minhas necessidades não são só minha e sim do meu grupo social.”

P4: “Formas de viver não são homogêneas, existem várias formas de viver, e qual é a minha forma de viver, do geral para o específico. Necessidades sociais e respostas sociais, a partir deste contexto de onde eu estou. Como são geradas as minhas necessidades e as respostas as minhas necessidades e a do grupo social, e a gente pode começar a pincelar o antagonismo.”

O capítulo também foi construído levando-se em consideração elementos estruturais presentes em todos os capítulos, de forma que fique padronizado. Dessa maneira, decidiu-se que em cada capítulo deveria haver um elemento de provocação (imagens, frases ou filmes), seguido de perguntas que subsidiariam o início da problematização.

P8: “O educador vai receber esse material, o que faria o educador abrir esse material? Paulo Freire fala que a pessoa só aprende quando tem curiosidade, não teria que ter um texto antes que levasse a curiosidade, o que faria o educador se interessar por esse material? Qual o ponto?”

P4: “Um exemplo: seria a imagem do policial apontando a arma para a cabeça de um garoto. O que essa imagem desperta? Raiva, medo, prazer ou satisfação. O que você sentiu quando viu essa imagem?”

O segundo elemento comum a todos os capítulos seria a presença de um texto de apoio, elaborado para subsidiar o educador na sua argumentação com os jovens, o terceiro elemento diz respeito a um conjunto de sugestões de atividades a serem realizadas com os jovens.

P4: “A minha sugestão que quando for discutir juventude, a gente siga esse raciocínio. A gente vai discutir a partir da reprodução social e dizer que a juventude está inserida neste modo de produção. Ai a juventude tem seus valores, [...] e o que acontece é que existe uma crise de valores que os jovens estão denunciando na nossa sociedade. E quando eles denunciam isso, eles vão quebrar regras, por exemplo: vão para rua e isso gera problemas. E a resposta da sociedade é: esses jovens precisam trabalhar. Se a gente for pensar trabalho no capitalismo, isso vai realimentar todo um ciclo dessa juventude que está gerando todo um ciclo, pronto ta feito o referencial teórico. Então vamos ajudar nossos jovens a perceber isso, “proponho a você que passe o filme tal e discuta com o jovem.”

O último elemento comum a todos os capítulos é a indicação de referências pertinentes aos temas para o educador.

A discussão da oficina se encerrou com a obtenção do consenso no grupo de que o material educativo deve estar vinculado a situações da vida cotidiana.

P4: “E a finalidade é para o educador que ferramentas que vão estar aqui, vão ajudar o cara a se apropriar disso aqui? O que esse material ajuda o educador a se perceber no modo de produção capitalista de forma que ele apropriado disso vai conseguir fazer com os alunos? Essa é a pergunta que você tem que se fazer, porque é possível que tenha muitas coisas ai que tem haver com modo de produção, a sei lá valor contemporâneo do Weber, do Marx. Isso ajuda um educador da rede pública? Talvez não. Sacou?”

PQ: “Mas eu fico pensando que a gente deveria trazer no material algo que fosse concreto tanto para o educador, quanto para o educando, mesmo que o cara não more na periferia, a questão da violência você associa com o que e que está ali de concreto na sua vida, eu acho que você mostrar o modo de produção e que produz uma desigualdade e que não vai resolver com a abertura de presídio e com mais polícia, é querer bastante, não sei se foram entendendo aonde eu quis chegar?”

P8: “Naquele relatório sobre violência ou mapa da violência, ele não começa dizendo assim: o número de presos, o Brasil é o país que tem mais presídios, com o maior número, será que é isso? Não é um dado concreto que faz você refletir? Tanta gente presa e continua a violência.”

A **oficina 10** iniciou-se com os apontamentos sobre a estrutura do material educativo, realizados pelos pesquisadores.

Notou-se que houve nas discussões anteriores, enorme pessimismo em função das mazelas que o modo de produção capitalista vem produzindo no mundo todo; um, certo raciocínio linear parece ter levado a crer no desfecho da autodestruição da sociedade humana, como se as contradições do modo de produção capitalista não resultassem em tensões e conflitos sociais entre as classes sociais e frações de classe.

PQ: “Se fosse uma questão de autodestruição, o modo de produção capitalista já tinha saído de cena, mas como o Estado interfere, como por exemplo: dizimando diversas populações para conter a tensão social.”

As contradições devem, portanto, estar explícitas no conteúdo do material, como na Constituição brasileira e que todos são iguais perante a lei, mas as pessoas nascem em grupos sociais diferentes e com oportunidades diferentes, o trabalhador produz a riqueza, mas dela não usufrui. O desafio é associar essas contradições com a juventude e buscar compreender as várias respostas que os jovens podem dar a essas contradições. De forma pedagógica, podem-se elencar basicamente três tipos de respostas: adaptação, desadaptação e denúncia. Respostas que podem estar presentes nos diferentes grupos sociais e relacionadas com as condições de vida.

PQ: “Todo mundo usa droga, mas o que ela quer dizer é quem fica com o prejuízo, não é uma questão liberal, a todo mundo usa droga, mas quem é prejudicado? Quem são essas pessoas? Quem são os jovens assassinados pela questão do tráfico? O cara usa cocaína, mas ele conseguiu estudar, trabalhar, ele está se adaptando, mesmo com o uso, talvez seja isso que ela esteja falando.”

PQ: “O cara da periferia que trabalha como motoboy e está tentando sobreviver nesse modo de produção.”

O jovem que não aceita as regras do jogo, mas não encontra maneiras de se contrapor, parece encontrar-se “desadaptado”, ou melhor dizendo, não se submete, podendo muitas vezes usar substâncias psicoativas de forma prejudicial e/ou se associar com o tráfico de drogas.

No segundo momento da oficina foi discutido o formato e o conteúdo do material educativo. Avaliou-se que a construção de perguntas poderia ajudar na problematização do tema e na aproximação com o leitor.

A seguinte pergunta foi sugerida: Que valores consideram importantes de serem transmitidos aos seus filhos? Ponderou-se que realizar esse tipo de pergunta poderia desencadear várias respostas e o objetivo não é o de realizar autoanálise, mas discutir quais são os valores que orientam as decisões que tomamos ao passo que os valores são determinados pela sociedade em que vivemos.

P1: “Construir um exemplo e perguntar quais são suas escolhas, pressupõe valoração, juízo, prioridade, para mim isso é muito lógico, independente do que se vai colocar ali, isso vai aparecer e a partir dessa instrumentalização vai alimentar um pouco essa discussão, isso reflete a escolha porque eu hierarquizei, mas todas essas escolhas são determinadas pela minha condição de vida, pelo local que eu estou, meu grupo a qual eu pertencço. Não entendi qual a dificuldade nessa construção, é lógico para mim que ele vai ler, ele vai se preparar, não vai estar com o material educativo na mão para desenvolver o trabalho.”

O objetivo dessa estratégia seria impulsionar que, a partir da experiência do educador, haja exposição e discussão dos valores dos jovens, sem que se estabeleçam comparações entre os valores do educador e os dos jovens.

P4: “Então a ideia é a gente oportunizar que o cara se localize produzindo experiências e entender as próprias contradições e entender os próprios valores, para eu não projetar os próprios valores nos jovens. É isso? É tipo um trajeto para entender os próprios valores e se localizar no próprio sistema. A gente tem que propor um trajeto para o cara entrar em contradição, a partir disso que ele vai conseguir fazer um salto.”

P4: “[...] Ta vamos pensar assim, é uma aula que quer discutir o que determina os valores e como os valores influenciam sobre as escolhas, e como a gente vai fazer isso? Vai apresentar uma cena caso e possivelmente apresentar o dado do Vilmar sobre a diferença dos jovens, [...] a ideia é que seja um exercício para se ter consciência que os valores geram escolhas e ajudar a pessoa que está com material a verificar as contradições com o quanto de fato ela tem escolhas e o quanto os valores dela não são produzidos por que ela quer, mas são determinados pela estrutura da sociedade. E aí puxa pela experiência da própria pessoa e a gente aponta que essa história não serve para comparar a própria história dele com a dos jovens. Como se dá a contradição no processo de formação de valores, para ele então se sentir capacitado e ajudar os jovens a fazer esse mesmo processo de consciência.”

A estratégia educativa pode ter como objetivo identificar as diferentes manifestações, tanto na relação saúde-doença quanto nas diferentes formas de produção e consumo, entre os diferentes grupos sociais, isso pode ajudar o educador a localizar-se na estrutura da sociedade.

A **oficina 11** teve como objetivo continuar a construção da estrutura do material educativo que foi dividido em três temas: explicação estrutural, ação superestrutural e respostas sociais.

Na primeira parte, correspondente à explicação estrutural, há sugestão de que o educador veja filmes que o ajudem a perceber as diferentes condições de vida

a que jovens de diferentes classes sociais estão sujeitos, como: estudo, moradia, inserção no trabalho, etc.

P3: “A minha mãe era bem pobre quando nova, [...] ela só foi descobrir a possibilidade de fazer faculdade com vinte e três anos, só que ela fez no particular, tinha de pagar porque quando aos dezessete anos eu não sabia que ela poderia prestar para entrar na USP. Ela falou que com dezessete anos na sala dela ninguém sabia que tinha essa possibilidade, ou seja, pra que prestar? Eles não vão passar.”

P4: “Não é para o educador se localizar nisso e depois comparar a história com a dos jovens, mas que ele consiga fazer esse trajeto de se localizar [...] para que mostre ao jovem como se localizar na estrutura. Utilizar frases como: Esse exercício te ajudou? Que lugar você ocupa na sociedade? Você acha que dá pra ajudar os jovens a encontrar o lugar que eles ocupam? Um precisa se esforçar tanto, enquanto o outro já nasce com tantas opções.”

A questão do racismo também apareceu como um elemento que diferencia os indivíduos na sociedade, isso se manifesta de maneira evidente nas abordagens policiais que são mais violentas quando relativas à população negra e periférica.

P7: “Esses dias estava comentando, que eu me perdi, era bem à noite, de carro, e aí eu entrei numa rua contra mão, por que eu achei que era a melhor rua para poder entrar e aí eu vi uma viatura, falei pra ele que estava perdida, só me mostraram o caminho e tchau. Agora se fosse um homem negro, meia noite e ainda mais na contra mão, não ia só passar, aí e eu nem levei multa.”

P7: “Lá no CAPS onde eu trabalho, volta e meia os meninos, [...] eles vão andando quando vão pro clube escola, no meio do caminho são revistados, “mão pra cima”, “mão pra trás” [...]. Já a T.O. (terapeuta ocupacional) que vai junto, sem crachá e sem identificação, nunca é revistada, mas as meninas que vão junto são. [...] ela vai de roupa comum e sem crachá, mas ela tem carinha de classe média, você entende?”

P4: “Porque quando falar assim ah o negro, o branco, daí a pergunta é: o que isto tem a ver com o lugar que a gente está na sociedade? Em geral tem, por que se chegou nesse assunto, é porque alguma levou até ele. Ajudar os alunos a se localizarem. Porque a gente falou da cor, por que a gente percebeu que tinha mais gente num bairro de uma cor do que desta mesma cor no outro, então isso significa que raça tem a ver com classe social, por quê? E aí volta no assunto: qual o seu lugar nessa sociedade?”

Para complementar este eixo, pondera-se que é possível também levantar características que são comuns na sociedade e que levam ao consumo problemático de drogas, também vinculado com a estrutura social.

P4: “Se eu sou viciada é por que a sociedade é viciada. Todos nós somos viciados? Quem nós somos? Somos iguais? Quem não é igual? O que é todos nós? Ou seja, o que é incomum entre todos nós?”

P4: “Se eu sou violenta é porque a sociedade é violenta, se eu sou viciada é por que a sociedade é viciada. Quem nós somos? Eu sou o que o pessoal do meu bairro é, se eu sou “X”, de onde eu vim? Ah tá, se eu sou violento de onde eu vim? Qual a importância de “X” onde eu moro? Qual a importância de “X” pro grupo social? Por que o que a gente pensou é que tem marcas de identidade, tem funções na sociedade. Então, ser violento numa sociedade pode ser protetor. Ser estudioso pode ser desvalor, ou o

que sobrou pra mim. Tá Então essas seriam as provocações pra um debate. precisa ver como é que a gente coloca isso.”

Um ponto em destaque diz respeito à reação das famílias, principalmente as da periferia, que apresentam intensa preocupação com o consumo de drogas pelos jovens.

PQ: “O pessoal da periferia tem quase um desespero, quer dizer os pais, em relação às drogas. Meu pai de vez em quando consumia algum tipo de bebida alcoólica e quando a gente começou a ficar adolescentes, ele nunca mais colocou álcool na boca.”

P4: “Tipo para proteger vocês.”

P2: “Mas é porque a droga é “C.C.C.”, cadeia, caixão e cemitério.”

Ponderou-se também que os grupos sociais podem vivenciar o consumo de drogas de maneiras diferentes.

P4: “Por que ele usa maconha? Ele vai usar até quando? [...]. Ah eu uso porque é fase, depois eu vou fazer vestibular e depois eu paro [...] Quando eu me formar eu paro. Mas pra todo jovem é assim? Serve pra mesma coisa?”

P7: “Será que seria problemático se fosse em outro ambiente? Será que seria problemático se dependesse do tráfico pra sustentar a família?”

Uma das finalidades do trabalho educativo que toma o consumo de drogas como objeto é realizar a crítica aos valores hegemônicos.

P4: “Então o que é sucesso? O que importa na vida e qual a relação com o trabalho educacional? E o que a gente quer para os jovens? Talvez o que a gente queira aqui, seja pensar isso, né?”

P4: “Essa coisa do consumo está relacionada com as respostas sociais. Como ele responde a isso, ele tem que ter a casa dele, tem que ter o apartamento. Tendo tudo como ele vai responder? Ele se adapta?”

P4: “Porque esse professor também ele está submetido a ser o melhor, a entregar número, a competir com os outros, a dar conta, aí ele faz processos competitivos para as crianças em sala de aula, faz o ranking das notas. Esses valores bons, na escola são super esquisitos.”

A oficina é finalizada com o apontamento de que as crianças reproduzem de maneira evidente os valores dominantes existentes na sociedade de classes; a partir da compreensão desse processo o educador passa a ter mais subsídio para trabalhar com os jovens sobre estes valores.

P2: “Se os valores são individualismo, consumo, competição. Como é que você vai dar conta disso? Competir, ser o melhor, ter sempre, entre as coisas de marcas, escola particular, saúde particular, carro de marca, [...]. Como é que você dá conta disso tudo?”

P4: “Primeiro a gente localizou ele na sociedade, e agora a gente quer localizar como ele faz. E aí quando a gente pensa como é que a gente transita esse processo de consciência para os jovens. É ajudar os jovens entenderem quais são os valores deles; onde eles querem chegar e como eles vão chegar lá. O que a escola tem a ver com isso? Ou o que o processo

educativo tem a ver com isso? É isso? O que a gente quer eles tomem consciência de que existe uma crise de valores na sociedade, é isso que a gente quer, não é?”

A **oficina 12** foi destinada a rever a estrutura do material educativo que se iniciou com a continuação do planejamento da explicação estrutural.

P1: “Então qual a finalidade de usar determinadas estratégias [...]? Então a gente já quer provocar? Que comece a fazer a reflexão ou a gente dá um elemento e depois provoca, entendeu? Por que dizer pra ele apenas assistir ao filme, ah legal, ele vai se interessar tal e aí você dá o texto [...] ou você apresenta: Estamos em uma sociedade [...] constituída por diferentes classes ou grupos sociais que vivem de formas diferentes, porque os seus trabalhos são diferentes, os seus salários são diferentes. Isso você já situa e utiliza uma determinada estratégia pedagógica, porque você tem uma intencionalidade ao trabalhar com ela. Eu acho que você sempre deve fazer uma introdução, depois faz a pergunta ou a provocação, manda ver o filme e provoca uma discussão.”

P1: “Como, por exemplo, quando discutiu sobre território: *mas porque território?* Porque a gente discutiu que os valores dos sujeitos são diferentes a depender da sua localização, tempo e espaço [...].”

P2: “Ou então entender ou então colocar na mesa como as pessoas vivem nessa sociedade, não sei se como, como se constitui a sociedade. As diferentes formas de viver da sociedade.”

P1: “Reconhecer as diferentes formas de viver e trabalhar nessa sociedade.”

P2: “Esse é um e o outro é fazer com que o educador se perceba nessas diferenças, consiga se ver.”

Para fomentar a discussão foram elaboradas algumas estratégias para serem usadas como forma de provocar e estimular discussões:

P2: “Então a gente pode usar frase, desde que a gente contextualize, [...]. A gente vai por uma charge, fazer um texto. Enfim, vem com o que? Por que só uma frase solta assim, não diz absolutamente nada.”

P1: ““*Eu sou porque nós somos*”. Eu estou falando do meu grupo social. Aqui a ideia é de reforçar os diferentes grupos sociais, pois eu me lembro da fala dele: Ah com quem você joga futebol? quem você chama para jogar futebol?”. É o seu grupo, então aqui estamos reforçando a ideia dos diferentes grupos sociais? [...]. Porque os grupos sociais têm distintos valores, então *eu sou porque nós somos*.”

P2: “Perante o direito somos todos iguais, né? Mas será que nós temos o mesmo valor? Todo mundo vale a mesma coisa? Quanto vale ou é por quilo? [...] Essa é uma provocação.”

A experiência de vida do educador foi considerada pelo grupo um fator fundamental, para que seja feita a reflexão sobre o conteúdo do material, de modo que o ajudará nesta trajetória.

PQ: “Quando você fala: “Perante a Constituição todos somos iguais, porém podemos afirmar que temos o mesmo valor na sociedade?” ele não precisa pensar essa pergunta só no filme, mas também na vida dele.”

P2: “Já que a sociedade é constituída de grupos que tem diferentes formas de trabalhar e de viver, qual o grupo que você se identifica? [...] baseado nas provocações com quais personagens você se identifica?”

P1: “Na experiência dele e na bagagem que ele já tem.”

PQ: “De forma geral nós no relacionamos com pessoas que pertencem ao mesmo grupo social. A pergunta seria?”

Ressalta-se também que os grupos sociais apresentam características ou estereótipos que são próprios de cada grupo social.

PQ: “Mas uma coisa que eu estava percebendo é que os meninos que vendem no metro se vestem de uma maneira diferente dos meninos que vendem no trem. No trem o pessoal sai vendendo muita coisa e a CPTM está mais sucateada na periferia, do que o metro [...] Então os meninos para venderem as coisas no metro se vestem melhor para não serem identificados como vendedores ambulantes, eles tem que parecer com o grupo que anda no metro, eles colocam a melhor roupa [...] E os meninos falam que no metro os passageiros denunciam a na CPTM não.”

P2: “Nos provocadores é possível reconhecer os diferentes grupos sociais a partir de características específicas [...] formas de se vestir, de falar, a inserção no mercado trabalho, círculo social e circulação social.”

P1: “E pode ser a forma que a gente olha determinados grupos, se você está passando em frente a uma favela, a primeira coisa que você faz quando está dirigindo é fechar o vidro. Tem uma identidade lá que pode ser violenta.”

PQ: “Nem todo o jovem da periferia é violento, está ali às vezes naquela submissão, aliás, grande parte.”

P2: “Os grupos estão identificados por fora, existe um estereótipo.”

No segundo momento da oficina foram discutidos modos de se complementar o eixo superestrutural.

P1: “O objetivo aqui é reconhecer a função dos aparatos ideológicos para manter a sociedade do jeito que ela é. Não é o objetivo aqui? E depois identificar a função do educador para manter essa sociedade ou a transformação. [...] Explicitar os elementos da superestrutura e identificar a sua função. Não é isso?”

PQ: “Por exemplo, é desigual a gente ver as características e o que mantém essa sociedade desigual? Essa sociedade traz tensões sociais, ela é desigual, mas as pessoas não estão conformadas com a desigualdade, mas o que mantém? O que minimiza as tensões sociais, pois tem grupo que consegue consumir “X” e outro que não consegue.”

P1: “Antes disso a gente tem que falar sobre essa superestrutura, o que é e como funciona minimamente, do jeito que a gente falou como se constitui a sociedade em que vivemos. Então da mesma forma essa sociedade além dessa estrutura organizacional, ela também dispõem de elementos que te fazem pensar que essa divisão é normal.”

P2: “Então a gente entendeu que existem classes sociais ou grupos sociais, uma sociedade desigual, o que faz segurar? Por que as pessoas não se rebelam e matam o patrão? Por que os funcionários não tomam a fábrica? Porque tem todo um aparato ideológico que faz com que as pessoas acreditem que as coisas sempre foram assim, aí tem uma naturalização da sociedade, do jeito de funcionar.”

P1: “Essa sociedade dispõe de elementos [...] que sustentam a naturalização dessa forma de organização.”

P2: “Entender que sempre foi assim e que não há outro modo de produção, isso faz com que acreditemos que essa é a forma de se viver em sociedade.”

P1: “Tais elementos são representados por família, igreja, escola, poder judiciário, poder legislativo, as ciências. O poder judiciário está aí para manter as coisas como estão, o legislativo idem e o executivo também. Os três poderes.”

Foram sugeridas frases do senso comum como provocações para este eixo.

P2: “Você pode colocar algumas máximas: *Deus ajuda quem cedo madruga.*”

P1: “*Que o trabalho dignifica o homem.* Um grupo ferrado, mas se você tiver fé, Deus vai te ajudar.”

P2: “É possível viver bem com uma aposentadoria nos dias de hoje? Uma pessoa que trabalhou 30 e poucos anos, ela consegue viver bem? É certeza que ela vai dar conta de todas as contas? [...] Um aposentado no Brasil nos dias de hoje, como por exemplo: professor, enfermeiro, bombeiro ou policial consegue viver bem ou pagar as suas despesas com o valor que recebe?”

P2: “O fato de o jovem concluir o ensino médio garante emprego? Até colocar os índices de desemprego. De forma geral o jovem é tem o maior índice de desemprego. [...] E mesmo a universidade, o ensino superior garante a sua inserção no mercado de trabalho? Nem assim.”

P1: “A coisa da escola é que se você não se esforça você não vai ser ninguém, e da família também.”

P1: “É interessante o poder da ideologia que é naturalizar a situação das dificuldades, aí pega um elemento, tá vendo esse cara, se você fizer igual a ele, você vai dar certo.”

E por último foram pontuadas as possíveis respostas sociais às imposições da sociedade.

P2: “Então assim é como funciona: é dividido em classes e se mantém com a ideologia e superestrutura. E as respostas sociais das insatisfações e do jeito que a gente vive, a gente pode se adaptar, desadaptar ou partir pra cima.”

P1: “A função da polícia é diminuir, acobertar ou camuflar as tensões sociais? Ou reprimir?”

P2: “Reprimir os levantes, as manifestações, a rebeldia, nesse sentido. Esses grupos podem ser uma ameaça a essa ordem desigual.”

P1: “É no grupo que as pessoas têm estratégias, *vou roubar, vou vender, vou trambicar*, se adaptou.”

A **oficina 13** teve como objetivo, como na anterior, a elaboração da estrutura do material educativo, em especial, a construção de material ilustrativo que acompanha o conteúdo que virá na forma de texto. Decidiu-se que as charges podem aproximar o leitor do tema a ser compreendido, levando-o à problematização.

Para inspirar a elaboração de charges, foram relatadas vivências do cotidiano que expressam conflito de valores, por exemplo, quando uma pessoa fica sabendo

de uma oportunidade de emprego, normalmente o que se vê é que esta pessoa não divulga a informação aos colegas que estão na mesma situação de desemprego, a fim de evitar o aumento de concorrentes àquela vaga.

Uma vez que a situação de desemprego favorece a manifestação de valores de competição, sugeriu-se a criação de uma charge que retrate a história de dois amigos procurando emprego, sendo que um esconde do outro uma vaga aberta. Outro exemplo do cotidiano, que pode se transformar em charge, é a competição no trânsito, retratada por uma pessoa dirigindo um automóvel e impedindo a passagem de outro carro, que solicita passagem através da seta, o que mostra a necessidade de se manter à frente, e de andar mais rápido e chegar primeiro.

A família também é uma instituição que precisou se reorganizar para atender as demandas econômicas, com a mulher indo para o mercado de trabalho ou com os responsáveis pelo sustento familiar tendo que ampliar as horas de trabalho para atender necessidades de sobrevivência. Cada vez mais os membros da família vão se distanciando e as relações sociais são trocadas por bens de consumo. A charge sugerida é da linha do tempo que caracterize a época que as pessoas sentavam para jantar juntas, depois a época da televisão em que as pessoas comem de frente para a televisão e por último a imagem dos membros da família fazendo suas refeições individualmente, executando tarefas distintas, um está vendo TV, o outro no computador e o último no celular.

Ainda no âmbito familiar o grupo pontuou a importância de colocar no material educativo a família como uma instituição que reproduz os valores dominantes. Uma participante colocou que na infância sempre existiu a pressão familiar sobre o seu futuro profissional e que sua família afirmava depender apenas de sua postura individual para uma boa colocação no mercado de trabalho.

P7: “[...] é muito difícil quando você cresce você se desvencilhar daquilo que você escutou desde pequenininho como certo. Ai quando você não se adapta você vai se sentir um vagabundo, você vai se sentir um desajustado. Você não vai achar que é o sistema que está quebrado porque desde pequeno você está ouvindo de sua família esse valor.”

O grupo também discutiu a função da escola. De uma forma geral, a educação está voltada para a inserção dos jovens no mercado de trabalho e/ou para disputar as vagas nas universidades mais concorridas. Sugeriu-se a elaboração de charge que aponte para a educação que normatiza o jovem, com a finalidade de adaptá-lo ao modo de organização da sociedade.

A oficina é finalizada com a construção de uma charge no âmbito dos valores, a ilustração poderia conter uma pessoa tentando se suicidar, como pular de uma ponte e as pessoas, que estão no local, utilizando o celular para registrar a situação. Demonstrando o quanto o valor de solidariedade pode estar distanciado, sobressaindo a sociedade do espetáculo.

A última oficina, **oficina 14**, teve como objetivo rever o texto que iria servir de bases para o eixo das respostas sociais da juventude. De forma pedagógica, as respostas dos jovens às contradições sociais foram sendo analisadas conforme se mostrassem “adaptadas”, “desadaptadas” ou engajadas em movimentos sociais.

Discutiu-se que muitos jovens enfrentam situação de desemprego e como não conseguem se inserir no mercado formal, acabam por ocupar vagas no mercado informal em condições precárias. Assim, eles tentam se “adaptar” às condições sociais para conseguir sobreviver, apresentando muitas vezes dificuldade para questionar as contradições da sociedade, assim como justificativas que naturalizam sua condição.

Pondera-se que o educador deve estar atento às várias estratégias que os jovens utilizam para denunciar a situação em que vivem, muitas vezes, sem aprofundar para as raízes dos problemas. O exemplo apontado é o “rolezinho”, situação que ocorreu na cidade de São Paulo, em que grupos de jovens da periferia ocupavam espaços, como shoppings, o que gerou desconforto e medo em pessoas que frequentam esses espaços. Vale ressaltar que o shopping é um lugar que caracteriza o estímulo ao consumo, mas também caracteriza poder participar socialmente de espaços considerados glamorosos.

P9: “Então, eu acho que umas das respostas sociais dos jovens dão é essa questão dos “rolezinhos”. Eu acho que é uma resposta. Eles procuram um lugar para ficar, um lugar para interagir. Acho que é uma das repostas. Acho que uma coisa bacana que a gente teve também foi essa questão da ocupação das escolas. Acho que tudo isso dá para usar como exemplo. É uma coisa próxima dele. A ocupação das escolas foi muito assim, muito bem feita.”

A ocupação nas escolas no Estado de São Paulo, no ano de 2015, mostrou-se de elaboração complexa e crítica, com objetivos de engajamento nas decisões sobre a escola. Os estudantes reivindicavam que o governo cancelasse a reorganização escolar que escamoteia ainda mais a precarização do ensino. Os estudantes ocuparam quase 200 escolas e conseguiram que o governo do estado suspendesse a reorganização escolar.

A discussão também trouxe à tona também os jovens que não se “adaptam” à organização da sociedade e nem se engajam nos movimentos sociais. Nesse sentido pode haver consumo prejudicial de drogas, o que por sua vez pode afetar as relações sociais; e a proximidade com o tráfico de drogas pode resultar em morte, devido às dívidas contraídas entre outras situações que cercam as periferias das cidades. Outra situação que pode ocorrer é o encarceramento, pois quem define quem será preso como traficante ou usuário de drogas na lei atual é a polícia.

Em contrapartida, os recursos para lidar com a situação de consumo problemático são limitados, principalmente para os grupos sociais que apresentam condições precárias de vida. Considerando que os direitos sociais, como saúde e educação, estão sendo cada vez mais mercadorizados, apropriados pelo setor privado, o acesso a tais direitos tende a depender, exclusivamente, de poder pagar pelos serviços prestados.

A oficina é finalizada pontuando-se a importância da mobilização da juventude em âmbito local.

P2: “O consumo problemático de drogas não é apenas individual, ou seja, as pessoas não usam drogas por serem frágeis ou fracas. O consumo de substâncias está relacionado com o funcionamento da sociedade. A partir dessa compreensão, podemos nos encaixar em movimento sociais que busquem ações de níveis local. Por exemplo: verificar quais são os espaços destinados para a juventude no bairro, verificar recursos públicos existentes para poder compreender como se interfere na vida das pessoas.”

7. Conclusão

7 CONCLUSÃO: IMPLICAÇÕES PARA AS PRÁTICAS

A pesquisa-ação partiu de críticas severas aos materiais educativos sobre drogas, que circulam na sociedade, notadamente, aqueles voltados a jovens. O processo investigativo através de oficinas emancipatórias proporcionou a participação efetiva dos integrantes do grupo, bem como a construção de material educativo, de acordo com a perspectiva da Saúde Coletiva, amplamente debatida no processo. Os participantes trouxeram diferentes acúmulos de conhecimentos e experiências relativos à educação sobre drogas com jovens e o processo de sucessivas indagações, inerente à atitude investigativa, proporcionou respostas efetivas para a prática, o que deve apoiar educadores, trabalhadores da saúde, assistentes sociais, educadores físicos, psicólogos, entre tantos, que se dedicam ao trabalho com jovens e se vêem restringidos e desencaminhados, quando não totalmente perdidos, diante de material inadequado, de caráter disciplinador e aterrorizante, que circula nos diversos meios sociais, e despolitiza os jovens quanto à realidade do consumo de drogas.

Dessa forma, elaborou-se o Caderno de educação sobre drogas: como trabalhar com jovens (Anexo). O caderno está organizado em 03 eixos: 1) dimensão estrutural, que discute a estrutura da sociedade atual; dimensão superestrutural, que discute ideologia e valores na sociedade contemporânea e relação com o consumo de drogas, e 3) respostas sociais da juventude frente às contradições sociais, com discussão sobre o fortalecimento dos jovens em suas possibilidades de organização política. Os eixos são compostos pelos seguintes elementos: um texto base; para saber mais, com indicação de filmes e outros textos; questões para discussão, com perguntas norteadoras que podem apoiar pedagogicamente o processo de discussão do texto com jovens; estratégias pedagógicas, com sugestões de atividades educativas, a serem realizadas com os jovens.

O material educativo elaborado partiu de conhecimentos científicos e críticos sobre o consumo de drogas na atualidade e nesse sentido apresenta potencial para desmistificar esse consumo e expor suas contradições. O caderno construído segue os princípios da educação emancipatória, o que o coloca em situação favorável à

aproximação com os jovens em diferentes áreas de atuação, bem como ao encaminhamento de discussão crítica sobre o tema.

8. Referências Bibliográficas e Revisão da Literatura

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E REVISÃO DA LITERATURA

8.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida AH. Educação em saúde: análise do ensino na graduação em enfermagem no estado de São Paulo [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2009.

Almeida AV, Trapé CA, Soares CB. Educação em saúde no trabalho de enfermagem. In: Soares CB, Campos CMS, organizadoras. Fundamentos de Saúde Coletiva e o cuidado de enfermagem. São Paulo: Manole; 2013.

Alves VS. Modelos de atenção à saúde de usuários de álcool e outras drogas: discursos políticos, saberes e práticas. Cad Saúde Pública. 2009;25(11):2309-19.

Amarante AGM, Soares CB. Políticas públicas de saúde voltadas à adolescência e a juventude no Brasil. In: Borges ALV, Fujimori E, organizadoras. Enfermagem e a Saúde do adolescente na atenção básica. Barueri: Manole; 2009. p. 42-60.

Boiteux L. El antimodelo brasileño: prohibicionismo, encarcelamiento y selectividad penal frente al tráfico de droga. Nueva Sociedad. 2015;255:132-44.

Brasil. Decreto Presidencial n. 6.286, de 05 de dezembro de 2007. Presidência da República, Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Institui o Programa Saúde na Escola – PSE, e dá outras providências. 2007.

Brasil. Gabinete de Segurança Institucional. Conselho Nacional Antidrogas. Política Nacional sobre Drogas. Brasília; 2005.

Brasil. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, SVS/CN-DST/AIDS. A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas/Ministério da Saúde. 2ª ed. rev. ampl. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.

Brasil. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília; 2006.

Brasil. Presidência da República, Secretaria Geral. Mapa do encarceramento: os jovens do Brasil. Brasília; 2015 [citado 2015 set. 21]. Disponível em: http://juventude.gov.br/articles/participatorio/0010/1092/Mapa_do_Encarceramento_-_Os_jovens_do_brasil.pdf

Cardoso BS, Paixão IR, Soares CB, Coelho HV. Materiais educativos sobre drogas: uma análise qualitativa. Saúde e Transf Soc. 2013;4(2):149-56.

Cavalcanti BSG, Cordeiro L, Soares CB. Políticas públicas estatais de saúde na área de drogas: o caso do Programa De Braços Abertos (PBDA). Revista Sociologia em Rede. 2015; 5 (5): 119-142.

Coelho HV, Godoy A, Oliveira E, Soares CB, Campos CMS, Cordeiro L. Políticas públicas de saúde aos usuários de álcool e outras drogas: contribuição da Saúde Coletiva ao debate. Estácio de Sá. Goiânia. 2012;02(07):194-203.

Coelho HV, Soares CB. Práticas na atenção básica voltadas para o consumo prejudicial de drogas. *Rev Esc Enferm USP*. 2014;48(Esp):111-9.

Coelho HV. A Atenção ao usuário de drogas na atenção básica: elementos do processo de trabalho em unidade básica de saúde [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2012.

Cordeiro L. Formação de agentes comunitários de saúde para o desenvolvimento de práticas de atenção básica relativas ao consumo prejudicial de drogas [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2013.

Cordeiro L, Soares CB, Campos CMS. Pesquisa ação na perspectiva da Saúde Coletiva: relato de experiência da formação de agentes comunitários da saúde para o enfrentamento do consumo prejudicial de drogas. *Health & Social Change*. 2013; 4(2): 106-116.

Kantorski LP, Souza J. Embasamento político das concepções e práticas referentes às drogas no Brasil. *SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog*. 2007 [citado 2015 mar. 16];3(2). Disponível em: <http://www2.eerp.usp.br/resmad/artigos/2007v3n2a02.pdf>

Michaelis. Dicionário escolar: língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos; 2008.

Monteiro CFS, Moreira MRC, Oliveira EAR, Moura MES, Costa JV. Pesquisa-ação: contribuição para prática investigativa do enfermeiro. *Rev Gaúcha Enferm*. Porto Alegre. 2010;31(1):167-74.

Oliveira E, Soares CB, Sila JA. Pesquisa-ação emancipatória com jovens escolares: relato de experiência. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. 2016;37(3):1-6.

Reis M. Uma análise da transição dos jovens para o primeiro emprego no Brasil. *Revista Brasileira de Economia*. 2015;69(1):125-43. Santos VE, Soares CB. O consumo de substâncias psicoativas na perspectiva da Saúde Coletiva: uma reflexão sobre valores sociais e fetichismo. *Saúde e Transf Soc*. 2013;4(2):38-54.

Santos VE, Soares CB. O consumo de substâncias psicoativas na perspectiva da Saúde Coletiva: uma reflexão sobre valores sociais e fetichismo. *Saúde e Transf. Soc*. 2013; 4(2): 38-54.

Santos VE. O objeto/sujeito da redução de danos: uma análise da literatura da perspectiva da Saúde Coletiva [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2008.

Santos VE. Valores sociais e valores associados ao consumo de drogas entre jovens de diferentes grupos sociais na cidade de Santo André – São Paulo: Uma análise de representações cotidianas [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2013.

São Paulo. Decreto Municipal n. 55.067, de 28 de abril de 2014. Prefeito do Município de São Paulo. Regulamenta o Programa de Braços Abertos, e dá outras providências. 2014.

Saviani D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 8ª ed. rev. ampl. Campinas, São Paulo: Autores Associados; 2003 (Coleção Educação Contemporânea).

Silva ERA, Oliveira RM. O Adolescente em conflito com a lei e o debate sobre a redução da maioridade penal: esclarecimentos necessários. IPEA, nota técnica. 2015;20:1-41.

Soares CB, Campos CMS. Políticas públicas de saúde voltadas à adolescência e a juventude no Brasil. In: Borges ALV, Fujimori E, organizadoras. Enfermagem e a Saúde do adolescente na atenção básica. Barueri: Manole; 2009. p. 436-68.

Soares CB, Campos CMS, Leite AS, Souza CLL. Juventude e consumo de drogas: oficinas de instrumentalização de trabalhadores de instituições sociais, na perspectiva da saúde coletiva. Interface (Botucatu) 2009; 13(28): 189-99. 22.

Soares CB, Cordeiro L, Campos CMS. Pesquisa – ação emancipatória: uma proposta metodológica essencial para a enfermagem. In: Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem; 2013 jun. 3-5; Rio Grande do Norte. Disponível em: http://www.abeneventos.com.br/anais_senpe/17senpe/pdf/9026me.pdf

Soares CB, Jacobi PR. Adolescentes, drogas e Aids: avaliação de um programa de prevenção escolar. Cad Pesq. 2000;109:213-37.

Soares CB. Consumo contemporâneo de drogas e juventude: A construção do objeto na perspectiva da Saúde Coletiva [tese livre-docência]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2007.

Soares CB. Mais que uma etapa do ciclo vital: a adolescência como um construto social. In: Borges ALV, Fujimori E, organizadoras. Enfermagem e a Saúde do adolescente na atenção básica. Barueri: Manole; 2009. p. 3-22.

Sposito MP, Carrano PCR. Juventude e políticas públicas no Brasil. Rev Bras Educ. 2003;24(1):16-29.

Thiollent M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez; 2011.

Trapé CA. A operacionalização do conceito de classes sociais em epidemiologia crítica: uma proposta a partir da categoria reprodução social [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2011.

Viana N, Soares CB, Campos CMS. Reprodução social e processo saúde doença: para compreender o objeto da Saúde Coletiva. In: Soares CB, Campos CMS, organizadores. Fundamentos de Saúde Coletiva e o cuidado de enfermagem. São Paulo: Manole; 2013.

Viana N. Classes sociais, condições de vida e processo saúde-doença. Estácio de Sá. SESES-GO. 2012; 2(7):139-51.

Viana N. Juventude, trabalho e educação durante o regime de acumulação integral. Estácio de Sá. 2012b; 02(07): 166-79.

Viana N. Regime de acumulação, gerações e juventude. Revista Espaço Acadêmico. 2012a; 129:56-67.

Viana N. Juventude e Sociedade – Ensaio sobre a condição juvenil. São Paulo: Giostri; 2015.

Viana N. Os valores na sociedade moderna. Brasília: Thesaurus; 2007.

Waiselfiz JJ. Mapa da violência 2015. Mortes matadas por armas de fogo. Brasília; 2015 [citado 2015 set. 21]. Disponível em: www.juventude.gov.br/juventudeviva

8.2 REFERÊNCIAS: REVISÃO DA LITERATURA

- Assis SS, Schall VT, Pimenta DN. As representações visuais da dengue em livros didáticos e materiais impressos. *Rev Eletrôn Comun Inf Inov Saúde*. 2013;7(3):1-13.
- Bucher R, Oliveira SRM. O discurso do “combate às drogas” e suas ideologias. *Rev Saúde Pública*. 1994;28(2):137-45.
- Cabello KSA, Moraes MO. Como uma cartilha para falar em hanseníase transformou-se em história em quadrinhos. *Revista Ciências & Idéias*. 2010;1(1):88-92.
- Cardoso BS, Paixão IR, Soares CB, Coelho HV. Materiais educativos sobre drogas: uma análise qualitativa. *Saúde e Transf Soc*. 2013;4(2):149-56.
- Cotrim C, Rosemberg F. Os livros didáticos e o ensino para a saúde: o caso das drogas psicotrópicas. *Rev Saúde Pública*. São Paulo. 1991;25(4):299-305.
- Fernández AR, Manrique F, Saavedra CB. Aceptación por expertos y legibilidad de material escrito y audiovisual: Calidad y propiedades psicométricas. *Investig. Andina*. 2010;12(21):8-22.
- Fracolli A, Chiesa AM. A percepção das famílias sobre a cartilha “toda hora é hora de cuidar”. *Mundo Saúde*. 2010;34(1):36-42.
- Freitas AAS, Cabral IE. O cuidado à pessoa traqueostomizada: análise de um folheto educativo. *Esc Anna Nery*. 2008;12(1):84-9.
- Freitas FV, Rezende Filho LA. Modelos de comunicação e uso de impressos na educação em saúde: uma pesquisa bibliográfica. *Interface Comunic Saúde Educ*. 2011;15(36):243-55.
- Lopez T, Soares CB, Oliveira E. Participação de jovens em educação sobre drogas na mídia. In: Martins ML, Oliveira M, editores. *Comunicação ibero-americana: os desafios da Internacionalização*. II Congresso Mundial de Comunicação Ibero Americana; 2014 abr. 13-16; Braga, Portugal. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho; 2014. p. 859-68 [atualizado 2014; citado 2014 jan. 05]. Disponível em: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/154/showToc
- Marinho MB. O demônio nos “paraísos artificiais”: considerações sobre as políticas de comunicação para a saúde relacionadas ao consumo de drogas. *Interface Comunic Saúde Educ*. 2005;9(17):343-54.
- Mialhe FL, Silva CMC. Estratégias para a elaboração de impressos educativos em saúde bucal. *Arq. Odontol*. 2008;44(2):33-9.
- Moreira MF, Silva MIT. Legibilidade do material educativo escrito para pacientes diabéticos. *Online Braz J Nurs*. 2005;4(2).
- Nespoli G, Ribeiro VMB. Discursos que formam saberes: uma análise das concepções teóricas e metodológicas que orientam o material educativo de formação de facilitadores de educação permanente em saúde. *Interface Comunic Saúde Educ*. 2011;15(39):985-96.

Nogueira MJ, Barcelos S, Barros H, Schall VT. Criação compartilhada de um jogo: um instrumento para o diálogo sobre sexualidade desenvolvido com adolescentes. *Ciênc Educ*. 2011;17(4):941-56.

Nogueira MJ. Sexualidade e Gênero na adolescência: uma perspectiva educacional [tese]. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa René Rachou; 2008.

Oliveira GLA. Prevenção e controle da dengue no município de Sabará/MG: análise de materiais educativos impressos e das representações sociais de agentes de controle de endemias [tese]. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisas René Rachou; 2012.

Oliveira LMP. Desenvolvimento de processo e produto socioeducativo promovendo saúde em uma sala de espera [tese]. Rio de Janeiro: Instituto Oswaldo Cruz; 2011.

Oliveira VLB, Landim FLP, Collares PM, Mesquita RB, Santos ZMS. Modelo explicativo popular e profissional das mensagens de cartazes utilizados nas campanhas de saúde. *Texto Contexto Enferm*. Florianópolis. 2007;2(16):287-93.

Pimenta DN, Leandro A, Schall VT. A estética do grotesco e a produção audiovisual para a educação em saúde: segregação ou empatia? O caso das leishmanioses no Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2007;23(5):1161-71.

Pimenta DN. Disseminação de informação sobre dengue: o ergodesign no desenvolvimento e avaliação de material multimídia para educação em saúde [tese]. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa René Rachou; 2008.

Ribeiro TW, Pergher NK, Torossian SD. Drogas e adolescência: uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público. *Psicol Reflex Crit*. 1998;11(3):421-30.

Rozani TM, Fernandes AGB, Gebara CFP, Oliveira AS, Scoralick NN, Lourenço LM. Mídia e drogas: análise documental da mídia escrita brasileira sobre o tema entre 1999 e 2003 [Internet]. 2009 [citado 2015 jun. 20]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n5/16>

Santos AK, Monteiro SS, Ribeiro APG. Acervo de materiais educativos sobre hanseníase: um dispositivo da memória e das práticas comunitárias. *Interface Comunic Saude Educ*. 2010;14(32):37-51.

Santos AK, Rozemberg B. Comunicação por impressos na saúde do trabalhador: a perspectiva das instâncias públicas. *Ciênc. Saúde Coletiva*. 2005;10(4):929-38.

Silva MA. Construção de uma estratégia didática para a utilização das cartilhas “Os Caminhos da Esquitossomose” em escolas públicas de Ensino Fundamental, no município de Barra Mansa/RJ [tese]. Rio de Janeiro: Instituto Oswaldo Cruz; 2012.

Souza LHP, Rego SCR, Gouveia G. A imagem em artigos publicados no período 1998-2007 na área de educação em ciências. *Ensaio Pesq Educ Ciênc*. 2010;12(3):85-100.

Xavier JJS, Dewulf NLS, Peres CM, Barros GC, Pfrimer K, Nakao CS et al. Cinema: uma ferramenta pedagógica e humanista para temas em Saúde-Educação. A experiência do Cine Social. *Medicina (Ribeirão Preto)*. 2011;44(3):260-6. Disponível em: http://revista.fmrp.usp.br/2011/vol44n3/AO_Cinema%20ferramenta%20pedag%F3gic a%20e%20humanista.pdf

Apêndices

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Estamos desenvolvendo a pesquisa “Pesquisa-ação emancipatória para construção de material de apoio a atividades educativas sobre drogas”. O objetivo dessa pesquisa é construir material educativo que sirva de apoio a trabalhadores que desejam produzir espaços educativos com jovens sobre drogas. Convido você a participar deste estudo, que consta de cerca de dez oficinas de aproximadamente 3 horas de duração cada (dois encontros por semana). As oficinas serão gravadas, utilizando gravador de voz, para posterior transcrição e análise.

Os possíveis desconfortos decorrentes da participação em oficinas serão contornados com o agendamento prévio em local e horário convenientes aos pesquisadores, profissionais e estudantes, e participação voluntária. Esclareço ainda que não será cobrado nada por ela, assim como não haverá remuneração financeira. Você assinará duas vias deste termo, ficando com uma delas e poderá me pedir mais informações a respeito do estudo a qualquer momento. Você tem todo o direito de se recusar a participar da pesquisa, podendo abandoná-la quando desejar sem que isso lhe traga prejuízos de qualquer espécie. O anonimato e o sigilo dos dados confidenciais serão mantidos por ocasião da divulgação dos resultados da pesquisa em eventos e periódicos.

A pesquisa trará como benefício o desenvolvimento de material educativo para apoiar os trabalhadores da saúde, educação, serviço social entre outros, que têm contato com a população jovem, para o desenvolvimento da educação sobre drogas.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, entre em contato com:

Iara Ribeiro Paixão, Rua Serpentina, 530ap 5. Arujá/SP, Tel: (11) 99359-5263. E-mail: iarapaixao@hotmail.com

Ou com: Comitê de Ética em Pesquisa - Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419. São Paulo.

() Concordo em participar voluntariamente desta pesquisa

() Não concordo em participar desta pesquisa

Assinatura da pesquisadora

Assinatura do participante

São Paulo, ____ de _____ de 2015

APÊNDICE B - Questionário

Caracterização do Participante

1. Nome: _____
2. Sexo: () M () F
3. Formação terceiro grau. () sim () não
4. Área de formação: _____
5. Instituição em que se se formou. () Instituição Pública () Instituição Particular ()
Outras: _____
6. Tempo de formação? _____
7. Formação complementar:
 - 7.1. Aprimoramento () Em que área? _____
 - 7.2. Especialização () Em que área? _____
 - 7.3. Mestrado () em andamento (). Em que área? _____
 - 7.4. Doutorado () em andamento (). Em que área? _____
 - 7.5. Pós-doutorado () em andamento (). Em que área? _____
 - 7.6. Não realizado ().
8. Tempo de participação no grupo de pesquisa? () anos () meses.
9. Qual foi a sua principal atividade profissional? Descreva sua experiência

10. Como acredita que pode contribuir para o desenvolvimento deste estudo?

ANEXO

ANEXO

Caderno De Educação Sobre Drogas: Como Trabalhar Com Jovens

2016

Realização

Este caderno foi elaborado pelo Grupo de Pesquisa “Fortalecimento e desgaste no trabalho e na vida: bases para a intervenção em Saúde Coletiva”, da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Está fundamentado na perspectiva da Saúde Coletiva, particularmente nos ensinamentos advindos da educação emancipatória e da metodologia da pesquisa-ação emancipatória, instrumentos centrais de ensino e pesquisa filiados a esse campo. Nessa perspectiva, os participantes construíram o material de forma cooperativa e participativa. O material foi elaborado a partir de dezenas de contribuições da literatura que, ao longo dos anos, ajudou a construir a argumentação e as propostas apresentadas. As principais, que se referem mais diretamente aos textos e estratégias construídas para este caderno estão listadas ao final.

O material encontra-se disponível para download em:

<http://fortalecimentoedesgaste.com.br>

Coordenação: Iara Ribeiro Paixão

Colaboradores na elaboração do material:

Alva Helena de Almeida

Aline Godoy Vieira

Beatriz Souza Garofalo Cavalcanti

Carla Andrea Trapé

Luiza Carraschi de Oliveira

Elza Maria Branco Padrão

Luciana Cordeiro

Pedro Desidério Checchetto

Vanessa Ferreira de Almeida Piuchi

Convidados:

Vilmar Ezequiel dos Santos

Cassia Baldini Soares

Celia Maria Sivalli Campos

Montagem:

Elda de Oliveira

Ilustrações:

Lucas Caique Santos de Azevedo

Apresentação

Este material educativo foi elaborado para trabalhadores da saúde, educação, serviço social, entre outros, que têm interesse em trabalhar com o tema.

O objetivo do material é apoiar os trabalhadores no desenvolvimento de atividades educativas direcionadas aos jovens, referente ao tema consumo prejudicial de drogas. A finalidade do material é fortalecer grupos juvenis na busca por compreensão das realidades que cercam o consumo prejudicial de drogas, bem como na luta pela transformação das condições que determinam essas realidades.

O caderno está dividido em três eixos que correlacionam a estrutura e a dinâmica das formas de trabalhar e de viver atuais ao consumo prejudicial de drogas. O primeiro eixo, sobre a estrutura da sociedade atual, tem como objetivo reconhecer as diferentes formas de trabalhar e de viver das classes sociais na sociedade capitalista; o segundo, que corresponde à ideologia e aos valores na sociedade contemporânea, tem como objetivo identificar as instituições responsáveis pela produção ideológica (formação das ideias, representações, valores e conceitos) da sociedade e reconhecer que a estrutura do modo de produzir em sociedade determina essa produção ideológica. No terceiro eixo, que corresponde às respostas juvenis frente às contradições sociais, o objetivo é identificar as respostas apresentadas pelos jovens às desigualdades sociais.

Os três eixos foram organizados de maneira a apresentar um texto inicial sobre o tema, um item com indicações de leituras ou filmes para saber mais, uma seção com questões para estimular a discussão sobre o tema proposto, e finalmente um conjunto de estratégias pedagógicas sugeridas. Essas estratégias, assim como o caderno em si, não foram desenhadas para serem seguidas com rigidez, mas com a finalidade de apoiar a compreensão sobre o tema, facilitar a comunicação e o processo educativo.

Sumário

EIXO I – A ESTRUTURA DA SOCIEDADE ATUAL	4
PARA SABER MAIS	7
Filme: Que horas ela volta?	7
Filme: Quanto vale ou é por quilo?	7
Filme: Vida Maria	7
Documentário: “Crack, repensar”	8
QUESTÕES PARA DISCUSSÃO	8
ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS	8
Estratégia 1	8
Estratégia 2	9
Estratégia 3	10
EIXO II – IDEOLOGIA E VALORES SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE	11
PARA SABER MAIS	14
Documentário: Acabou a paz, isto aqui vai virar o Chile	14
Curta metragem: El Empleo	14
Documentário: Servidão Moderna	15
Filme: Starving The Beast	15
QUESTÕES PARA DISCUSSÃO	15
ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS	16
Estratégia 1	16
Estratégia 2	16
Estratégia 3	16
EIXO III – RESPOSTAS JUVENIS FRENTE ÀS CONTRADIÇÕES SOCIAIS	18
PARA SABER MAIS	20
Filme: Criança a alma do negócio	20
Filme: Sem pena	21
Filme: Pro dia nascer feliz	21
Filme: Cortina de fumaça	21
Filme: Educators	22
Filme: Notícias de uma guerra particular	23
Filme: Entre os muros da escola	23
QUESTÕES PARA DISCUSSÃO	23
ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS	24
Estratégia 1	24
Estratégia 2	27
Estratégia 3	27
Estratégia 4	27
Estratégia 5	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
GLOSSÁRIO	31

EIXO I – A ESTRUTURA DA SOCIEDADE ATUAL

Objetivo: reconhecer as desigualdades na sociedade capitalista e as diferentes formas de trabalhar e de viver que essas desigualdades engendram.

Organização social e modos de vida das classes sociais na sociedade brasileira

A sociedade atual se organiza através de instituições e relações sociais criadas para viabilizá-la, mantendo-a livre de tensões e conflitos. No Brasil, como na maior parte dos países, predomina o modo de produção capitalista, que se estrutura por relações entre as classes sociais fundamentais, compostas pelos capitalistas, donos dos meios de produção, como as fábricas, e pelos

proletários, trabalhadores assalariados nesses meios de produção. A sociedade capitalista se estrutura também por relações sociais entre as demais classes sociais, que orbitam em torno das classes fundamentais, e que são remanescentes de modos de produção anteriores ou foram sendo produzidas pelas mudanças capitalistas que são engendradas nos diferentes regimes de acumulação que o capitalismo cria para manter os lucros dos capitalistas sempre altos. Dessa forma, embora haja uma variação de denominações na literatura sobre o tema, pode-se dizer que hoje em dia entre as classes privilegiadas, além da burguesia (capitalistas), está a burocracia e a intelectualidade. Já entre as classes desprivilegiadas, além do proletariado, estão o campesinato, os demais trabalhadores assalariados do setor terciário da economia, os pequenos

comerciantes, os cooperativados, e ainda, o lumpemproletariado, que congrega os desempregados e subempregados.

É importante salientar que a divisão social em classes determina a posição na divisão social do trabalho, o que gera modos de vida comuns aos membros da classe.

As várias classes sociais estabelecem relações sociais semelhantes com relação ao acesso aos bens produzidos, tanto materiais quanto sociais, como educação, saúde e cultura.

Pode-se dizer então, que a sociedade capitalista tem uma estrutura fundamental que determina as formas de trabalhar dos grupos sociais, o que por sua vez, impõe certas formas de viver, ou seja, onde e como os indivíduos residem, quanto ganham e como consomem, onde e o que estudam, com quem se relacionam, que hábitos adotam e que representações têm sobre a realidade.

Tal estrutura é marcada por diferenças e oposições de classe, contraditoriamente a observações menos atentas, que representam a realidade social como conjunto harmônico, constituído por diferentes grupos sociais que naturalmente escolhem viver e consumir segundo as suas posses, desejos, valores etc.

Nas regiões urbanas ou rurais, onde concretamente trabalhamos e vivemos vamos então, a depender da classe social (dimensão abstrata da divisão social) nos aglutinar em grupos sociais com características e necessidades semelhantes de reprodução social – formas de trabalhar e de viver -, que representam a dimensão concreta da divisão social.

Para fazer a síntese

As classes sociais apresentam diferenças marcadas pela divisão social capitalista. As classes são concretamente encontráveis na sociedade em grupos que compartilham espaços geossociais comuns, da cidade e do campo, com similares formas de trabalhar e de viver (acesso a bens sociais e culturais, relações sociais e familiares, representações, e valores), inerentes às possibilidades concretas de trabalho e vida. Os grupos sociais são também conformados por aspectos particulares, que embora submetidos à condição de classe, acrescentam condições distintas de outros grupos que compartilham da mesma classe social como opções sexuais distintas da dominante, estado de imigração antiga ou recente, estar

refugiado, pertencer a etnias não-dominantes, gênero não-dominante, heranças culturais, formação, rede de apoio, mecanismos de proteção, sujeição à violência, entre tantos.

Ao identificarmos esse espaço é preciso também compreender que a leitura que fazemos dos demais grupos e das formas como vivem e convivem com essa organização social poderá não corresponder à realidade dos fatos. Isto é, nem sempre estamos dotados de capacidade de compreensão dessa realidade a ponto de interpretá-la para além da(s) aparência(s). Isso porque tal interpretação vem sempre acompanhada de conhecimentos e valores comuns à classe social a que pertencemos e que por sua vez encontram-se mescladas à ideologias de outras classes. Um instrumento ou ferramenta que nos auxilia a fazer a leitura da realidade é a Educação. Nesse sentido, atuar como educador implica necessariamente em compromisso com uma dada interpretação do mundo no qual vivemos de forma a explicitar as relações estabelecidas entre os homens, no intento de expor suas contradições e transformar as condições que estão na origem dessas contradições.

No que diz respeito, em particular, ao tratamento da questão do consumo de drogas entre jovens, na sociedade contemporânea, é preciso fazer a escolha por uma dada educação. Essa educação deve permitir compreender a função, o uso e as implicações do consumo de drogas nos diferentes grupos sociais, a fim de introduzir elementos que aperfeiçoem as representações sobre a realidade, tornando-as menos ilusórias, e fortalecendo a organização dos grupos juvenis, para enfrentar os problemas que estão na raiz desse consumo.

PARA SABER MAIS

FILME: QUE HORAS ELA VOLTA?

Direção: Anna Muylaert, Regina Casé.

O filme trata da vida de uma mulher que saiu do Nordeste para buscar melhoria das condições de vida em São Paulo, deixando para trás sua filha. Em São Paulo trabalha como babá em uma mansão no Morumbi, bairro de renda alta. Treze anos depois, sua filha resolve vir a São Paulo para prestar o vestibular e sua mãe não conta que mora na casa dos patrões. A jovem vai morar na casa dos patrões da mãe, mas se comporta de forma que tanto sua mãe, como sua patroa não esperavam. O comportamento da jovem quebra a relação entre patrão e trabalhador, causando conflitos.

FILME: QUANTO VALE OU É POR QUILO?

Direção: Sergio Bianchi e colaboração de Eduardo Benaim e Newton Cannito

O filme discute o modo de vida das classes sociais dominantes no período colonial e a relação com os dominados, reportando-se principalmente aos escravos. O racismo é contextualizado historicamente, buscando-se ressaltar que ele, bem como a apartação social que acarreta, se perpetuam. No presente, enfoca as ONGs destacando o papel controverso dessas instituições nos espaços periféricos, de exploração da pobreza. Como parte da crítica ao tratamento social dispensado às classes subalternas, o filme aborda ainda instrumentos de manipulação ideológica de massa, como o carnaval e o futebol.

FILME: VIDA MARIA

Direção: Márcio Ramos

O cenário é o sertão nordestino, com a história de vida de Maria José, menina de cinco anos que passa várias horas tentando escrever o seu nome num caderno velho. Maria Aparecida, a mãe, impede Maria José de continuar a escrever para ajudar nos afazeres de casa. Maria José continua a alimentar seu sonho de escrever seu nome; cresce, casa, tem vários filhos e se incumbe de suas rotinas domésticas no cotidiano. Sua única filha, Maria de Lourdes, tenta usar o mesmo caderno para

aprender a escrever, mas é repreendida por Maria José, que, como sua mãe, chama a filha para ajudar nas tarefas da casa. A história das Marias se reproduz historicamente de geração em geração.

DOCUMENTÁRIO: “CRACK, REPENSAR”

Direção: Felipe Crepker Vieira e Rubens Passaro

O curta-metragem critica a política de combate às drogas que afeta sobremaneira os grupos sociais marginalizados. Apresenta depoimentos de usuários, ex-usuários, profissionais, acadêmicos e gestores sobre o consumo de drogas, especialmente focalizando o crack.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. A constituição brasileira estabelece que todos os cidadãos são iguais. Pode-se afirmar que todos têm o mesmo reconhecimento social?
2. As formas de trabalhar e de viver de sua família são distintas das de outras famílias? Como?
3. Você se identificou com algum dos personagens? Por quê?

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

ESTRATÉGIA 1

Propor a construção de um mapa para que os jovens reconheçam o seu bairro. Pode ser construído a partir de perguntas como:

1. Os locais de trabalho são próximos ou distantes dos locais de moradia? Como se deslocam da casa para o trabalho? Como são as vias de acesso? As ruas são asfaltadas? A iluminação é adequada? O transporte público é de boa qualidade e frequente?
2. Há espaços abandonados (terrenos baldios, lixões, córregos)?

3. Como são as moradias? Elas contam com serviços de infraestrutura urbana (água, energia, esgoto, recolhimento do lixo)?

4. Como estão distribuídos os equipamentos sociais nesse território? Quantas são as escolas? Em que situação se encontram? Existem cursos profissionalizantes? De que? Quantas são as praças? Em que situação se encontram? Qual a situação de Centros ou Quadras Esportivas? Há Centro(s) Cultural(is)? Teatro(s)? Cinema(s)? Unidades de Saúde? Há alguma delegacia nas proximidades? É visível a presença da Segurança Pública nos arredores? Como é e em que situação os moradores são abordados pela polícia?

5. Como se caracteriza o comércio na região?

6. Como as pessoas costumam aproveitar o seu tempo livre? Como é o lazer?

Finalidade: reconhecer os grupos sociais que residem nos bairros, se são homogêneos ou heterogêneos, e quais são as necessidades sociais desses grupos.

ESTRATÉGIA 2

Fazer um mapa comparando dois bairros que tenham diferentes condições de vida e que sejam conhecidos pelos participantes do grupo de jovens; pode ser o bairro onde eles moram e outro, que caracterizam como bem distinto. Destacar a diferença existente entre os bairros, como: o que os jovens fazem no final de semana; o que os jovens fazem nas férias; como eles vão à escola; se e como acontece o consumo de drogas nesses dois bairros; como os pais e/ou familiares se relacionam com o consumo de drogas nos dois bairros? Como é a abordagem da polícia em relação ao consumo de drogas nos dois bairros?

Finalidade: reconhecer que o consumo de drogas nos diferentes grupos sociais tem características distintas e pode ter repercussões diferentes no âmbito individual, familiar e social.

ESTRATÉGIA 3

A partir do filme *Que horas ela volta?*, proponha discussão sobre as questões relacionadas ao modo de vida das duas famílias focalizadas no filme. Algumas perguntas podem ser feitas para estimular a discussão, como: Todos “se esforçaram” da mesma forma para chegar onde estão? Todos os que “se esforçam” chegam ao mesmo lugar? O trabalho das duas mulheres gera os mesmos modos de vida? No final Jéssica consegue passar no vestibular e ingressar na faculdade? Com que frequência essa situação acontece na realidade? De que isso depende? Qual foi a reação dos pais ao consumo de drogas do filho? Todas as famílias teriam a mesma reação? Por quê?

Finalidade: rever a representação ilusória de que “basta se esforçar para se obter posição social” e discutir as diferentes abordagens que as famílias adotam com relação ao consumo de drogas.

EIXO II – IDEOLOGIA E VALORES SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Objetivo: identificar as instituições responsáveis pela produção ideológica (formação das ideias, valores e conceitos) da sociedade e reconhecer que a estrutura do modo de produzir em sociedade determina essa produção.

Por que as pessoas não se rebelam?

Você já se perguntou por que a maioria das pessoas não se rebela contra a desigualdade social? A resposta pode ser encontrada na coerção, na força, mas também na ideologia, que naturaliza a lógica social dominante, de exploração do homem pelo homem.

A ideologia dominante, que é a ideologia da classe social dominante, encontra-se disseminada na sociedade por um conjunto de ideias, que alimentam a falsa consciência sobre a realidade. As classes sociais submetidas à lógica da exploração tendem a ter representações cotidianas ilusórias sobre a realidade, pois na maioria das vezes não têm acesso à educação de

natureza complexa.

A linguagem cotidiana é cercada de representações ilusórias sobre a realidade, que vão se naturalizando, pois são repetidas à exaustão, sem crítica ou refutação e de maneira simplificada. Podemos verificar isso em frases triviais do cotidiano que muitas vezes aceitamos sem questionar, como: “O trabalho dignifica o homem e engrandece a alma.”, “É pobre, mas limpinho”, “O direito à propriedade privada é de todos os homens”, “A escola dá oportunidades a todos”, “Matou a

mulher para defender a honra”, “Homem que é homem não chora”, “É uma negra bonita”, “É coisa de baiano” e assim por diante.

Essas representações são disseminadas através dos processos de socialização que reproduzem os valores, as regras em vigor, no tempo histórico em que vivemos. Na formação necessária para o trabalho as representações também são reproduzidas, pois é esperado um bom nível de conformidade do trabalhador especialmente se ele trabalha em ocupações de trabalho pesado e com salários baixos.

A família teve historicamente a função de transmitir essa formação, porém com o tempo ela deixou de dar conta de parte considerável dessa tarefa, que foi atribuída à escola. Isso aconteceu porque a família teve que responder a novas exigências capitalistas, com a mulher ingressando na produção capitalista e integrando cada vez mais o mercado de trabalho, e com o aumento da complexidade do trabalho, que passou a exigir domínio de técnicas e instrumentos mais sofisticados, para o ingresso dos jovens no mundo do trabalho.

A escola, no entanto, sofre atualmente de descrédito, pois não atende às expectativas em relação à inserção no mercado de trabalho. A escola destinada aos grupos sociais populares está abandonada pelo Estado, pois sua função não é mais a de formar, mas apenas garantir o diploma exigido pela competição capitalista. Já nos grupos sociais privilegiados, a escola se expande com maiores tempos de formação para dar conta de qualificações mais sofisticadas, que a competição no mercado de trabalho especializado impõe.

Se num período não tão longínquo, o jovem era considerado o futuro da nação porque iria com seu trabalho engrandecer o país, em nossos dias, ele já não tem esse valor social, dado o aumento do desemprego e à crescente desvalorização do trabalhador, o que vem afetando principalmente a juventude. Para o capital não há barreiras nacionais, ficando o escasso conjunto de empregos disponíveis sujeito à competição internacional.

Observa-se, em nossos dias, mudanças muito importantes na configuração das famílias, com muitas delas optando por não terem filhos. As famílias, como os jovens, sofrem os desgastes das dinâmicas sociais atuais. Com as propostas neoliberais de diminuição dos direitos sociais, como educação e saúde (que deixam

de ser garantidos por políticas públicas, tornando-se presas do setor privado), a família tem que suprir sozinha a manutenção de seus membros, redistribuindo internamente os recursos entre os que têm renda e os demais indivíduos que a compõe. A família, no entanto, não está conseguindo manter as exigências e os valores de sucesso econômico e, diante das dificuldades econômicas e sociais, deixa de garantir a sustentabilidade dos membros que não estão no mercado de trabalho, especialmente nos grupos sociais mais pobres da classe trabalhadora. Para ajudar na renda familiar, os jovens são levados a ingressar no mercado de trabalho mais cedo e em condições precárias. Entre os grupos sociais que fazem parte das classes sociais privilegiadas, é possível que os jovens se mantenham em casa até mais tarde, garantindo assim a qualificação especializada exigida pela competição do mercado de trabalho.

Hoje os jovens ficam mais tempo sem os pais, que estão trabalhando para redistribuir a renda entre os membros; ficam sob a influência da TV, de jogos eletrônicos, da rede social, a mercê de alimentos industrializados, expondo-se muito pequenos à violência e à sexualidade que a mídia transmite. A sociabilidade se faz na escola, e muitas vezes no trabalho, dependendo do grupo social, porque a rua e suas adversidades são proibitivas. Todas essas restrições, ao lado da percepção de um futuro incerto, traz consequências sobre os sentimentos e os comportamentos dos jovens.

Para amenizar o mal estar trazidos por esses sentimentos de desvalorização social e de desamparo, o consumo de drogas se torna uma opção, assim como a procura por potencialidades advindas do cultivo do corpo ideal nas academias, do poder de compra de mercadorias, da projeção para ocupar lugares de destaque social, ou ainda, do uso de tatuagens e *piercings*.

A educação foi integrada ao mercado, de forma que para o dono da escola privada o importante é o quanto vai lucrar e não exatamente a qualidade da formação que a escola oferece. Para os que podem pagar, essa formação é direcionada ao acesso às universidades mais concorridas, atendendo aos anseios dos jovens e das famílias. Assim, valores como competição e individualismo estão no cotidiano dos jovens. A educação, no entanto, na escola pública, para os que não podem pagar, está cada vez mais sucateada. A escola pública sobressai assim muito mais como espaço de sociabilidade, de encontro, e de obtenção do diploma e

muito menos como espaço formativo. No entanto, observa-se que a sociabilidade junto aos pares vem se constituindo como forma de discussão e de denúncia em relação às contradições da sociedade. Muitas escolas, que contam com educadores comprometidos com a formação crítica de estudantes, incentivam a discussão e a participação social. Nas periferias, por exemplo, culturas juvenis como o *funk*, o grafite e o rap vem se forjando a partir da sociabilidade entre jovens, o que muitas vezes é incentivado na ambiência das escolas públicas.

Como dissemos inicialmente, as pessoas não se rebelam apenas em função da ideologia, mas também da coerção. Este eixo tratou da ideologia, mas sabemos que o controle social exercido pelo Estado tem se manifestado na forte repressão a manifestações e movimentos em que os jovens apresentam conteúdos de defesa ou ampliação dos direitos sociais ou denunciam as desigualdades. Assim, valores e ações que estão relacionadas com o bem coletivo, como os de cidadania, ou os que confrontam as divisões sociais estabelecidas, tendem a ser reprimidos pelo Estado.

PARA SABER MAIS

DOCUMENTÁRIO: ACABOU A PAZ, ISTO AQUI VAI VIRAR O CHILE

Direção, Produção e roteiro: Carlos Pronzato

O documentário relata o movimento estudantil que ocupou mais de 200 escolas no Estado de São Paulo no ano de 2015. O movimento reivindicava que o governo estadual cancelasse a reorganização escolar que iria precarizar ainda mais o ensino público, com o fechamento de escolas e superlotação de salas de aula.

CURTA METRAGEM: EL EMPLEO

Diretor: Santiago “Bou” Grasso

O curta-metragem discute a relação homem e trabalho na sociedade capitalista, mostrando que o homem é um mero objeto, que cumpre funções de forma passiva. Assim, o homem não desenvolve as suas potencialidades e encontra-se impossibilitado de perceber que está submetido aos próprios produtos que cria.

DOCUMENTÁRIO: SERVIDÃO MODERNA

Direção: Jean – François Brient e Victor Leon Fuentes

O documentário expõe a maneira como a maioria da população está submetida à lógica de exploração no modo de produção capitalista. São elencadas várias formas de ocultar a exploração do homem pelo homem, desde a escolha da linguagem e as imagens que serão utilizadas na comunicação de massa, até a repressão do Estado aos grupos que denunciam as contradições da sociedade.

FILME: STARVING THE BEAST

Direção: Steve Mims

O filme discute conflitos atuais nas universidades americanas existentes em função do avanço absurdo das políticas neoliberais que estão sendo implementadas, orientadas para o mercado. O autor, que é também professor, mostra caminhos já bastante conhecidos pelos brasileiros, especialmente o da degradação do ensino médio, através de cortes de verbas, que vão degradando as escolas, e servindo de justificativa para a privatização.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

A partir do texto sugerimos discutir os valores sociais relacionados à família, à escola, ao trabalho, e à juventude.

1. Aposentados no Brasil nos dias de hoje, como professores, enfermeiros, policiais não conseguem viver bem ou pagar todas as despesas com a renda que recebem. Por que isso acontece?
2. O fato de o jovem concluir o ensino médio e mesmo o universitário não garante sua inserção no mercado de trabalho. Qual é a função da escola nos dias de hoje? O que de fato leva à inserção no mercado de trabalho?
3. O que a sociedade reserva para os jovens?
4. O que é sucesso? O que é realização? São diferentes?

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

ESTRATÉGIA 1

Solicitar aos jovens que reúnam frases populares que consideram preconceituosas, que preservam mitos e naturalizam crenças, que estimulam a desigualdade e a naturalizam. Isso pode ser feito via internet, caso haja acesso, ou mesmo como tarefa para trazer em atividade sequencial, entre outras. Exemplos:

“Deus ajuda quem cedo madruga” - “O trabalho dignifica o homem ” - “A vida abre portas para quem se qualifica” - “A gente dá as mãos e eles querem o braço”

Finalidade: desconstruir mitos e preconceitos sociais, que conformam ideologias de estímulo e naturalização das desigualdades.

ESTRATÉGIA 2

Discutir com os jovens, a partir de depoimentos dos participantes, o que os leva a frequentar a escola e qual é a expectativa que eles têm em relação à escola.

Finalidade: contribuir para a compreensão do que significa escolarização, qualificação para o trabalho, socialização e sociabilidade.

ESTRATÉGIA 3

Discutir com os jovens o tema do sucesso, a partir de pessoas que eles consideram bem sucedidas.

Finalidade: contribuir para compreender a ideologia do sucesso e como ela perpassa as classes sociais.

Escolas tradicionais, instituições em que o educador detém o conteúdo e as regras transmitidas

EIXO III – RESPOSTAS JUVENIS FRENTE ÀS CONTRADIÇÕES SOCIAIS

Objetivo: identificar as reações que os jovens apresentam às desigualdades sociais.

Participação política da juventude

Atualmente o status de felicidade está fortemente associado ao acúmulo de mercadorias ou bens que satisfazem as nossas necessidades, por exemplo, o carro tornou-se um meio de transporte quase imprescindível na sociedade moderna;

através dele adquirimos maior conforto o que muitas vezes não é proporcionado pelo transporte coletivo, que recebe pouco investimento. Atualmente, não basta ter carro para locomoção, o carro precisa ter cada vez mais acessórios que o diferencie dos demais; modelos e marcas atribuem status e poder.

As diferentes classes sociais apresentam desigualdades de renda e portanto acessam as

mercadorias de maneira desigual. Grupos sociais, que fazem parte das classes desprivilegiadas, sofrem mais com a pressão para adquirir bens de consumo, pois têm renda comprometida com a sobrevivência, e são culpabilizados pelo suposto “fracasso” de não poder consumir tantos bens. Pode-se dizer, sem sombra de dúvida, que na sociedade capitalista os jovens das diferentes classes sociais vivem a juventude de formas diferentes, de acordo com o padrão de reprodução social de sua família, o que em última instância é a reprodução da classe social. A juventude dos grupos sociais com menos estabilidade e menores rendas, como vimos anteriormente, tem sua formação escolar prejudicada, e acaba permanecendo em subempregos ou até mesmo, em alguns espaços sociais desfavoráveis, se inserindo no tráfico de drogas para obter renda e ajudar suas famílias.

A competição por espaço no mercado de trabalho, com os gradativos aumentos dos índices de desemprego, tem afetado a juventude de maneira importante. No contexto de competição por vagas no mercado de trabalho e de estímulo progressivo ao consumo de mercadorias, os jovens têm apresentado diferentes respostas sociais. O consumo de substâncias psicoativas para aliviar as tensões, buscar prazer imediato e se encaixar no mundo está incluído nessas respostas. Isso acontece muitas vezes num contexto de alienação, com o jovem se esforçando por responder às imposições sociais do mundo adulto, sem possibilidade de questionar as contradições da sociedade moderna. O consumo de drogas, lícitas ou ilícitas, pode trazer prejuízos, como os que advêm da relação com o tráfico de drogas, que pode usar de violência contra os usuários na cobrança das dívidas relacionadas às drogas, nas brigas entre grupos de traficantes. Há ainda problemas sérios ligados ao controle social exercido pela polícia, levando ao encarceramento e muitas vezes à morte.

Em relação ao consumo de drogas, quando a família está inserida em um grupo social com condições precárias de vida, os recursos para lidar com a situação de consumo são limitados. Considerando que os direitos sociais, como saúde e educação, estão sendo cada vez mais mercadorizados, apropriados pelo setor privado, o acesso a tais direitos tende a depender de poder pagar pelos serviços prestados.

Outra resposta da juventude às contradições sociais, que não aquelas caracterizadas como de adaptação, tem sido a de engajamento em movimentos sociais e culturais. O engajamento da juventude nesses movimentos incentiva o posicionamento crítico e a participação política frente às contradições que estão na base das desigualdades.

A juventude tem utilizado vários instrumentos para denunciar as contradições da sociedade, como letras de músicas do rap, participação nos “rolezinhos”, grafites nas cidades, entre outras iniciativas que tentam ocupar espaços sociais nas cidades. Como profissionais que trabalham com a juventude, pode-se estimulá-los à participação política, a partir da participação nessas manifestações sociais e culturais e abrindo os espaços institucionais para sua organização.

Competição por vaga de trabalho

Dois amigos indo procurar emprego. Um deles encontra uma oferta de trabalho e não avisa para o amigo, pois não quer aumentar a concorrência.

PARA SABER MAIS

FILME: CRIANÇA A ALMA DO NEGÓCIO

Direção: Estela Renner

Documentário que destaca como as crianças e os jovens são afetados pela mídia de massa na sociedade de consumo. Crianças e jovens reconhecem diferentes tipos de marcas e optam por frequentarem shopping centers ao invés de brincarem. O filme incita reflexões sobre a mídia, o consumo, e sobre como podemos ser influenciados.

FILME: SEM PENA

Direção: Eugênio Puppó

Trata-se de documentário que aborda a questão do sistema carcerário brasileiro explorando a função da justiça e do cárcere. São entrevistados detentos, juízes e filósofos que discutem o tema. Há uma série de constatações a respeito do preconceito contra os mais pobres e da corrupção entre policiais e juízes. Destaca-se a impossibilidade de reinserção social dos presos e os maus-tratos estendidos às suas famílias. O filme apresenta o sistema carcerário brasileiro como uma instituição de controle social do Estado, por pertencer a uma estrutura que visa, acima de tudo, proteger os bens dos cidadãos em liberdade contra aqueles mantidos em segregação.

FILME: PRO DIA NASCER FELIZ

Direção: João Jardim.

Documentário que retrata experiências de escolas brasileiras. São discutidas as diferenças entre escolas públicas e privadas e as similaridades entre as escolas públicas da periferia de Pernambuco, do Rio de Janeiro e de São Paulo. São explorados os diferentes contextos sociais, econômicos e culturais, a partir das realidades que constituem a estrutura educacional. São apresentados diferentes pontos de vistas sobre a instituição escolar, o do aluno, o do professor e o da família.

FILME: CORTINA DE FUMAÇA

Direção: Rodrigo Mac Niven.

Documentário em que se abordam as dificuldades da sociedade em lidar com as drogas, principalmente, a maconha. São levantadas questões sobre o consumo da maconha, chamando-se a atenção sobre os moralismos existentes na sociedade.

Recorre-se às políticas públicas sobre drogas e a argumentos sobre o tema, de intelectuais, especialistas ou não. Explora-se, também, o fato de o consumo de drogas estar presente em diferentes culturas, desde a antiguidade, tanto com a finalidade de alterar a consciência quanto para uso terapêutico.

FILME: EDUCATORS

Direção: Hans Weingartner

O filme retrata a indignação de jovens com a sociedade capitalista. Os jovens retratados passam a invadir mansões como forma de protesto. Deixam marcas dessas invasões, como móveis e objetos fora de lugar e mensagens de protestos. Uma das invasões é na mansão de um empresário conhecido de uma das participantes. O empresário havia processado a moça por um acidente de trânsito e ela deveria pagar o estrago no carro dele. A casa do empresário é invadida, mas na saída a moça esquece o celular. Ao retornarem para resgatar o aparelho são identificados pelo empresário e decidem sequestrá-lo.

FILME: NOTÍCIAS DE UMA GUERRA PARTICULAR

Direção: João Moreira Salles e Kátia Lund

O documentário tem a finalidade de mostrar a “guerra” que envolve os personagens: o Estado, representado pela polícia, o narcotráfico, representado por distribuidores, e os moradores de uma favela do Rio de Janeiro. Os moradores são reféns da guerra particular que ali se trava entre o narcotráfico e a polícia. Moradores, traficantes e policiais dão depoimentos, que expõem seus diferentes pontos de vista sobre o problema.

FILME: ENTRE OS MUROS DA ESCOLA

Diretor: Laurent Cantet

O filme expõe o choque cultural e social dentro de uma sala de aula, entre professor e alunos que vivem em constante conflito. Um professor de língua francesa em uma escola de ensino médio localizada na periferia de Paris busca apoio junto aos demais professores da escola para estimular seus alunos. Ele parece não compreender as razões pelas quais os estudantes se encontram desestimulados.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Quais são seus planos para o futuro? Vocês consideram que tais planos serão realizados?
2. Quais são os movimentos sociais em que os jovens participam? E este grupo em particular?
3. Como os jovens expressam a criatividade? Como expressam sua insatisfação? E este grupo?

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

ESTRATÉGIA 1

Discutir a letra da música “Resposta ao Funk Ostentação” do compositor Edu Krieger.

Finalidade: desmistificar a ideologia do consumo das letras do funk ostentação.

Resposta ao Funk Ostentação - Edu Krieger

*Você ostenta o que não tem
Pra tentar parecer mais feliz
Mas não sabe que pra ser alguém
Tem que agir ao contrário do que você diz
Você pensa que tem liberdade
Exibindo riqueza e poder
Mas não vê que na realidade
O sistema é que lucra usando você*

*E o sistema tem a cor
Do racismo e da escravidão
Cada vez que você dá valor
À roupinha de marca e à ostentação
A elite burguesa e branca
Que é dona das lojas de grife
Se dá bem, pois você bota banca
Mas é o sistema que aumenta o cacife*

*Clipe norte-americano
De artista que faz hip hop
Você quer imitar por engano
Pensando que assim vai ganhar mais iBope
É a regra do capitalismo
Eles querem que a gente consuma
Pra vivermos à beira do abismo
A gente pra eles é p*rra nenhuma*

*Você pensa que é modelo
Pras crianças da comunidade
Sinto muito, mas devo dizê-lo
Que o que você faz é uma puta maldade
Se o moleque não tem condição
De entrar nesse mundo grã-fino
Isso pode virar frustração
E você vai f*der com o pobre menino*

*Pode até assaltar um playboy
Pois se fica excluído da moda
Recebe desprezo e isso lhe dói
E as mulheres que dão atenção
Que te cobrem de beijo e afeto
Valem menos do que seu cordão
Pois você trata elas pior que objeto*

*Quem batalha pra viver
E botar a comida na mesa
De repente te vê na Tv
Dirigindo carrão e exibindo riqueza
Ostentando pra ter atenção
E achando que isso é maneiro
Sem saber que essa ostentação
Faz o branco do banco ganhar mais dinheiro*

*Negro tem que ter poder
Negro tem que ser protagonista
Tem que estar no jornal, na Tv
No outdoor e na capa de toda revista
Mas não tem a menor coerência
Ostentar um anel de brilhante
Isso só vai gerar violência
Inveja e recalque no seu semelhante*

*Que legal sua conquista
Sua história de vida também
Mas seu papo é tão consumista
Que faz de você um artista refém
Dessa pose fajuta e falida
Que só finge aumentar autoestima
Infeliz de quem sobe na vida
E não sabe o que faz quando chega lá em cima*

Fonte: [https://www.vagalume.com.br/edu-krieger/resposta-ao-funk-](https://www.vagalume.com.br/edu-krieger/resposta-ao-funk-ostentacao.html)

[ostentacao.html](https://www.vagalume.com.br/edu-krieger/resposta-ao-funk-ostentacao.html)

Letra: E vamos à luta. Composição: Gonzaguinha.

*Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão
Eu vou à luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada*

*Aquele que sabe que é negro o coro da gente
E segura a batida da vida o ano inteiro
Aquele que sabe o sufoco de um jogo tão duro
E apesar dos pesares ainda se orgulha de ser brasileiro
Aquele que sai da batalha
Entra no botequim, pede uma cerva gelada
E agita na mesa logo uma batucada
Aquele que manda o pagode
E sacode a poeira suada da luta e faz a brincadeira
Pois o resto é besteira
E nós estamos pelaí...*

*Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão
Eu vou á luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada
Aquele que sabe que é negro
o coro da gente
E segura a batida da vida o ano inteiro
Aquele que sabe o sufoco de um jogo tão duro
E apesar dos pesares ainda se orgulha de ser brasileiro
Aquele que sai da batalha
Entra no botequim, pede uma cerva gelada
E agita na mesa logo uma batucada
Aquele que manda o pagode
E sacode a poeira suada da luta e faz a brincadeira
Pois o resto é besteira
E nós estamos pelaí...
Eu acredito é na rapaziada*

ESTRATÉGIA 2

A música “E vamos à luta”, do compositor Gonzaguinha, pode ser utilizada para discutir o engajamento dos jovens na sociedade.

Finalidade: desmitificar a ideologia de que os jovens não participam da vida social e não são afetados por ela.

ESTRATÉGIA 3

Promover a discussão do documentário “Criança, a alma do negócio” dirigido por Estela Renner, em que é amplamente ilustrado o incentivo da sociedade ao consumo, utilizando-se as mídias de massa. O documentário explora também como as relações sociais substituem o afeto pelo consumo de produtos de marcas.

Finalidade: discutir as diferentes mídias, o tempo dispendido com elas, e como as mídias influenciam o comportamento social em relação ao consumo de diferentes mercadorias.

ESTRATÉGIA 4

Levantar as experiências dos participantes em relação aos temas discutidos no material.

Finalidade: avaliar o processo trazendo à tona o impacto e as mudanças na vida cotidiana que a discussão dos temas propiciou e explorar os novos temas suscitados por essas discussões avaliativas.

ESTRATÉGIA 5

Pode-se propor o jogo *Cidade dorme*: representações cotidianas sobre drogas, que é facilmente trabalhado com jovens. Como atividade lúdica, ele possibilita descontração e exposição de representações cotidianas ilusórias em relação a drogas, a usuários de drogas e a outras questões sociais atuais.

Vídeo ilustrando utilização desse jogo, bem como o tutorial, pode ser encontrado no link <http://eaulas.usp.br/portal/video.action?idItem=7256>

Finalidade: contribuir para o fortalecimento de indivíduos e grupos sociais por meio da crítica social a representações ilusórias sobre o consumo de drogas e a sociedade em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Birman J. Tatuando o desamparo: a juventude na atualidade. In: Cardoso MR, organizadora. Adolescentes. São Paulo: Escuta; 2006. p. 25-44.
2. Braghini KK. Torre de Marfim: Um panorama sobre a mercantilização do ensino superior nos Estados Unidos. *Comunicação & Educação*. 2015;20:147-153. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/89950>>.
3. Dowbor L. A economia da família. In: Acosta AR, Vitale MAF, organizadores. Família: redes, laços e políticas públicas. 5ª ed. São Paulo: Cortez; 2010. p. 293-316.
4. Lachtim SAF, Soares CB, Campos CMS, Coelho HV, Moreira CR, Silva SM. Valores sociais atribuídos à família por jovens de diferentes grupos sociais. *Revista de Ciências da Saúde da Faculdade Estácio de Sá de Goiás-FESGO*. 2012;02(07):216-27.
5. Latchim SAF, Soares CB. Valores atribuídos ao trabalho e expectativa de futuro: como os jovens se posicionam? *Trab. Educ. Saúde*. 2011;9(2):277-93. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v9n2/07.pdf>
6. Oliveira E, Soares CB, Silva JA. Pesquisa-ação emancipatória com jovens escolares: relato de experiência. *Rev Gaúcha Enferm*. 2016;37(3):e62059. Available from: <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/viewFile/62059/38087>. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.62059>.
7. Oliveira E, Souza GC, Soares CB. Pesquisa-ação: oficinas emancipatórias como instrumento para coleta de dados e apreensão das representações cotidianas. *Sociologia em rede [Internet]*. 2015 [cited 2015 Jul 13];5(5):12-26. Available from: <http://redelp.net/revistas/index.php/rsr/article/view/2soares5/254>
8. Pereira-Pereira PA. Mudanças estruturais, política social e papel da família: crítica ao pluralismo de bem-estar. In: Sales MA, Matos MC, Leal MC, organizadores. Política social, família e juventude. Uma questão de direitos. São Paulo: Cortez; 2010.
9. Santos VE, Soares CB. O consumo de substâncias psicoativas na perspectiva da Saúde Coletiva: uma reflexão sobre valores sociais e fetichismo. *Saúde e Transf. Soc*. 2013;4(2):38-54.
10. Silva VGB, Soares CB. As mensagens sobre drogas no rap: como sobreviver na periferia. *Ciênc. Saúde Coletiva [Internet]*. 2004 Dec [cited 2016 Sep 30];9(4):975-85. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000400018&lng=en. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232004000400018>.
11. Soares CB, Campos CMS, Leite AS, Souza, CLL. Juventude e consumo de drogas: oficinas de instrumentalização de trabalhadores de instituições sociais, na perspectiva da Saúde Coletiva. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. 2009;13(28). Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832009000100016&lng=pt&nrm=iso

12. Soares CB. Agências de socialização e valores sociais: a família, a escola, os pares e o trabalho. In: Borges ALV, Fujimori E, organizadoras. Enfermagem e a Saúde do adolescente na atenção básica. Barueri: Manole; 2009. p. 61-81.
13. Viana N. A pesquisa em representações cotidianas. Lisboa: Chiado; 2015.
14. Viana N. A teoria das classes sociais em Karl Marx. Florianópolis: BookKess; 2012.
15. Viana N. Juventude e sociedade: ensaios sobre a condição juvenil. São Paulo: Giostri; 2015.

GLOSSÁRIOⁱ

Estado – instituição social que estabelece um conjunto de funções sociais e como elas devem ser desempenhadas. A lei máxima do Estado é a Constituição Federal e ela rege os direitos que o Estado deve garantir aos cidadãos. No entanto, o Estado opera segundo interesses de classes e grupos sociais, com a função de assegurar a dominação e a exploração. Estado e governo são coisas diferentes, pois o Estado perdura, estabelecendo-se de acordo com o modo de produção dominante. Já os governos são compostos por pessoas que ocupam posições de autoridade no interior do Estado, que podem ser trocadas em tempos curtos.

Ideologia – é um conjunto de ideias, valores, crenças e atitudes, que justificam o lugar que grupos sociais ocupam na sociedade. A maioria das ideologias serve a grupos dominantes para perpetuar dominação e privilégios. Em geral, a cultura de todos os sistemas sociais inclui uma ideologia que serve para explicar e justificar sua existência. A ideologia pode, por outro lado, servir de base para movimentos de mudanças sociais contra a dominação e a exploração.

Modo de produção – maneira como uma sociedade se organiza para produzir os bens e os serviços e que é dominante num certo tempo histórico, como o capitalismo domina na época em que vivemos. Essa forma de organização da produção depende do desenvolvimento das forças produtivas - a força de trabalho humano e dos meios de produção (máquinas e outras ferramentas para transformar as matérias-primas e brutas). Todo modo de produção depende também das relações sociais, que no caso do modo de produzir capitalista consiste nas relações entre classes sociais, a burguesia, que domina os meios de produção, e a classe trabalhadora, que vende sua força de trabalho.

ⁱ Johnson AG. Dicionário de Sociologia. Guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1997.